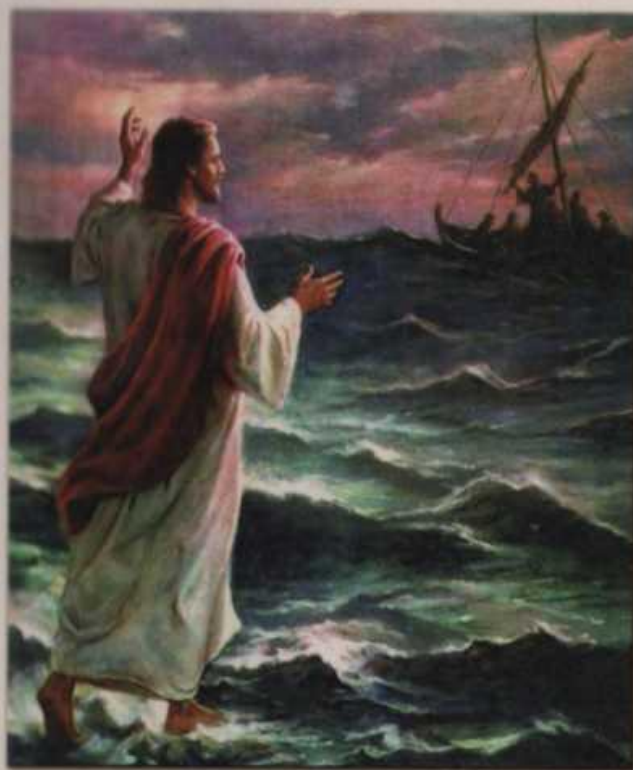


Agnaldo Paviani
Benedita Pimentel

Tudo é Possível Àquele que Crê

editora
DIDIER

Tudo é Possível Àquele que Crê



Agnaldo Paviani
pelo espírito
Benedita Pimentel

TUDO É POSSÍVEL ÀQUELE QUE CRÊ

Neste livro, a Benfeitora Espiritual narra fatos verídicos acontecidos entre este mundo e o outro. Sempre exaltando a vitória do bem, mas sem perder o contato com a realidade demonstra que a paz e a felicidade estão ao alcance de todos, porque como ensinou Jesus: “Tudo é possível àquele que cre”.

Agnaldo Paviani

pelo espírito

Benedita Pimentel

Tudo é possível àquele que crê / pelo espírito Benedita Pimentel ; [psicografado] por Agnaldo Paviani. -- Votuporanga, SP : Casa Editora Espirita "Pierre-Paul Didier", 2006.

Prefácio

Meus queridos irmãos em Cristo...

O trabalho no bem é o único meio de preservarmos nossas almas do desequilíbrio total. Enquanto nossas mãos permanecerem ocupadas com a construção de coisas boas e úteis, nossas mentes permanecerão equilibradas.

Trabalhar, eis a receita mais eficaz no combate às tristezas, amarguras, infelicidades e incredulidades, quase sempre estados de espírito causados pelas mãos inoperantes no bem.

Anelar a felicidade sem verter o suor do sacrifício é demonstração de ignorância das leis que regem nossas vidas. Para o espírito consciente de seus deveres, no corpo ou fora dele, o trabalho será sempre motivo de júbilo.

Trabalhar pelo nosso crescimento...

Trabalhar em favor dos sofredores...

Trabalhar pela construção de um mundo melhor...

Desde o meu retorno à vida espiritual, graças à misericórdia divina, fui admitida em uma das muitas equipes de trabalho coordenadas pelo “anjo” da boa vontade, Bezerra de Menezes. E, nessas minhas palavras iniciais, se existe algo que tenho urgência em dizer é que nossos irmãos no corpo não se iludam: o trabalho fora do corpo é muito mais intenso, pois não existem mais as fugas ao serviço nobre disfarçadas de necessidades, como o descanso, lazer e tantas outras justificativas inaceitáveis.

É do conhecimento da maioria que as leis divinas não constroem, não obrigam, não exigem e o trabalho será sempre uma oportunidade de reequilíbrio para o espírito que tiver o **desejo sincero** de servir. Contudo, posso lhes assegurar que, após a desencarnação, o espírito que tiver o mínimo de consciência da vida e de si mesmo, o que ele mais desejará é trabalhar.

Quanto a mim, entre as muitas atividades que me foram designadas, trabalhar junto aos irmãos encarnados nas nobres e edificantes reuniões de desobsessão, amparar os espíritos recém-libertos do corpo e auxiliar nos dramas ocasionados pelos elos de ódio estabelecidos entre encarnados e desencarnados, denominados de obsessão

- obviamente dentro das limitações de que sou portadora

- foram e são atividades diárias.

Nesses labores que não cessam, o nosso orientador, Bezerra, sempre afirma:

“Filha, enquanto uma lágrima estiver a deslizar por uma face amargurada, não temos o direito do descanso”.

Uma das muitas coisas que tenho aprendido com este venerável espírito é que temos de servir, sem olhar para trás, à semelhança do semeador que saiu a semear... Nosso papel é

apenas semear e deixar por conta do tempo a incumbência de fazer com que as sementes nasçam, cresçam e produzam.

Durante um tempo, resisti à idéia de escrever a nossos irmãos encarnados, uma vez que sou apenas simples servidora do Cristo, sem créditos para uma tarefa tão nobre quanto a do livro espírita, mesmo porque inúmeros médiuns e espíritos com respeitável bagagem espiritual já se dedicam a este mister. Mas foi em uma de nossas reuniões habituais para traçarmos planos de ação, nos casos que estão sob nossa responsabilidade, que o amigo José de Moraes

- criatura que aprendemos a amar, pela sua bondade e pela sua dedicação à causa espírita desde a época em que estava no corpo, sendo um “combatente” das primeiras horas do Espiritismo - nos abordou após a reunião e, sempre com um sorriso estampado na face, nos disse em tom fraternal:

“Benedita, o que tem faltado aos homens não é cultura e conhecimento, mas, sim, amor e doação. Escreve aos nossos irmãos com teu coração, mostra-lhes principalmente que, nas roseiras, não se amaldiçoam os espinhos: apenas sente-se o perfume das rosas”.

Inspirada pelas palavras do amigo, nos propomos, então, este pequeno trabalho, que tem um objetivo definido: alertar nossos irmãos sobre a grandiosidade da vida. Entenda-se, se é verdade que muitos que deixam o corpo chegam a este outro lado em verdadeira indignidade moral, também é verdade que existe um número significativo de irmãos que desembarcam na vida espiritual como vencedores. Em nossas atividades junto aos encarnados, nos foi possível acompanhar inúmeros casos dessa natureza. Eram espíritos que conseguiram, durante a existência física, vencer suas mazelas, indivíduos que optaram pelo amor, outros que exerceram com respeito e doação a mediunidade e, depois da morte, colheram o que haviam plantado.

Vimos com grande emoção muitos reencontros de mães com seus filhos, espíritos protetores reencontrando seus tutelados, espíritos afins que permaneceram por algum tempo separados e que se reencontraram, mais tarde, depois da viagem a qual todos farão.

Portanto, nosso objetivo nestas linhas é falar do belo, do bom, da vitória, da misericórdia divina, do lado otimista da vida, sem, claro, perder o contato com a realidade que mostra que esse estado de consciência tranqüila e paz no coração ainda é para uma minoria que já “despertou”, porém é uma realidade ao alcance de todos que desejarem, assim

como nos dizes de Jesus com o pai do menino “possuído” pelo espírito: **“Tudo é possível àquele que crê”...**

Sem dúvida, para aqueles que possuem a fé inabalável e para aqueles que já aprenderam a amar, a vida sempre terá um colorido especial.

Todos os casos narrados nestas linhas são verídicos e foram acompanhados por mim.

Com a devida autorização de nossos superiores, narro-os, com um único objetivo: o de demonstrar por que a bondade, o amor e a fé são sentimentos que podem desfazer qualquer armadilha por parte das trevas. Meditemos:

Por que valorizarmos o mal, se existe o bem?

Por que nos desesperarmos com a morte, se a vida pulsa em toda parte?

Por que nos determos apenas em cenas deprimentes, se todos os dias temos o nascer do Sol nos convidando a recomeçar?

Por que chorarmos, se podemos sorrir?

Deus nos abençoe!

Benedita Pimentel

1º de outubro de 2005.

Capítulo 1 A Desencarnação de Florinda

O veículo era conduzido pelo Sr. Andreu. No banco, a seu lado, estava sua esposa, Florinda. Pelo adiantado da hora, quase meia-noite, a rodovia permanecia praticamente deserta. O casal retornava de uma viagem de negócios à capital paulista.

A nossa equipe havia sido informada de que, naquela noite, ocorreria a desencarnação da companheira de Andreu, cumprindo sua prova, planejada por ela mesma antes do seu retorno ao corpo.

O casal viajava em silêncio. Alguns minutos antes do momento cruciante, como que presentindo o término da existência física, Florinda contempla o esposo por alguns instantes e em seguida o questiona:

— Andreu, você me ama?

Surpreso com a pergunta, digamos, “fora de hora”, redargüiu, quase instintivamente:

— Claro que sim, querida! Nossa vida, nossa união duradoura são provas disso. Mas por que essa pergunta agora?

— Por nada, meu bem. Apenas tive vontade de perguntar... Gostaria de lhe dizer que também o amo muito e sou muito grata a você por estar comigo nos momentos mais difíceis.

Sem que tivessem consciência do fato, na verdade aquele diálogo era a despedida. O silêncio se fez novamente e, então, depois de uma curva perigosa, um pneu dianteiro do veículo estoura! Tudo é muito rápido. Andreu tenta controlar o carro, mas é inútil: o veículo colide com uma árvore no acostamento e cai em uma ribanceira.

Para nós, espíritos fora do corpo, por muitas vezes, não nos é permitido intervir e permanecemos como meros espectadores. Aquela era uma tal situação, pois nosso objetivo era amparar Florinda, após seu espírito deixar o corpo. Enganam-se aqueles que acreditam que nós, os espíritos, podemos “tudo”. Para ser sincera, considerando as mentes quase sempre em desequilíbrio de nossos irmãos encarnados, não podemos quase “nada”.

Em alguns segundos, tudo estava consumado. Aproximamo-nos do veículo, agora quase que todo destruído, e vimos o corpo de Florinda esmagado entre as ferragens, enquanto que Andreu havia sido arremessado para fora do carro e permanecia desacordado.

Agora víamos “duas” Florindas. O espírito de nossa irmã, apesar do impacto do acidente,

permanecia com certa lucidez. A princípio, sem se dar conta da própria desencarnação, tentava acordar o marido e clamava por socorro.

Joaninho, o coordenador de nossa equipe pediu que dois enfermeiros de nosso plano fizessem uma avaliação do estado do Sr. Andreu. Enquanto isso, aproximou-se da vítima fatal e falou-lhe:

— Florinda, por que o desespero? Não confia em Deus?

A jovem senhora recém-desencarnada não só ouviu a voz de nosso orientador como também identificou a sua presença e a nossa. Ao mesmo tempo, virou-se para o veículo e viu o próprio corpo desfigurado. O choque da visão causou súbito mal-estar, o que, claro, era compreensível. Joaninho colocou-a numa maca e pediu que se acalmasse.

— Andreu... Como ele está? Preciso ajudá-lo... - disse Florinda, contemplando o marido desacordado.

Joaninho, com a calma que lhe é peculiar, segurando suas mãos, disse-lhe:

— Não se preocupe! O quadro dele não é grave. Ele não vai morrer!

Apesar do relativo equilíbrio, percebíamos que Florinda ainda não se havia dado conta do acontecido. Via de regra, ela teria sido conduzida imediatamente a um hospital de nosso plano, porém aquela situação era uma exceção. Joaquinho esperava por alguém, antes de conduzir a irmã para o devido repouso hospitalar.

Todo aquele amparo à recém-liberta do corpo não era cometido por acaso, pois Florinda fez por merecer toda aquela ajuda.

Apenas, para se ter uma idéia mais clara da nobreza daquela irmã, diria que sua vida foi uma nobre sucessão de testemunhos.

Casou-se muito cedo, antes dos dezoito de idade; foi “amor à primeira vista” ou, para ser mais ^correta na colocação, “reencontro à primeira vista”, o Sr. Andreu, comerciante bem sucedido e dotado de generoso coração, iniciou com ela um grande trabalho em favor de crianças abandonadas. O casamento dos dois foi o que poderíamos definir como união de “almas gêmeas”. Ergueram, com muito sacrifício, um orfanato e com dinheiro próprio cobriam as despesas naturais da entidade.

Enquanto o Sr. Andreu cuidava de seu comércio, Florinda se dedicava em tempo integral ao orfanato, até que algo aconteceu que mudaria a vida dos dois para sempre. Florinda ficou grávida e, claro, a alegria foi geral. Após os naturais nove meses, nasceu uma linda menina. Agora, a felicidade de Florinda estava completa. Porém, depois de seis meses do nascimento da menina, o médico diagnosticou um grave problema cardíaco; segundo os especialistas, o bebê já havia nascido com o problema.

A partir daí, começava uma luta desesperada pela vida da filha. No decorrer de mais ou menos três anos, foram seis internações e duas cirurgias. Aos poucos, o genitor gastava todas as suas

economias. O tratamento era extremamente caro, sendo necessário que o comerciante vendesse sua casa e outros bens materiais.

Quando a menina completou cinco anos, o médico da família informou aos pais que seria necessária uma nova cirurgia. Se tudo corresse bem, seria a última e, então, a filha do casal Andreu e Florinda estaria definitivamente curada de sua grave enfermidade.

O casal vendeu tudo o que tinha para pagar a cirurgia. Aliás, nessas horas, quando a vida daqueles que amamos está em jogo, os valores materiais já não têm importância.

Porém aconteceu o que ninguém esperava; uma complicação durante o ato cirúrgico, somada à fragilidade de um corpo infantil, levou a menina

Esteia ao óbito!

E impossível descrever com palavras a dor da separação através da morte.

Florinda suportou com heroísmo a dor. O casal manteve a atividade do orfanato a duras penas. Reconstruíram o patrimônio material e se aproximaram, graças à dor da “perda”, do Espiritismo. Tomando contato com a Doutrina Espírita, a mãe, que sofria sem se revoltar, agora experimentava a paz e a felicidade de saber que sua filha estava viva.

Por vários anos, Florinda militou na seara bendita; o orfanato tornou-se um departamento da casa espírita em que trabalhavam, criando oportunidades para que outras pessoas pudessem doar-se a crianças desamparadas.

Consciente de seus deveres, Florinda passou a realizar encontros onde contava com detalhes sua experiência e como havia suportado a dor da separação, trabalho este que ajudou a muitas mães que haviam experimentado o mesmo transe.

A resignação foi uma das virtudes de Florinda, a qual lhe dava créditos para ser amparada daquela maneira depois da morte. Nenhum só dia ela se permitiu ficar em casa chorando; quando a dor se fazia intensa, era consolando os outros que ela encontrava a

alegria de viver.

Retornando à desencarnação...

Enquanto os curiosos e as equipes de resgate chegavam até o veículo e socorriam o Sr. Andreu ali mesmo, apenas a alguns metros do trágico acidente uma outra realidade se desdobrava. Agora bem mais calma, Florinda perguntou a Joaquinho:

— Responda-me, irmão: eu morri?

Joaquinho sorriu e lhe respondeu:

— Não serei eu quem responderei sua pergunta. Aliás, quem eu esperava acabou de chegar.

Eu posso lhes afirmar que, de todos os casos de desencarnação que presenciei, aquele foi o que mais me emocionou.

Uma adolescente de mais ou menos quinze anos, usando um vestido cor-de-rosa e um laçarote

no cabelo, aproximou-se da maca e, sem rodeios, desabafou:

— Ah, mamãe! Até que enfim, você veio me dar seu colo novamente!

O pranto convulsivo foi a única resposta que Florinda conseguiu dar... Elas se abraçaram e todos nós que ali estávamos nos emocionamos.

De fato, o ser humano está longe de conseguir enxergar a realidade à sua volta, pois, a alguns metros daquela cena inesquecível de uma mãe que reencontrava a filha, uma pequena multidão fazia os comentários mais absurdos e deprimentes, tais como:

— Ele deve ter dormido no volante...

— É possível que estivessem brigando...

— Será que ele estava bêbado?...

O Sr. Andreu foi conduzido ao hospital e a Sra. Florinda adormeceu nos braços da filha e foi levada por ela para a internação destinada ao devido refazimento.

Durante o velório, no outro dia, houve uma comoção muito grande por parte dos amigos e entre os muitos espíritos que ali se fizeram presentes. Ouvimos as mais variadas profecias sobre o destino de nossa irmã:

— Ela ainda deve estar lá no local do acidente...

Outros aventavam:

— Ela deve ter se deslocado para uma linda colônia em local desconhecido.

Outros ainda afirmavam:

— Ela era um espírito de luz. Agora será nossa “mentora”...

Florinda era apenas alguém que havia conseguido cumprir sua tarefa, com mérito, adquirido mas sem títulos imerecidos. Não era nenhuma alma sofredora, mas também nenhum espírito missionário: apenas um espírito em evolução.

* * *

Para que não perdesse nenhuma dúvida sobre nossas colocações, é necessário esclarecer que, nos casos de mortes violentas, quase sempre o espírito permanece atordoado, sem entender o que lhe aconteceu. É diferente dos casos de desencarnação em que o indivíduo permanece por vários anos doente; nesse caso, a morte já é algo esperado.

O importante é ressaltar que, tanto num caso como no outro, o que determinará, de fato, a situação do espírito depois da morte física não é o tipo de morte que teve, mas, principalmente, **o tipo de vida que o indivíduo levou.**

Florinda, por exemplo, teve uma desencarnação violenta e nem por isso permaneceu em sofrimento ou, como ocorre com muitos, ficou ligada ao corpo, simplesmente porque ela havia angariado para si mérito suficiente para aquele momento.

Um dos grandes problemas para aqueles que deixam o corpo é o fato de angariarem para si apenas o que é secundário e passageiro: dinheiro, bens materiais, renome... Quando desencarnam, deixam tudo isso para trás e, conseqüentemente, perdem o seu referencial, descambando muitas vezes para a alienação.

A mensagem que gostaríamos de deixar com o caso de Florinda é que nem sempre aquilo que parece ser uma tragédia de fato o é. Os mais pessimistas e os possuidores de visão limitada da vida com certeza diriam:

— Uma tragédia! Seu corpo ficou irreconhecível. Deve ter sofrido muito. Coitado do marido!...

Na verdade, não houve tragédia alguma. Nossa irmã simplesmente cumpriu o que estava na programação reencarnatória; reencontrou a filha querida; saiu da existência física com mais mérito do que quando chegou a ela e, dentro da evolução alcançada, ainda pôde auxiliar o esposo na sua caminhada.

Onde a tragédia? Onde a injustiça?

E preciso dilatar nossa visão espiritual sobre os acontecimentos da vida.

Capítulo 2 Intercâmbio Fraternal

As reuniões de desobsessão são um bálsamo para os irmãos que têm a consciência a queimar pelo remorso ou o coração em brasas pelo ódio que acumularam na alma.

Na condição de colaboradora dessas atividades junto aos encarnados, minhas palavras são de incentivo às reuniões dessa natureza. Os espíritos fora da matéria desejam falar, desabafar, chorar, e nossos irmãos encarnados não têm o direito de fechar essa porta, mesmo porque isso não seria de todo possível, já que as “chaves” dessa porta não estão nas mãos de ninguém. Necessário se faz entender que há determinados casos para os quais somente o contato fluídico com o médium e a doutrinação bem feita são capazes de trazer a solução. Não se pode ou pelo menos não se deve fazer um Espiritismo sem espírito.

Que aqueles que se dedicam à prática da mediunidade não tenham tanto receio. Preparem-se devidamente, orem e deixem que possamos falar aos que têm sede de ouvir. É preciso pautarmos por um trabalho com disciplina, entretanto, não poucas vezes, o excesso de zelo tem atravancado belíssimos intercâmbios.

Era noite de reunião de desobsessão. Quando o relógio apontou 20 horas, o diretor encarnado das atividades de intercâmbio do centro ao qual nos vinculamos, deu início ao trabalho, lendo um trecho do capítulo XV de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Os médiuns assumiram uma postura de respeito e oração. O grupo não era expressivo: apenas seis médiuns, o suficiente para a realização de um bom trabalho. Naquela noite tínhamos um caso muito difícil.

Tratava-se de um processo obsessivo que perdurava por alguns anos; a “vítima”, possuidora de certa fragilidade moral, permitia que o algoz comandasse seus passos à semelhança de uma criança que comanda um brinquedo com um controle remoto. O caso era grave, pois a Sra. Samanta, de quase cinquenta anos, estava à beira da loucura.

Assim que a reunião teve início, eu e dois seareiros de nossa equipe nos deslocamos até o lar daquela senhora em busca do espírito responsável pela situação na qual se encontrava essa irmã.

Sempre que possível - é minha opinião pessoal -, evitemos o termo taxativo *obsessor*, palavra quase sempre associada a vilão, malfeitor;

na verdade, o denominado obsessor é apenas um irmão que ainda não aprendeu a

amar, temporariamente vivendo o ódio.

Em minhas experiências nesse campo, tenho observado que o nosso (e aqui me refiro também aos encarnados) carinho e o nosso amor pela criatura equivocada causam um impacto mais profundo e mais salutar que as muitas palavras quase sempre pronunciadas sem o devido sentimento.

Ao chegarmos no lar da Sra. Samanta, o espírito equivocado, Victor, se mantinha ao pé da cama enquanto que sua “vítima”, a dormir, era atormentada por horríveis pesadelos. Pedimos que ele nos acompanhasse, mas tivemos resposta negativa. Então, um de nossos enfermeiros, se valendo da força moral, o envolveu em ternura e o levamos para a reunião que seguia o seu curso.

Victor se debatia, dizendo impropérios, contrariado por estar naquele local. Levá-lo até ali era necessário: precisávamos iniciar o tratamento. Digo tratamento, porque quem tem ódio no coração tem, na verdade, uma doença curável com a medicação do amor. Quando houve um intervalo maior nas comunicações, aproximamos Victor do médium, e este imediatamente assimilou as vibrações e sensações do nosso irmão. Posicionei-me ao lado do doutrinador, para assisti-lo no diálogo. Victor ainda resistiu, mas depois cedeu e deu-se início ao diálogo mais ou menos assim:

— Por que cobram de mim, se quem me deve é ela!

— Não estamos cobrando nada, meu amigo, mas apenas tentando ajudar a ela e a você.

— Não quero sua ajuda!

— É preciso amar.

Quando o doutrinador pronunciou a palavra *amar*, o semblante de Victor mudou totalmente. Com os olhos perdidos no infinito e um tanto descontrolado, desabafou:

— Acha que eu não tenho capacidade para amar? Foi o meu amor por ela que me trouxe até aqui. Você me pede para amar, mas não sabe que no passado amei aquela mulher. Tínhamos elos fortes que ela fez questão de destruir. Você sabia que eu seria seu filho?... Eu precisava voltar, fiz planos para minha reencarnação. Iríamos nos encontrar novamente, só que agora não como amantes, mas como mãe e filho.

O doutrinador encarnado ouvia tudo sem interromper, enquanto Victor continuava:

— Eu estava disposto a me tornar melhor, e o que ela fez? Me expulsou de seu ventre como alguém que se livra de uma doença contagiosa! Faltava pouco, muito pouco... Apenas mais alguns meses...

A justificativa de acidente doméstico convenceu a todos, mas eu sei que não foi acidente: sei que ela me matou! Miserável! Que direito ela tinha de fazer isso comigo! Eu tinha que voltar e ela me impediu!

Aproveitando a pausa que se fez, o doutrinador interveio:

— Meu irmão, você terá outra oportunidade para a volta.

— Não quero mais! Não me interessa! Ela matou minha expectativa! Vou devolver na mesma moeda! Ela me matou e eu a matarei! Logo cometerá suicídio e irá sofrer o que eu sofri!

Por mais absurdo que aparentasse, no fundo, Victor amava a Sra. Samanta, com certeza pela ligação afetiva do passado.

O doutrinador por quase meia hora ponderou, considerou... Mas sem sucesso. Aliás, sem um sucesso aparente, pois Victor, de alguma forma, havia sido tocado no íntimo.

Nos dias que se seguiram, a Sra. Samanta não reagiu sob efeito de forte medicação. Os médicos já mencionavam a possibilidade de internação em um hospital psiquiátrico.

Victor continuava no lar de sua vítima. Em outra reunião, ele foi trazido novamente para o diálogo, o qual se estabeleceu desta forma:

— Por que insistem em me trazer aqui?

— Para tentar mostrar a você que a sua vingança não tem sentido - disse o doutrinador.

— Como não?! Logo agora, que estou quase conseguindo!

O doutrinador, percebendo que, em sua fala Victor deixava transparecer certa fragilidade, como se estivesse cansado daquela situação, disse-lhe:

— Conseguindo tê-la só para si?

— O que está dizendo?

— Simplesmente, meu irmão, na verdade, você a ama - claro, um amor enfermo, mas é amor. Quando você diz que quer matá-la, na verdade, o seu desejo é ficar perto dela, já que você sabe que a morte não existe. Pense nos momentos felizes que vocês viveram no passado! Considere que, quando ela cometeu o aborto, era apenas uma adolescente sem experiência de vida... Pense, reflita...

— Já pensei o suficiente. Minha decisão é irrevogável: ela precisa pagar o que fez.

— Mas você há de aceitar o fato de que ela só cometeu o crime porque escolheu a pessoa errada; decidiu viver um romance com uma pessoa já comprometida, Claro que isso não é justificativa, mas...

Antes que o doutrinador terminasse, Victor interrompeu:

— Ela é meretriz! Persegue os homens para seduzi-los! Muitos já caíram na sua sedução. É uma profissional...

Devidamente inspirado, o doutrinador, a revelar sensibilidade mediúnica significativa, acentuou em tom mais enérgico:

— Uma profissional treinada por você, não?

— O que está dizendo?! Por que me ofende?! Por que me agride?!

— Não o estou atacando ou culpando, meu irmão. Quem sou eu para fazer isso? Estou apenas o chamando à razão, pois os erros que nossa irmã vem cometendo são reflexos de um passado em

que vocês dois se comprometeram na área da sexualidade.

— Chega! Não quero mais conversa! Eu sei, também sou culpado, mas ela não me permitiu recomeçar... Como seu filho, eu também a ajudaria quando ela estivesse na velhice.

— Está bem, meu irmão! Vou respeitar sua vontade... Se deseja partir, poderá fazê-lo, porém não se esqueça de que será preciso vencer essa situação equivocada. Desperte para o amor. E que Jesus o abençoe!

A habilidade do doutrinador havia sido perfeita. De fato, o sentimento de Victor era de um amor que havia adoecido, mas ainda tinha um resquício daquele amor puro no coração.

Novamente a reunião chegou ao término. Havíamos conseguido evoluir bastante no caso em pauta, mas sem ainda conseguir o afastamento de Victor de sua vítima.

Por mais duas vezes, estivemos com ele. A cada diálogo com o doutrinador, ele se mostrava mais receptivo à idéia do perdão. Cinco meses depois de termos iniciado o trabalho de diálogo com Victor, ele deixou a Sra. Samanta.

Alguns meses depois de sua partida para uma colônia de nosso plano, a Sra. Samanta foi internada por parentes num hospital psiquiátrico. Deslocamos seareiros para a aplicação de passes na irmã, mas não obtivemos sucesso: a internação foi inevitável.

No dia da internação, acompanhamos a enferma e seus familiares e, para nossa

surpresa, quando tudo estava consumado e nos despedíamos da equipe de benfeitores que atuava no hospital, Victor apareceu e, antes que pronunciássemos qualquer palavra, ele disse: - “Voltei para ajudar. O amor me trouxe até ela”.

Dizendo isso, tomou a direção do quarto da ex-vítima e não mais o vimos. Posteriormente, fomos informados de que a Sra. Samanta veio a desencarnar seis anos depois e que Victor permaneceu com ela, agora ajudando-a, ou melhor, tentando ajudar, já que não tinha conhecimentos mais profundos a respeito da própria vida, e ambos partiram, depois da desencarnação... Com certeza, para recomeçarem a construir o que eles mesmos destruíram através da invigilância.

Os irmãos poderão, após lerem essas linhas, questionar qual a razão de continuar enferma, ao ponto da necessidade da internação, se Victor havia sido convencido a desistir de sua vingança. Pois bem, basta que nossos irmãos se lembrem de que são a mente invigilante e o comportamento reprovável que atraem os espíritos inferiores. Como os encarnados estão cercados por multidão de espíritos sem corpo, natural que estejam atraindo **diariamente** espíritos para perto de si. No caso da Sra. Samanta, apesar de Victor ter desistido,

ela não mudou seu estado íntimo de desânimo e ociosidade. Daí, em pouco tempo da partida do almoz, outros espíritos tomaram o seu lugar e ela continuou num processo obsessivo, sendo “vítima” de outras mentes desencarnadas.

O homem, na Terra, dá muito crédito ao “mal”; por isso, nossa proposta de analisar o lado “bom” dos casos citados e não seu aspecto negativo. No caso da obsessão por Victor, o aprendizado que fica é o de quanto Deus é bom conosco. Assim como Victor, incontáveis casos semelhantes de espíritos que passam anos, séculos, perseguindo, destruindo odiando... porém aos poucos essas almas em perturbação são vencidas pelo cansaço, pela frustração e, mais cedo ou mais tarde, acabam cedendo aos apelos do amor e modificam seus sentimentos e suas idéias. E **Nosso Pai**, na sua bondade inesgotável, o que faz? Espera... Espera, pacientemente que cada filho **Seu** encontre o próprio caminho. Deus não tem pressa, sabe que o tempo se encarrega de mostrar às criaturas que o mal não vale a pena.

Aqueles que se dedicam ao diálogo com esses irmãos sofredores também precisam ser pacientes, pois acreditar que em apenas alguns minutos de conversação é possível modificar quadros de ódio que se arrastam por séculos é, no mínimo, ingenuidade. No caso de Victor, por exemplo, do momento em que ele localizou sua “vítima” até sua partida e o seu perdão em relação às atitudes infelizes dela, decorreram quase quatro anos, num

período em que ele foi visitado por nossa equipe por várias vezes e conduzido à reunião de desobsessão com frequência, e ainda podemos afirmar que não era um caso dos mais difíceis.

Neste aspecto, do intercâmbio mediúnico, fica nossa humilde sugestão: façam de sua reunião de intercâmbio núcleo de amor e fraternidade; procurem enxergar no espírito que se comunica um pai, uma mãe, um irmão... Sejam dóceis, amáveis, pacientes no trato com aqueles que sofrem.

Não tenham dúvidas de que as reuniões de intercâmbio com o Além têm a mesma importância que um grande hospital da Terra, com a simples diferença de que este último atende os doentes do corpo e as primeiras, os doentes da alma.

Sejam mais perseverantes no cumprimento de seus deveres, pois é extremamente consolador saber que nas leis que regem o Universo:

- o egoísta de hoje será o solidário de amanhã;
- o orgulhoso de hoje será o humilde de amanhã;
- o criminoso de hoje será o “anjo” bom no alvorecer.

Não há maldade que dure para sempre, e não existe nenhum ser que, um dia, próximo ou distante, não se curvara perante a força do Amor.

Capítulo 3 Um Exemplo de Resignação

Gregório era o que poderíamos definir como verdadeiro cristão. Arrimo de família, dividia sua atenção com a esposa, Lorena, e as filhas Juliana, de oito anos, e Karen, de dez. A dificuldade financeira era preenchida pelo amor mútuo entre os que habitavam aquele lar.

Trabalhador assíduo das lides espíritas, era fonte de inspiração para aqueles que o cercavam.

Seu único desejo era trabalhar em benefício da família e do semelhante.

Seu comportamento responsável e consciente fazia do seu lar uma fonte de bênçãos.

Ah, meus irmãos! Um lar equilibrado, que pena que isso tenha se tornado tão raro entre as famílias! Sempre que alguém nos “chama” através da prece para um socorro e nossa equipe se desloca para o lugar de onde veio este ou aquele pedido de ajuda, a situação é sempre a mesma: palavras obscenas, agressividade, traições, solidão. Sim, meus irmãos, solidão. Via de regra, as pessoas moram sob o mesmo teto, mas vivem seus dramas

Nas dificuldades financeiras, tinha o trabalho honesto como resposta.

Nas lutas de ordem espiritual, tinha a fé raciocinada do Espiritismo.

Frente aos desequilíbrios que assolam a Humanidade, tinha um lar alicerçado no amor.

Porém, agora, o seu maior desafio era enfrentar a doença com a mesma perseverança e, principalmente, com a resignação necessária nesses casos. Por um período, ele titubeou em sua fé, o que é perfeitamente compreensível, mas logo recorreu à oração e se reequilibrou novamente. Numa atitude de coragem em meio ao tratamento, reuniu as filhas e contou-lhes o problema. Com certeza, foi um dos momentos mais difíceis de sua vida. Após abrir seu coração, a pergunta da filha mais velha foi inevitável:

— Papai, você vai morrer?

Num esforço gigantesco, ele conteve as lágrimas, esboçou um sorriso e disse:

— Eu não posso morrer, porque a morte não existe.

Mas a menina, detentora de inteligência incomum, percebendo que o pai havia fugido da resposta, insistiu:

— Quero saber se o senhor vai partir para outra vida e nos deixar...

— Minha filha, isso, quem sabe é Deus. Em minhas preces, tenho pedido a Ele permitir que fique, mas você sabe, meu bem, somos todos devedores, então estou aguardando a resposta Dele.

Gregório, ao mesmo tempo em que fazia o tratamento médico, recebia passes no centro, muitos amigos espirituais o visitavam diariamente, uma vez que seus esforços no Bem lhe haviam conferido a simpatia de muitos espíritos do nosso plano.

Gostaria de dizer aos irmãos que, no tratamento de qualquer doença, a mente equilibrada e o “apego” a Deus garantem pelo menos cinquenta por cento de sucesso na terapia. Existem pessoas, por exemplo, dotadas de bons pensamentos e resignação que **retardam** o avanço da doença. O inverso é verdadeiro: a desesperança, a revolta, a inconformação, de algum modo aceleram o avanço da enfermidade, levando muitas pessoas à desencarnação antes, bem antes do prazo previsto.

Foram meses de tratamento. O abatimento físico era visível, quinze quilos mais magro, sem cabelos, olhar cansado, porém com uma vivacidade espiritual impressionante.

Era como se a doença lhe houvesse feito - espiritualmente - mais bem do que mal. Claro que me sirvo de uma força de expressão, já que nada ocorre para o nosso mal, a não ser quando nós mesmos procuramos esse mal.

Gregório não deixou de trabalhar um só dia, não baixou a cabeça, seus diálogos no centro eram ainda mais emocionados; ao mesmo tempo em que falava, demonstrava pelo exemplo o que era ter a fé inabalável.

Oito meses depois, realizando novos exames, o médico constatou a necessidade de uma cirurgia.

A equipe médica não escondeu do paciente que seria uma cirurgia de risco.

No dia marcado, estávamos lá. Ao contrário do que pensam muitos, nós, espíritos, não sabemos todas as coisas que estão para acontecer com antecedência. No caso de Gregório, sabíamos que sua doença era fruto de um passado culposo e sabíamos também que ele era detentor de muitos méritos perante as leis, o que tinha um peso considerável a seu favor. Apenas em alguns casos, nossa equipe é avisada de que a problemática é para desencarnação; em outros, não. Aliás, ele só havia chegado até ali com a doença controlada graças a esses méritos e a sua enorme vontade de viver. De resto, não tínhamos a certeza do que iria acontecer. Tudo indicava desencarnação durante o ato cirúrgico, mas, como só Deus sabe todas as coisas, nos cabia apenas auxiliar o médico encarnado.

Foram quatro horas de cirurgia. Ao término, o paciente foi conduzido à UTI, onde permaneceu inconsciente.

O espírito de Gregório permanecia perto do corpo, um tanto atordoado; vez ou outra, identificava nossa presença e, quando isso acontecia, murmurava:

— Eu preciso viver! Não posso partir agora! Deixem-me no corpo, só mais um pouco...

Os dias que se seguiram foram difíceis. O médico deu poucas esperanças. Foi numa madrugada que testemunhamos algo de rara

beleza. Após nossa equipe aplicar os passes em favor daquele irmão, uma “luz” adentrou o quarto e, aos poucos, foi tomando forma: tratava-se de espírito de grande evolução moral. Ele permaneceu no quarto por alguns minutos, o suficiente para se aproximar de Gregório, impor-lhe as mãos e orar. Ostentava uma túnica azul-claro, tinha os cabelos longos e face que refletia serenidade.

Depois, a nobre entidade nos olhou e disse:

— O carma negativo tem uma força muito grande em nossas vidas, mas o amor respaldado pela ação dignificante tem força ainda maior. Ele permanecerá um pouco mais no corpo.

Após essas breves palavras o espírito partiu. A impressão que tive é que ele fez uma espécie de “transfusão de energia” ou coisa parecida.

Daquele dia em diante, Gregório teve uma recuperação surpreendente e, em alguns dias, deixou o hospital. O tratamento médico continuou intenso, já que seu caso era grave. Seu estado de saúde alternava-se: passava períodos em que ele chegava até a esquecer-se de sua doença e outros em que piorava. O que é importante dizer é que Gregório permaneceu reencarnado por mais três anos, tempo no qual se dedicou, em especial, a trabalhar exaustivamente para deixar uma herança a suas filhas. Claro que a herança a que nos referimos não era a material, pois Gregório esforçou-se para deixar a herança da religião, do caráter, da crença em Deus.

Neste sentido, meus irmãos, posso lhes assegurar que não há herança mais valiosa.

Depois desse lapso de três anos, seu estado de saúde complicou-se novamente. Ele

necessitou de realizar uma outra cirurgia, passou a se alimentar por sondas nos meses que lhe antecederam a desencarnação, pesava trinta e cinco quilos. Sempre cercado de amor pela família e pelos amigos, ele mantinha sua fé inabalável. Já não conseguindo falar, sempre esboçava um largo sorriso em resposta às muitas visitas que recebia. Três dias antes de sua desencarnação, pressentindo que o momento da partida se aproximava, não podendo se expressar através da fala, com muito esforço escreveu pequeno bilhete endereçado à esposa e as filhas. O texto é digno de ser citado, porque retrata a resignação de alguém que não duvidou em momento algum da bondade de Deus. Assim ele escreveu:

Não chorem, porque, depois de tudo de bom que recebemos, chorar é ser ingrato para com o Criador. Tenho certeza de que recebi da Divindade bem mais que merecia. Agradecemos a Deus por tudo. Amo vocês... epeço-lhes que, ao invés do choro, enxuguem lágrimas de quem sofre.

Gregório

O caso de Gregório nos remete a muitas reflexões. Uma delas é que notamos como as leis de Deus operam a nosso favor. Não fazemos, em verdade, quase nada de bom; ainda assim, o pouco que fazemos se transforma em benefício a nós mesmos. Foi o que aconteceu com Gregório: sua vida digna, sua preocupação em ajudar o próximo, seu desejo ardente de viver para amparar a família, tudo isso lhe facultou méritos intransferíveis que deram uma moratória de mais três anos no corpo. Ele não era um ser especial - apenas alguém que soube aproveitar o tempo na construção de coisas boas. Sempre lemos relatos - verdadeiros - de pessoas que alteram o curso de suas existências para pior, quase sempre antecipando a própria desencarnação.

Mas o contrário também ocorre. Se é verdade que muitos chegam “por aqui” antes da hora pelas vias do suicídio direto ou indireto, também é verdade que muitos “chegam” depois, porque se tornam tão úteis ao Cristo, na Terra, que Deus lhes permite ficarem um pouquinho mais.

E que, nesse caso que citamos, possa o exemplo de Gregório inspirar nossos irmãos encarnados a se portarem com resignação. Não questionemos as Leis Divinas, pois qualquer acontecimento, por menor que seja, está sob a tutela de Jesus. Tentarmos vencer a dificuldade é um direito, mas nos revoltarmos é demonstração de pequenez espiritual.

Capítulo 4 Mediunidade : Um Ato de Amor e Doação

Quando estagiei no corpo físico, em minha última existência, tive a abençoada oportunidade de ser médium, num período em que os médiuns tinham aspectos favoráveis e outros desfavoráveis, se comparados com os médiuns da atualidade. Recordo-me de que a maioria de nós, medianeiros daquela época, éramos analfabetos ou semi-analfabetos, roceiros, donas-de-casa. As sessões mediúnicas, muitas delas eram realizadas em sítios, em cômodos improvisados. Os participantes trabalhavam na roça até o pôr-do-sol e não raras vezes não tinham tempo nem para o banho, a fim de estarem a postos para o serviço da mediunidade. Os livros eram escassos e a maioria de nós não tinha conhecimento profundo sobre o aspecto científico e filosófico do Espiritismo, entretanto o que se via, apesar de todas essas limitações, era um

desejo incomum de servir na abençoada Doutrina dos Espíritos. Testemunhei muitos companheiros que atendiam sofrendores, madrugada afora, numa época em que as obsessões, por exemplo, eram demasiadamente violentas e, como os médiuns de efeitos físicos eram

muitos, tínhamos como fatos corriqueiros espíritos brincalhões que escondiam as ferramentas de trabalho - enxadas, rastelos -, assustavam os animais, causando transtornos, arremessavam pedras contra os telhados e assim por diante... E os trabalhadores - pelo menos, a maioria daqueles que eu conheci - permaneciam fiéis ao mandato mediúnico, sem esmorecerem na fé.

Lembro-me de um caso que marcou minha existência e até hoje guardo a lembrança daquele dia em que eu, uma simples dona-de-casa, cuidava de meus afazeres, quando algumas pessoas bateram à porta de minha casa, à procura de meu esposo, à época, dirigente de nobre casa espírita. Conduziam um moço amarrado com cordas, num processo obsessivo tão agressivo, que, imediatamente ao vê-lo, fui tomada de compaixão por aqueles dois sofrendores: o obsidiado e o irmão que se vingava. Os parentes do rapaz, após ouvirem que meu marido não se encontrava, disseram-me que não poderiam levar o jovem de volta, pois ele estava demasiadamente violento; já havia agredido algumas pessoas e praticamente destruído os móveis de sua casa; afirmaram que mais tarde passariam por lá e, caso o “doente” permanecesse naquele estado, iriam interná-lo num manicômio.

Quando as pessoas saíram, eu olhei para ele e ele me olhou com muito ódio; não conversava, mas apenas emitia, digamos, grunhidos. As cordas apertadas machucavam os pulsos e as pernas do rapaz. Confesso-lhes que, naquela hora, não sabia o que fazer. Senti uma grande piedade, me aproximei, tentei estender as mãos para aplicar um passe, ao que ele reagiu com agressividade. Então, eu recuei e comecei a orar.

Orei e, ao mesmo tempo, chorei. Aquele jovem tinha idade para ser meu filho e, reconhecendo minha incapacidade para resolver o caso por mim mesma, roguei à Espiritualidade o amparo. Foi então que o vi, pois raríssimas vezes tive oportunidade de vê-lo e de dialogar com ele, mas, naquela manhã de segunda-feira, talvez pela gravidade do caso, ele veio: era a figura inconfundível de Bezerra. Ele não se demorou mais que três ou quatro minutos, me olhou e disse algo que nunca esqueci:

— Filha, por que duvidas de ti mesmo? O Cristo não afirmou: Sois a luz do mundo? Se Ele, que nos conhece os erros, fez tal afirmação, o que temes?

Permaneci em silêncio, não ousando responder a indagação do venerável espírito. Então, ele se aproximou do obsessivo que se vingava, enquanto eu acompanhava a cena toda com a visão mediúnica que, naquele momento, não sei explicar como foi ampliada. Vi algo extraordinário! Bezerra não disse uma só palavra, apenas o abraçou de maneira tão carinhosa, tão verdadeira, externando um amor tão intenso, que o espírito caiu em lágrimas e o próprio Benfeitor o levou.

O obsidiado imediatamente recuperou a consciência, eu o desamarrei e, quando ele me agradeceu chorando, eu me senti envergonhada. Na verdade, eu não havia feito nada, mas, sim, a misericórdia divina. Por mais de duas horas depois do ocorrido, fiquei a meditar: quando eu conseguiria amar naquela intensidade? Pensei nos homens que muitas vezes sabem ou julgam saber as mais variadas definições sobre o amor... Pessoas que explicam... explicam... o amor, mas ainda não conseguem amar verdadeiramente. As palavras do Benfeitor me fizeram enxergar que, quando somos sinceros em nossos propósitos, não precisamos temer nada, porque os amigos espirituais estarão ao nosso lado amparando-nos.

Não tenho o hábito de fazer críticas, mesmo as construtivas, porque sou da opinião de que cada um tem o seu momento de despertar. Cabe-nos apenas amar a todos sem exigências, sem questionamentos, apenas amar. Cada qual sabe de si, mas peço licença para abrir uma exceção a fim de dizer aos médiuns da atualidade, que possuem geralmente um vasto conhecimento, um número incontável de obras espíritas que são editadas, que têm a

disciplina, têm as federações organizadoras do movimento e outros benefícios, que aproveitem essas “regalias”. Na atualidade,

via de regra, sabe-se demais e se faz de menos. Não estou dizendo que os médiuns do passado são melhores do que os da atualidade, porém não podemos fechar os olhos para a realidade. Muitos médiuns de nossa época caminhavam a pé ou no lombo de um animal dez ou vinte quilômetros enfrentando estradas empoeiradas ou enlameadas, enfrentando noites frias e noites chuvosas. Na atualidade, salvo algumas exceções, temos a facilidade do veículo motorizado e a comodidade da distância, quase sempre não ultrapassando três ou quatro quadras da casa do médium ao centro. Hoje, o Espiritismo ganhou cidadania, os centros proliferam, as perseguições praticamente acabaram e, mesmo assim, o médium não se sente encorajado ao trabalho e, se o faz, realiza um trabalho deficitário, limitado, sem sacrifícios e com uma série de exigências descabidas. É evidente que, em minha época de médium, conheci muitos que se perderam e abandonaram as lides espíritas. Meu desejo, com estas comparações, é mostrar quanto as dificuldades de hoje são menores que de algumas décadas atrás e quanto ainda se permanece iludido na Terra.

Peço desculpas se minhas palavras soam como crítica. Não é esta minha intenção nem é o objetivo dessa obra. Apenas não quis perder a oportunidade de falar deste assunto.

Se alguém questionar: “Que autoridade tem essa tal de Benedita?” - Posso dizer-lhes que nenhuma. Admito que apesar de ter sido médium

ostensiva, de ter em minha época trabalhado com médicos espirituais nos tratamentos que fazíamos em parceria com os sofredores do corpo e da alma, ainda assim deixei muito por fazer, e esta é a única autoridade que tenho: a de quem já passou pelo que vocês, médiuns, passam e por isso venho aconselhá-los a não desanimarem do trabalho.

Tudo que tem sido dito pelos espíritos, através dos mais variados médiuns, sobre a realidade da vida espiritual é verdade; eu mesma já conduzi às sessões mediúnicas espíritos que tinham forma de serpentes, formas animais, capazes de aterrorizar o mais convicto dos espíritas; já visitei lugares no umbral tão horripilantes, que, se tentássemos descrever o que vimos aos encarnados, provavelmente não conseguiríamos, porque a mente do médium iria rejeitar a descrição.

Estou narrando tais fatos, até fugindo um pouco da minha maneira habitual de dialogar com nossos irmãos encarnados, para chamar a atenção dos que militam na seara espírita sobre seus deveres. Vocês ainda estão no corpo, ainda têm tempo de rever conceitos, rever atitudes, rever posturas, corrigir onde tenham falhado. Tudo isso por enquanto é possível a todos. Quando vier a desencarnação, porque ela virá, mais cedo ou mais tarde, aí, sim, não haverá mais tempo. Numa singela comparação simbólica, nos assemelhamos ao aluno que tem cinquenta minutos para responder as questões de uma prova. Vencido o tempo, o professor recolhe todas as respostas e, de repente, um aluno que se distraiu ou esqueceu quais eram as respostas corretas lembra-se de como responder corretamente, mas... será inútil pedir ao examinador a prova de volta, pois o tempo concedido está esgotado.

Assim ocorre conosco: muitas vezes, recebemos as “provas” representadas pelo cuidado com os familiares, o trabalho em benefício do próximo, a mediunidade e, à semelhança do aluno, permanecemos distraídos quanto às nossas obrigações perante a vida ou nos esquecemos delas, ou seja, preferimos esquecer nossos deveres; então, nosso tempo se esgota, a existência física se esvai. Nesse momento, quase sempre, nos desesperamos, queremos voltar no tempo, refazer o que fizemos de errado, porém “o professor já recolheu a prova”, ou seja, naquela existência não há mais tempo.

Por isso lhes digo: dediquem-se de corpo e alma à mediunidade, contornem os

empecilhos, não se preocupem tanto em ganhar dinheiro. Todos têm direito a uma vida digna com o mínimo de conforto, mas o que se vê, geralmente, é uma busca interminável de dinheiro, criando-se sempre necessidade injustificáveis. O dinheiro é importante, mas, para se ter uma vida simples, não se precisa de muito.

Grande parte dos trabalhadores espíritas que militaram comigo, quando estava no corpo, já desencarnaram, alguns antes, outros depois de mim. Uma quantidade significativa desses espíritas - aqueles das caminhadas a pé até o centro, os que enfrentavam vários quilômetros para cederem “seus corpos” a fim de socorrerem os sofredores, os que se sentavam à mesa para receber espíritos, cheirando esterco ou poeira, conseqüência da falta de tempo para o banho reconfortante ou ainda aqueles que, enquanto aplicavam passes, seus filhos dormiam no chão frio do centro, porque ainda não havia as abençoadas aulas de evangelização. Assim que desencarnaram, pouquíssimo tempo depois, já estavam trabalhando, conscientes, felizes e com mérito suficiente para ajudar seus entes queridos que permaneceram no corpo.

Mas tantos outros, que comungavam a fé, que eram médiuns ostensivos e não conseguiram aplicar a Doutrina nas próprias vidas, sofreram por demais depois da morte. Amigos caros ao meu coração que se viram em enormes sofrimentos deste outro lado e eu pouca coisa pude fazer, já que as leis de Deus são de amor, mas também são justas, e tentar burlar essas leis é marcar encontro com o sofrimento.

Prossigam perseverantes, sem esquecerem que, em mediunidade, disciplina, conhecimento são importantes, entretanto a doação de si mesmos e o amor são requisitos obrigatórios.

Capítulo 5 Evitando o Pior

Havíamos recebido a incumbência de auxiliar num caso de extrema gravidade. A equipe de trabalho da qual faço parte geralmente realiza atividades junto aos encarnados, principalmente nos casos de obsessão e nas orientações a determinados grupos mediúnicos que se afinizam conosco. Temos, pois, de considerar que determinados grupos que adotam certas posturas, determinadas filosofias acabam por fechar “as portas” da mediunidade para nossas comunicações. É claro, esses grupos não estão desamparados: outros espíritos que simpatizam com os ensinamentos ali apreçados conduzem as atividades de intercâmbio.

O caso da família do Sr. Gomes era, de fato, delicado. Dando uma visão sintetizada, poderíamos dizer que Sr. Gomes era um homem honesto, trabalhador, gostava de ajudar os outros à sua maneira, sem vínculos religiosos, porém tinha um temperamento difícil, sempre explosivo, às vezes até agressivo; digamos que seria uma pessoa sistemática. Era casado com Gilda, bem mais nova que ele. O casamento dos dois era um reencontro de almas devedor as de passado bem distante, em que ambos haviam se comprometido. Tinham uma filha de cinco anos. O problema havia surgido porque Gilda, ainda sem o devido crescimento espiritual, presa aos reflexos do passado, começava a ter idéias de traição conjugal. Até o momento, nada havia acontecido, mas estava muito próximo de acontecer. Para agravar a situação, havia no lar do Sr. Gomes o espírito desencarnado de uma jovem que tinha um objetivo definido: destruir toda a família! O plano da vingadora desencarnada era simples: inspirar Gilda a cometer adultério; depois disso, arranjar um jeito de o marido descobrir. Então a tragédia seria inevitável. De temperamento difícil, com certeza, ele iria fazer justiça com as próprias mãos e, assim, ela conseguiria sua vingança. Quando adentramos o lar, encontramos o benfeitor que era amigo espiritual do Sr. Gomes e logo percebemos a

dificuldade que teríamos, pois muitos espíritos inferiores iam e vinham, sem serem barrados.

Eu fico imaginando que se nossos irmãos encarnados pudessem enxergar o que ocorre à sua volta, aquilo que os olhos físicos não conseguem captar, com certeza muitos enlouqueceriam.

Percebendo a gravidade da situação, tomei a iniciativa de tentar um diálogo com a vingadora desencarnada, mas não obtive sucesso. Assim ela reagiu à minha tentativa:

— Nem tente intervir! Já tracei meu plano: ela cometerá adultério, já que a conheço e sei que ela tem tendência natural para a infidelidade; só preciso dar um empurrãozinho.

— Minha filha, este casal tem uma criança para educar! Estão nesta existência tentando o equilíbrio. Não faça isso!

— Vocês adoram usar estes termos piegas: *filha, irmã...* Você pensa que vai me sensibilizar, usando estes termos?

A colocação daquela jovem me surpreendeu; então, respondi com toda a sinceridade:

— Não, minha filha, usei este termo porque você tem a aparência de jovem e, realmente, você poder ia ser uma filha para mim, consangüínea ou do coração.

— Isso não importa - redargüiu a moça. — Você sabia que éramos felizes, eu e ele, até ela aparecer? Destruí o meu lar... Ele fugiu com ela, abandonando-me... Enlouquecí e fui internada até morrer abandonada, esquecida... E agora os encontro juntos novamente... Eu não entendo a lei desse Deus de vocês!

— Existem coisas que ainda não temos capacidade de entender.

— Não interessa! Me deixem em paz! Comigo não vão conseguir nada. Tenho certeza de que com ela também não. Gilda tem uma fraqueza moral e já coloquei na cabeça dela que ela merece muito mais: é jovem, bonita... Vocês não evitarão a tragédia.

De fato, o espírito tinha razão, pois nem de longe Gilda assimilava nossas idéias. Observávamos que, pelo telefone, ela marcava o encontro com certo homem. Percebendo que seria inútil continuarmos tentando influenciá-la, localizamos o seu pretendente. Quem sabe, conseguiríamos demovê-lo da idéia e com isso ganhar tempo.

Mas a situação do provável futuro amante era ainda pior: tratava-se de um dono de casa de prostituição. Quando nossa equipe chegou ao lupanar, tivemos o impacto de ver cenas imensamente tristes: mulheres, algumas adolescentes, não contando mais de doze ou treze anos, sendo exploradas; outras com filhos pequenos que eram escondidos em cômodos, enquanto estavam “trabalhando”. Vendo aquela situação, antes de mais nada, pedi à nossa equipe que nos acompanhasse em uma prece. Lembrei-me de Maria de Magdala que, após encontrar Jesus, modificou toda a sua vida, deixando o amor sensual da carne para passar a vivenciar o verdadeiro Amor. E aquelas mulheres? Quando se encontrariam com Jesus e também se libertariam daquela degradante situação?

Aproveitando o ensejo, peço, na condição de irmã um pouco mais experiente, não julguem, nunca julguem as mulheres que optaram ou foram obrigadas a optar por essa vida. Todas merecem nossa indulgência! Imaginemos se uma pessoa com pneumonia fosse procurar o médico e este, ao invés de receitar a medicação, ficasse censurando o doente, porque não se cuidou direito. No mínimo, o doente, além de continuar doente, ainda se revoltaria. A comparação é singela, mas verdadeira. Os doentes da alma, os que carregam o ódio no coração, aqueles que transformam seus corpos em produto de arrecadação financeira, não merecem nossa crítica ou nossa condenação, mas necessitam apenas de nossa compreensão e indulgência.

Jorge, o dono do prostíbulo, era uma pessoa inacessível a qualquer idéia salutar. Voltamos para o lar de Gilda e, nos dias que se seguiram, tentamos de todas as maneiras

convencê-la a desistir do intento. Infelizmente, tudo foi inútil. Existem determinados casos ante os quais apenas oramos pelos envolvidos no drama, aguardando uma “brecha”, por menor que seja, para tentarmos ajudar diretamente.

Gilda estava decidida, sempre acompanhada pela criatura traída do passado... O ato da traição se tornou inevitável.

No dia do encontro dos dois, fizemos o possível; de um lado, o amigo espiritual de Gilda admoestando: “não faça isso, pense na sua filha, valorize sua família! De outro lado, a vingadora: “Vá! Você merece ser feliz! Todos fazem isso. Vá!

E ela foi. Naquele momento, havíamos perdido. Em pouco tempo, o ato estava consumado. Foram apenas algumas horas de prazer que custaria um preço muito alto para os envolvidos.

Como sempre ocorre nesses casos, uma pessoa, daquelas que estão sempre de plantão em relação à vida alheia, viu a Sra. Gilda com Jorge.

Por uma infeliz “coincidência”, o “olheiro” era amigo do Sr. Gomes. Não demorou muito, o marido traído recebeu um telefonema anônimo dando detalhes do adultério da esposa. A vingadora desencarnada (estamos usando este termo, porque foi assim que ela se definiu) vibrava de alegria e dizia:

— Estão vendo? Eu não precisei armar o flagrante! Tudo conspira a meu favor!

A reação do Sr. Gomes foi a esperada: ele se descontrolou. Era inevitável, precisava lavar sua honra utrajada! Munido de uma arma, ele traçou seu plano: matar o amante, a esposa e matar-se depois!

Vejam, meus irmãos, como são as coisas. Seriam três vidas ceifadas por causa de duas horas de prazer.

Armado, o marido se dirigiu ao prostíbulo. Nossa equipe, responsável pelo caso, chegou primeiro e conseguiu inspirar Jorge a sair do local. Ele sentiu um mal-estar, sensação de desconforto provocada por um de nossos trabalhadores, o que o fez pensar se tratasse de um problema de pressão... Saiu apressado à procura de uma farmácia.

O Sr. Gomes, ao verificar que sua vítima não se encontrava, ficou furioso! Agora, com mais ódio, pensava:

— “Eu voltarei... Você me escapou só por agora! Acertarei contas com ela primeiro. Por que fez isso comigo? Sempre a amei. Não tinha esse direito...”

Gravemente transtornado, tomou o rumo de casa. Nossa tentativa agora era tirar Gilda dali, para se evitar a tragédia.

Se os irmãos encarnados acham estranho todo esse trabalho para protegermos os que muitos consideram os “vilões”, digo-lhes que, para o espírito que se propõe ajudar os que ainda mourejam no corpo, não existem vilões, amantes, assassinos, vítimas... Para nós, existem, sim, irmãos enfermos que precisam de ajuda, e nossa obrigação é socorrer, sem qualquer atitude de julgamento de nossa parte. No caso do Sr. Gomes, não conseguimos evitar os acontecimentos infelizes envolvendo a vida de Gilda. Nossa tarefa, agora, era evitar uma tragédia ainda maior.

Quando cheguei à casa de Gilda, ela dormia. A equipe que me auxiliava havia ficado para trás, acompanhando o Sr. Gomes. O benfeitor, que era o amigo espiritual de nossa irmã, percebendo que seu espírito permanecia próximo ao corpo adormecido, quase que inconsciente, se aproximou e começou a repetir sem parar: - Saia de casa! Saia... Pegue sua filha e saia...

Gilda acordou assustada a procurar pela filha, a qual dormia no quarto ao lado.

Enquanto isso, o esposo se aproximava de seu lar com andar apressado, mas os

benfeitores de nosso plano conseguiram insuflar-lhe que fosse por um caminho que não era habitual e, nesse trajeto, por uma feliz “coincidência”, encontrou um amigo seu que há muito tempo não via. O Sr.

Gomes não teve escolha: precisou disfarçar e parar por alguns momentos para conversar com o amigo. Tal acontecimento nos deu, pelo menos, uns quinze minutos de tempo.

Quando o desditoso marido chegou à sua casa, já não havia mais ninguém. Extremamente frustrado caiu em prantos, choro que era um misto de dor e revolta. Abriu a geladeira, bebeu vários copos de cerveja e adormeceu.

A essa altura, a vingadora, cheia de ódio, esmurrava a parede e vociferava:

— Vocês são uns bruxos! Atrapalharam meus planos! Desgraçados! Vocês me pagarão!

Assim que o Sr. Gomes adormeceu, seu espírito foi levado para ser assistido. O espírito protetor conversou horas com ele. Havia momentos em que parecia entender os conselhos; outras vezes, ficava alheio a tudo o que lhe era dito.

Quando Gilda voltou para casa, ele continuava dormindo.

No outro dia, um pouco mais calmo, graças à doutrinação feita durante a noite, o Sr. Gomes já não tinha mais tão fixa a idéia do homicídio em relação a ela. Mesmo assim, ao amante, ele mataria. Era o que pensava. Enquanto lavava o rosto e fazia a higiene matinal, um pouco mais controlado, arquitetava outro plano: “Não a matarei. Afinal, ela é mãe de minha filha... Com quem minha pequenina ficaria, se a matasse e me matasse em seguida? Darei cabo apenas do maldito sedutor”!

Ao sair do banheiro, foi acertar contas com Gilda, enquanto a filha estava na escola. Eles começaram uma discussão e, no auge da contenda, o marido passou a agredi-la fisicamente. Os berros e o barulho de coisas se quebrando fizeram com que os vizinhos chamassem a polícia. Então, o Sr. Gomes foi detido e - o melhor de tudo - teve sua arma apreendida pelos policiais. Após dar explicações ao delegado, foi liberado, mas sem arma. Como não dispunha de dinheiro para adquirir outra, seu plano de assassinato precisou ser adiado.

Nosso irmão deixou a casa, ingressou na justiça, impetrou a guarda da filha e conseguiu este direito.

O tempo foi passando e ele acabou desistindo da nefanda idéia. Alguns anos depois, conheceu uma nobre senhora com quem decidiu unir sua vida. Mudaram-se de cidade, e nosso irmão reconstruiu sua vida com uma nova família.

Gilda permaneceu na vida das futilidades; relacionou-se por anos com Jorge, até ele ser preso por aliciamento de menores e tráfico de drogas, recebendo uma pena de dezoito anos de detenção.

Sem o amante, passou, como havia feito num pretérito distante, a vender o próprio corpo para sobreviver. Oito anos depois, vencida pelo vício e pela consciência de culpa, nossa irmã enlouqueceu. Completamente desequilibrada, foi Internada num sanatório, onde permaneceu até a desencarnação.

A vingadora levou adiante sua desforra, até o dia da internação de Gilda. Daquela data em diante, algo muito estranho começou a acontecer com ela. No íntimo, ela pressentia o que era, mas não queria admitir. A nova esposa do Sr. Gomes desejava ter um filho. O resto, é desnecessário eu explicar: os irmãos podem imaginar o que ia acontecer.

* * *

Eu sei que, a princípio, poderíamos avaliar o caso sob a óptica do pessimismo,

conseguindo enxergar apenas um conjunto de almas decaídas: o fracasso de Gilda, o fracasso da vingadora, por não saber perdoar, um relativo fracasso do Sr. Gomes, que não teve o equilíbrio necessário e o fracasso ainda maior de Jorge, que, convenhamos, dentre os graves erros que cometeu, seu caso com Gilda foi um dos mais simples.

Mas eu insisto em dizer-lhes que, em tudo na vida, necessitamos buscar o lado bom, lado otimista, vislumbrando sempre novas oportunidades.

Talvez alguns irmãos encarnados não se dêem conta de uma realidade. Eis que muitos que reencarnam e que não conseguem evoluir quase nada, mas não se comprometem ainda mais com as leis divinas, já estão de certa forma no “lucro”.

No caso específico do Sr. Gomes, gostaríamos de ter convencido Gilda a desistir da traição, devolvendo a harmonia ao lar; gostaríamos de ter convencido aquela mulher a desistir da sua vingança e gostaríamos ainda de ter convencido Jorge a abandonar aquela vida completamente desequilibrada. Eu sei que isso tudo é o que todos nós desejávamos, mas não foi possível, pois o respeito ao livre-arbítrio de cada um é sagrado. Mas nem por isso devemos ficar nos lamentando. Poderia ter sido muito pior. Suponhamos que o Sr. Gomes conseguisse fazer o que desejava. Que teríamos nós?

Teríamos um homem que agiu por um impulso de ódio e comprometeu o resto de sua existência, já que, se se matasse, iria amargar a dor que experimenta o suicida e, se não o fizesse, provavelmente - por ser pobre -, acabaria seus dias na prisão.

Teríamos Gilda chegando deste outro lado em completa loucura. Provavelmente, seria capturada e presa pela sua vingadora e, nesse caso, só Deus para saber quando “escaparia” de tal situação.

Teríamos Jorge chegando à vida espiritual bem antes do previsto e, por certo, conhecendo sua índole, passaria a exercer uma influência negativa na área em que atuava, através da obsessão.

E teríamos, ainda, uma criança vivendo com o drama de perder a mãe e o pai de uma só vez. Que seria dessa criança?

Estão vendo, meus filhos, como devemos sempre agradecer a Deus, mesmo quando aparentemente não vimos motivos para isso. Apesar dos pesares, o Sr. Gomes não assassinou ninguém e não comprometeu ainda mais sua existência. Claro que seu papel deveria ser o de perdoar, mas, diante da possível tragédia, já está muito bom o que aconteceu.

Os anos de prisão de Jorge com certeza o levariam à reflexão. Mesmo que isso não tenha acontecido, pelo menos, estando preso, não pôde comprometer ainda mais sua existência.

Que este caso real por nós narrado sirva também para meditarmos a respeito da calma. O homem, no correr-corre da vida, geralmente está irritado, impaciente, apressado e, nesses estados de espírito, um acidente, uma discussão, um desentendimento podem se transformar numa situação de gravidade extrema. Basta que um dos envolvidos esteja armado.

Seja mais paciente, mais calmo. Na hora da irritação, pare e pense: “Que me adiantará ficar nervoso? Em que meu nervosismo vai me ajudar?”

Assassinatos, suicídios, explosões de cólera acontecem todos os dias, e, às vezes, o que faltou foi só uma **prece**, na hora certa.

Capítulo 6 Os Pequenininos do Cristo

Apresentaram-lhe, então, criancinhas, afim de que Ele as tocasse; e como seus

discípulos afastassem com palavras rudes aqueles que as apresentavam, Jesus, vendo isso, lhes disse: Deixai vir a mim as criancinhas, e não as impeçais; porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham...

Marcos, cap. X - v. 13-16

Estas palavras de Jesus nunca foram tão importantes como nos dias atuais. É preciso permitir que os seus filhos se aproximem de Jesus através do veículo da religião, a fim de que os ensinamentos do Mestre possam tocá-los. Numa simbólica comparação, quantas vezes as crianças são impedidas de se aproximarem de Jesus e, por absurdo que possa parecer, são impedidas pelos próprios pais, quando estes, não têm uma religião a qual sigam e pratiquem; quando o Cristo não é levado em consideração como modelo nas atividades do dia-a-dia ou quando se está desatento sobre a formação moral dos pequenos seres.

Neste aspecto, lembro-me de um caso que poderíamos definir como incomum, mas perfeitamente possível de acontecer a qualquer pessoa:

Juliano reencarnou, depois de muito sofrimento nas regiões trevosas. As perspectivas da nova reencarnação eram as mais pessimistas possíveis. Sua volta ao corpo não estava dentro de uma programação: foi uma volta “acidental”. O termo *acidental* também não é de todo adequado, já que Deus é o ser supremo, sabedor de todas as coisas, nada ocorrendo sem sua permissão. Daí, dizer que “algo ocorreu acidentalmente” se torna um tanto incoerente. Para ser mais exata, Juliano era um obsessor, tinha como objetivo perseguir Kelly e Marcelino, antigos rivais do passado. Na atual conjuntura reencarnatória, Kelly, de dezenove anos, era noiva de Marcelino, que contava vinte e dois. Entre os dois, o ódio de Juliano. Ele acompanhava os dois quase que diariamente. Então, numa noite, quando o casal trocava intimidades sem a devida proteção, o inesperado aconteceu: Kelly ficou grávida e, pela lei de atração e as ligações do passado, Juliano reencarnaria como seu filho.

A situação de Juliano era desanimadora, porque, em primeiro lugar, não tinha nenhum mérito que lhe afiançasse a volta ao corpo; em segundo, é preciso alertar nossos irmãos encarnados de que mesmo os espíritos que reencarnam dentro de uma programação, com tarefas definidas na família, na religião ou em outros setores da vida, em sua grande maioria, retornam à vida espiritual fracassados, arrependidos e envergonhados, porque acabaram sendo iludidos pelas atrações fugazes do mundo e se esqueceram por completo de seus compromissos. Deste modo, qual seria a esperança de Juliano? Ter uma reencarnação bem sucedida? As chances eram quase que remotas.

Pois bem, o destino de nosso irmão começou a modificar-se ainda no período da gestação. Kelly e Marcelino, apesar da pouca idade física, eram criaturas equilibradas e conscientes de seus deveres. Espíritas praticantes, a notícia de que Kelly estava grávida foi recebida como um presente de Deus. A gestação tinha uma tendência natural a ser complicada, pois, como é do nosso conhecimento, dentro de certos limites, o espírito reencarnante exerce uma influência sobre a futura mãe e vice-versa. Mas a felicidade dos dois e o amor que já nutriam pelo filho, mesmo antes do nascimento, anularam qualquer possibilidade de imprevistos.

Nasceu Juliano. O primeiro choro querendo dizer: “Estou aqui! Preciso de vocês!”, as primeiras caricias, tudo era uma felicidade! Os meses foram passando e o casal percebeu que se tratava de uma criança rebelde; a “birra” era comum e o egoísmo já começava a “reaparecer”, já que a criança, apesar da pouca idade, não dividia nenhum brinquedo.

Abro um parêntese para dizer: Senhores pais, observem com maior atenção os seus filhos.

Identifiquem quais as principais deficiências da alma e procurem corrigi-las. Este é o

seu papel.

O casal, bem orientado pelo diretor da casa espírita em que militavam, com a imensa vantagem de ter o conhecimento doutrinário, decidiu que seu filho seria um homem de bem. Resolveram iniciar um verdadeiro “tratamento de choque”, adotando comportamentos edificantes dentro do lar. Afinal, o filho era a jóia mais preciosa que possuíam e não poderiam perdê-la.

O comportamento no reduto do lar consistia: em hipótese alguma, discutir em voz alta; -selecionar os desenhos a que a criança assistia pela TV; - colocar músicas suaves pelo menos duas vezes por dia, para que a criança fosse se habituando com aquele tipo de harmonia; - e, o mais importante de tudo, o amor que transmitiam ao filho. Várias vezes por dia, diziam: “Nós o amamos”.

É claro que a criança não entendia o significado da palavra *amor*, entretanto absorvia toda aquela vibração carinhosa que emanava do paizinho e da mãezinha.

A criança foi crescendo e as atividades aumentando.

Depois de alguns anos, as aulas de evangeli-zação eram obrigatórias e, ao término de cada uma, ao chegar a casa, havia o diálogo sobre o que ele tinha aprendido naquela tarde.

Quando o menino pedia algo ao pai, sempre recebia uma resposta coerente:

— Dependerá de você! Primeiro, os deveres; depois, os direitos.

Os anos se passaram: de aluno das aulas infantis de evangelização à pré-mocidade, sempre direcionado e amado pelos pais.

Havia momentos em que a índole de Juliano falava mais alto: uma certa raiva que ele não sabia de onde vinha em relação a Kelly e Marcelino. Porém, sempre que tal sentimento surgia, ele recordava as milhares de vezes que tinha ouvido de seus pais: “Nós o amamos... Nós o amamos”. Então, a lembrança sufocava o sentimento ruim.

O trabalho de reeducação daquela alma durou treze anos; nessa época, ele já era coordenador de um grupo de jovens e ensaiava suas primeiras palestras. Juliano não havia se transformado num exemplo de virtude; claro que tinha uma luta árdua devido ao passado de equívocos, de uma vida vazia que agora se confrontava com sua vida atual. Mas, quase sempre que o confronto íntimo acontecia, o amor dos pais e os postulados espíritas, que estavam de certa forma implícitos em sua alma, falavam mais alto. Alguns anos mais tarde, ele assumia a direção da casa espírita a qual freqüen-tava desde os dez dias de nascimento.

Nem o mais otimista poderia imaginar que isso ocorreria. Até quando acompanhamos a história, Juliano era um homem de bem e cumpridor de seus deveres, com alguns erros, é claro. Afinal, milagres não existem.

No caso de Juliano, os pais não se serviram de nenhuma receita mágica, mas apenas “ouviram” Jesus dizer aos seus corações: “Deixai vir a mim...”. E eles permitiram que os ensinamentos do Mestre tocassem o coração do filho amado. Mesmo que no futuro ele viesse a abandonar os postulados espíritas, a semente já estava plantada. Algo sempre iria lhe dizer: “Você está equivocando”.

Pais, seus filhos são espíritos que, apesar da ingenuidade e fragilidade da condição infantil, trazem em suas bagagens dúvidas, mágoas, mazelas, virtudes. Fiquem atentos! Perguntem-se quem será que é meu filho? Um amigo ou um inimigo do passado? Em qualquer das hipóteses, cabe a terapia do Amor.

A orientação dos espíritos superiores é clara: no período infantil, o espírito está mais acessível às impressões que recebe. Os educadores precisam analisar quais as impressões que seu filho vem recebendo:

Do lar desequilibrado ou do lar estruturado no amor?

Do bom exemplo ou dos comportamentos viciosos?

Dos pais religiosos ou dos pais que permanecem esquecidos de Deus?

Que os pais da atualidade não se preocupem tanto em legar haveres para seus filhos. Deixem sobretudo os bons exemplos. Isso pode não ser

garantia de tranquilidade financeira, mas, com certeza, será um bom começo para a formação de uma criatura de bom caráter e dotada de paz de consciência.

Um caso como o de Juliano nos consola, nos estimula; acima de tudo, nos mostra que, com esforço, com determinação, podemos modificar situações aparentemente sem solução e, mais, podemos conseguir sensibilizar almas que até então se mostravam insensíveis. Como cada caso é um caso, muitos pais, apesar do imenso esforço que fazem em oferecerem uma boa educação, muitas vezes, a má índole do espírito reencarnante fala mais alto e ele, que recebeu educação e carinho, depois da idade adulta, volta ao mundo dos vícios e dos equívocos. Que os pais, nesses casos, mantenham a confiança em Deus. Afinal, todos nós fomos criados para sermos felizes e perfeitos. Mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro, chegaremos lá.

E, se os pais que lerem estas linhas, se acharem incapazes, por motivos diversos, de oferecer tais bases morais aos filhos, ofereçam pelo menos a frase-padrão do casal Kelly e Marcelino:

“Nós o amamos...” Pode até não ser suficiente, mas será um excelente começo.

Capítulo 7 O Que os Olhos Físicos Não Enxergam

A primeira vez que adentrei numa casa espírita, na condição de espírito desencarnado, tive uma grande surpresa. O trabalhador espírita, por mais consciente que seja, não faz idéia da movimentação intensa que se desdobra na paisagem extra-física, paralelamente às atividades das reuniões públicas.

Seria impossível, em poucas linhas, detalhar todas as atividades realizadas pelos Seareiros da Vida Maior. A grosso modo, posso afirmar que as reuniões sérias contam, entre outras coisas, com guardas, ou seja, espíritos que têm a função de proteger o centro contra investidas das “trevas” e de não permitir a entrada de espíritos não-autorizados. Aparelhos de alta precisão são instalados em locais estratégicos. Geralmente, não se trata de um ou dois espíritos que tentam vencer

as barreiras, para adentrar e causar tumulto, mas, sim, legiões inteiras, que acabam travando verdadeiros “combates”. Essas legiões de espíritos se organizam dessa maneira, especialmente quando há determinados eventos de grande repercussão, como seminários, fóruns de debates, encontros, comemorações de mês espírita e outros... Por serem acontecimentos que, em geral, atraem um grande público e que esse mesmo público é esclarecido e, ao mesmo tempo consolado, natural que despertem a ira de nossos irmãos que ainda não aprenderam a amar.

Se os irmãos encarnados pensam que organizar grandes eventos espíritas é trabalhoso, é porque não imaginam quanto é muito mais trabalhoso deste outro lado.

Dentro do espaço espiritual da casa e nas redondezas ocorrem fatos maravilhosos, durante tais reuniões públicas. Ah! Como seria bom se os trabalhadores da seara pudessem ver além daquilo que os olhos físicos são capazes de mostrar!...

Espíritos - às vezes, centenas - são trazidos para os mais diversos tratamentos; outros que são “trazidos”, ou seja, que vêm como acompanhantes dos encarnados e também são encaminhados para o tratamento adequado; benfeitores que, portadores de grande amor,

“flutuam” acima das cabeças dos encarnados que assistem à palestra, identificando os seus problemas por antecipação, justamente para o tratamento ser eficaz. No instante do passe, a reunião se torna - numa comparação

- uma verdadeira sala cirúrgica, já que doenças são tratadas, pequenas cirurgias espirituais são feitas e até curas são realizadas.

Caros irmãos, imaginem - para poderem entender a grandiosidade daquilo que acontece para o nosso bem e que não percebemos - aquelas manhãs de clima agradável onde uma fina garoa umedece o solo sedento de água. Pois é assim que, por muitas vezes, vi acontecer uma verdadeira “garoa” de fluidos caindo sobre todos. Sem falar ainda do espírito ou dos espíritos encarregados de: Inspirar o orador... Instruir o dirigente encarnado no atendimento fraterno... Auxiliar na evangelização... Auxiliar os encarnados na transmissão do passe... E ainda há uma equipe que tem como função realizar um trabalho fora dos muros da instituição, junto aos entes queridos daqueles que foram ao centro e, em suas preces, rogam amparo a eles ou escrevem o nome do necessitado nos cadernos de preces, tão comuns nas casas espíritas; e nos casos em que haja possibilidade de auxiliar as circunvizinhanças do centro.

Por tudo isso, a melhor definição que se possa dar a uma casa espírita é *hospital-escola*.

* * *

De fato, é um trabalho gigantesco realizado pelos benfeitores espirituais. Aliás, por falar em espírito desencarnado, muitos irmãos encarnados tomam o nosso nome - e aqui uso o termo nosso,

referindo-me não só a mim mas também a muitos companheiros que mourejaram no corpo e que, como eu, agora, se encontram fora dele - na condição de espíritos iluminados, colocando-nos numa posição de superioridade que não corresponde à realidade. Realmente, o fato é que temos procurado estar entre nossos irmãos encarnados, ajudando dentro do possível; também é verdade que temos visitado algumas reuniões mediúnicas na Terra, levando palavras de incentivo e, em algumas delas, permanecemos por algum tempo auxiliando num ou noutro caso mais grave. Aproveito estas linhas para dizer àqueles que oram a nós, pedindo ajuda, que nenhum pedido fica sem resposta, todas as preces que chegam a nós são analisadas e, se possível, atendidas. Mas isso tudo não nos coloca numa posição de superioridade que muitos imaginam. O problema é que, em geral, o ser humano é carente de “guias”, não entendendo que o único guia é Jesus. Logo que um indivíduo desencarna, se era um bom servidor, já o elegemos mentor capaz de resolver todos os nossos problemas. De minha parte, com a permissão de meus superiores, tenho procurado me desdobrar nas muitas atividades sob minha responsabilidade, porém que nossos irmãos se conscientizem de que também tenho dificuldades pessoais, lutas íntimas; **todos, sem exceção, têm**, uns mais, outros menos.

Eu, Irmã Benedita, como muitos carinhosamente me chamam, tenho, por vezes, saudades, saudades dos filhos consangüíneos, que habitualmente visito, mas, devido aos muitos compromissos, não posso permanecer com eles por tempo mais longo. Não se espantem, todavia tenho saudades da época em que - na Terra - dividia os afazeres domésticos com atividades espirituais. Admiro-me quando vejo pessoas maldizendo a vida, ao ponto até de muitas fugirem dela através do suicídio. Não, meus irmãos, não pensemos dessa maneira, pois a vida no corpo, quando bem vivida, traz doces recordações e, apesar de ser num mundo de provas e expiações, também traz saudades.

Minhas colocações não têm como objetivo fazer uma autobiografia: apenas desejo

deixar transparente minha condição espiritual.

Voltando ao tema central de nossas reflexões, convido os amigos a refletirem sobre a importância dessas casas espíritas erguidas em nome do amor. São como se fossem oásis de bênçãos, em meio ao deserto da incredulidade.

É preciso fechar os olhos físicos e tentar ver o que se passa além. As bênçãos recebidas em nome de Jesus, o amparo, a proteção e o mais importante: o esclarecimento que liberta.

Como nosso objetivo, a cada capítulo, é deixar uma mensagem positiva, posso garantir-lhes, porque já presenciei, que os espíritos mais nobres, os que estão à frente das equipes responsáveis pela transformação moral do Orbe, de quando em quando, visitam esta ou aquela casa espírita. Nem sempre são identificados pelos médiuns videntes, nem sempre dão uma comunicação mediúnica,

mas estão ali espíritos de alta envergadura moral, espíritos de nomes respeitáveis. Muitas vezes, para se evitar a dúvida e não criar embaraços para o médium, quando decidem comunicar-se através da mediunidade, assinam apenas: *Um espírito amigo*.

Nada há de absurdo nesta afirmação. Afinal, muitos desses espíritos já têm condições morais para habitar planos superiores e, se não o fizeram, foi por amor ao Planeta Terra, e quem ama está perto. É um ensino conhecido por todos os espíritas que o que importa é a mensagem, o conteúdo e não quem a assina. Concordamos plenamente. Estamos citando a presença desses espíritos nobres para servir de inspiração aos seareiros encarnados, para que tenham certeza de que não estão desamparados. Aos mais pessimistas que acreditam que isso seria impossível de acontecer, peço-lhes que se lembrem de que Jesus nunca se esquivou de nenhuma criatura que fosse e, mesmo depois da morte, voltou para consolar, após encerrar sua nobre missão; em espírito, voltou para falar com Pedro, com os Apóstolos e, em dado momento, com uma multidão de pessoas. Se Jesus voltou para confortar, por que seus representantes não voltariam?

Que nossos irmãos não interpretem de maneira equivocada nossas palavras e acreditem que toda mensagem deixada por um amigo espiritual seja de um desses espíritos conhecidos e de moral elevadíssima; eu disse que, de quando em quando, eles estão presentes aqui ou ali, não a toda hora. E, se fiz tal ressalva, foi justamente para tentar mudar uma mentalidade errônea, segundo a qual os médiuns só vêem obsessores, tragédias, vingadores, legiões do mal, espíritos em forma de animais, etc. Tudo isso é verdade; não estamos questionando; mas e outro lado?

Por que geralmente não vemos o outro lado?

Se existem obsessores, também existe o anjo da guarda.

Se existem as legiões de espíritos inferiores, também existem as equipes de socorro que atendem em nome do Cristo.

Se existem as depressões terríveis, também existem o trabalho no Bem, melhor remédio para o combate à depressão.

Se existem os melindrosos, também existem aqueles que são fraternos, amigos e verdadeiros.

Enxergar só o mal é sintoma de cegueira espiritual, e o portador desta “doença” deve colocar os óculos do otimismo para ver “de perto” e os óculos da fé inabalável para ver “de longe”.

Na Colônia a que estou vinculada, todos os dias, dedicamos alguns minutos somente para agradecer à Divindade o que recebemos. No corpo, talvez nos falte ainda a gratidão necessária, mas para os espíritos que desencarnam (refiro-me àqueles que têm alguma noção

do Bem e da caridade), após se recuperarem do impacto da “passagem” para este outro lado e se darem conta de quanto foram amparados sem o devido merecimento, o primeiro sentimento que surge é o da gratidão.

Nos vários hospitais existentes na região espiritual em que trabalhamos, quando fazemos as visitas aos quartos dos que estão internados em recuperação, sempre pedem para trabalhar, para se sentirem úteis. O problema é que nem sempre podem trabalhar logo depois da desencarnação, já que quase sempre foram almas que muito pouco produziram quando encarnados e, como a morte não realiza nenhum milagre neste sentido....

Para finalizarmos o assunto, rapidamente me lembro do caso de Juçara, que, após ser resgatada das regiões de sofrimento e permanecer por quase um ano internada, recebendo passes e conselhos, ao se recuperar, levantou-se, saiu pelos corredores do hospital, e ao me avistar, disse em alta voz:

— Bendita, este nosso Deus é mesmo difícil de entender! Se a gente reencarna, dizem que é para trabalhar em benefício dos outros e de nós mesmos; se a gente deixa o corpo, dizem que a gente tem que trabalhar para acumular méritos a fim de poder voltar. O pior é que nosso objetivo é chegar à perfeição e, ao que me consta, Jesus já é perfeito e continua trabalhando!... Pelo amor de Deus, me diga alguma coisa que me console, irmã!

Como eu conhecia o caso de Juçara e sabia que, apesar de ser uma alma boa, não simpatizava muito com o trabalho, situação que a levou depois

da morte ao lugar em que estava quando foi resgatada, sorri e respondi:

— Então, pronta para trabalhar?

— É só isso que tem para me dizer?

— Não, filha, antes de começar a trabalhar, vamos, juntas, fazer uma prece de agradecimento a Deus pela oportunidade do trabalho.

Ela sorriu um pouco sem graça e fizemos uma prece de gratidão.

Capítulo 8 Ainda Há Tempo

Elisa reencarnou com grandes possibilidades de êxito. A reencarnação havia sido muito bem programada. Uma família simples, mas unida, uma saúde física razoável, uma infância tranqüila e com uma tarefa definida: **amparar os menores abandonados**. Elisa estava longe de ser um espírito missionário. Ao contrário, se conseguisse realizar o que havia ficado estabelecido na sua programação reencarnatória, estaria quitando muitos débitos do passado. Era um passado no qual aquele espírito, que na atual existência se chamaria Elisa, havia fracassado desastrosamente, principalmente na área da sexualidade. Acostumado ao luxo dos grandes palácios, com o poder, com os muitos serviços que cumpriam seus mais absurdos caprichos, agora tal espírito tinha uma missão “especial” - aliás, missão que todos os que voltam ao corpo têm: reerguer-se moralmente de um passado de erros e dores.

Antes da volta ao corpo, o espírito atormentado prometeu a si mesmo, e àqueles que “endossaram” sua volta, que não cederia aos impulsos infelizes e que iria acolher todas as crianças sem lar que conseguisse.

Realmente, era um desejo sincero, mas como entre desejar e realizar há uma grande distância, tudo era apenas expectativa. Elisa deveria casar-se ainda na adolescência, para evitar outros deslizes. Muitas almas falidas nesta área, quando possível, escolhem ou pedem um casamento muito cedo, já que, para qualquer um que esteja reencarnado, as tendências do passado ainda exercem uma influência forte no presente. Joaquim seria seu esposo, espírito nobre que nutria por Elisa - desde outros tempos - um grande amor até então não

correspondido.

A vida de Elisa começou a se desviar da rota segura quando ela tinha apenas dezoito anos, na ocasião em que conheceu um homem mais velho, mais experiente, que não tinha nada a ver com seus compromissos afetivos do passado. Mas ele era rico, belo, um verdadeiro sedutor. Elisa se dizia apaixonada. Na verdade, não se apaixonou por ele, mas, sim, pelo que ele poderia oferecer a ela; era o seu passado que falava “mais alto”, mazelas que trazia na sua intimidade sem o saber: um gosto fervoroso pelo luxo, pelo poder.

E, apesar do seu desejo sincero de corrigir seus erros e se tornar uma pessoa melhor, Elisa fraquejou, cedeu aos encantos do moço rico. E, como acontece todos os dias, após um rápido e enganoso relacionamento, o sedutor a abandonou, justificando-se com o fato de ela ser jovem demais. Ela ficou arrasada e entrou em processo depressivo. A essa altura, o pretendente que deveria unir-se a ela naquela existência havia ressurgido como colega e amigo na mesma faculdade. Mas, aturdida pela decepção amorosa, ela simplesmente ignorou o amor de Joaquim, e este permaneceu na expectativa de que um dia ela mudasse de opinião e passasse a nutrir por ele algum sentimento afetivo.

Elisa passou a desejar uma vida melhor, financeiramente. Contrariando os pais, saiu de casa para morar com uma amiga. Às vezes, ela sentia saudades de algo, de que não se lembrava o que era; outras vezes, era visitada por uma imagem que a amedrontava: uma criança que chorava segurando sua mão e lhe mostrando várias outras crianças que também choravam.

Aquelas “visões” de Elisa eram vagas recordações do passado, em que a saudade era da vida farta e desregrada que havia tido e, quanto à visão daquela criança, era o fruto de grande erro do seu passado, quando entregou o próprio filho para ser adotado, já que este, por certo, atrapalharia sua vida de aventuras. Quanto às outras crianças que via, de certa maneira, era sua consciência advertindo-a sobre seus compromissos inadiáveis.

Lutando para ter uma vida independente, partiu - mais uma vez - para o caminho da prostituição, chafurdando-se no lamaçal da vida promíscua. Jovem e bela, era desejada e disputada por muitos homens.

Mas o importante é que, apesar de Elisa ter se desviado de sua proposta de soerguimento, ela já não era a mesma. Talvez pelo período de sofrimento nas regiões inferiores e, principalmente, pelas inúmeras orientações recebidas antes da volta ao corpo, não se sentia feliz. Algo dentro dela dizia que aquilo tudo era um grande equívoco. A bela prostituta proporcionava prazer, mas já não sentia tanto prazer; era o retrato de um espírito cansado da vida de ilusão. Vivia em luta íntima - de um lado, a velha Elisa dos prazeres, das aventuras, e, de outro, a nova Elisa, que desejava romper o casulo e voar para a felicidade. Foi em meio a esse conflito que, certa madrugada, quando retornava para casa, iria ter um encontro que a colocaria novamente no devido caminho.

A algumas quadras de sua casa, viu uma criança coberta por um pedaço de papelão. Era um menino de rua. Ela conhecia vários, mas aquele, em especial, lhe chamou a atenção. Tomada de estranha comoção, ela se aproximou e acordou o garoto, que dormia, perguntando-lhe:

- Menino, você não tem família?
- Não, senhora. Não tenho ninguém.
- Onde mora?
- Aqui, ali, em qualquer lugar.
- E não sente vontade de ter um lar?...
- Olhe, dona, o que eu queria mesmo era uma mãe pra cuidá de mim, sabe?

Aquelas palavras foram decisivas. Elisa recolheu a criança, que se chamava Marcos, mas que preferia ser chamada de *Marquinhos* e passou a ser uma espécie de “mãe postiça”.

Sempre que o espírito se desvia do caminho traçado, mesmo que reencontre esse caminho lá na “frente”, o tempo em que permaneceu nos atalhos irá gerar novas provas, novas expiações, novas situações desagradáveis que se acrescentarão aos desafios já programados. Foi o que aconteceu com Elisa. Após encontrar-se ou reencontrar-se com Marquinhos, o mesmo que ela abandonara no passado, passou a recolher dentro de sua própria casa crianças abandonadas e a proporcionar-lhes, pelo menos, um teto e uma alimentação. Foi aí que suas escolhas infelizes pesaram contra ela mesma. Em pouco tempo, foi denunciada e acusada de estar levando menores à prostituição. Algo que ela jamais fizera! Presa, as suas crianças voltaram para as ruas. Elisa havia chegado ao fundo do poço! Vencida pelos erros do passado, ela desejava mudar, mas, por si mesma, já não era capaz.

Como a Divindade tem mecanismos para nos ajudar, que desconhecemos, numa noite fria, nossa irmã recebeu uma visita inesperada: Joaquim. Ao vê-lo, emocionou-se e, abraçando-o, chorou copiosamente. O moço, que ainda não havia desistido do amor daquela jovem, lhe disse:

— Até que enfim a encontrei! Você sumiu, seus pais voltaram para o interior e me pediram

que, se eu a encontrasse, lhe dissesse que eles a amam e que sempre estarão esperando por você.

Elisa, um pouco mais calma, notando que Joaquim era sua “tábua de salvação”, disse-lhe:

— Você ainda me ama ao ponto de perdoar-me os erros e ainda assim ficar comigo?

— Sim, Elisa! Meu amor é maior que tudo isso.

Ela, uma vez mais, tendo consciência de que necessitaria ser o mais sincera possível, indaga-lhe:

— Mesmo sabendo que eu gosto muito de você, mas não o amo, ainda assim ficaria comigo?

— Olhe, onde você está, Elisa, numa cela de cadeia, e eu estou aqui. Você ainda tem dúvida?

A pergunta ficou sem resposta. Joaquim pagou a fiança de Elisa e decidiram começar uma vida juntos. Não apenas os dois, pois ela narrou ao seu “benfeitor” (Joaquim) o desejo de ajudar as crianças sem família, inclusive Marquinhos.

No fundo, ela também tinha um profundo sentimento por Joaquim, mas, até aquele momento, seus interesses materiais haviam sufocado tais sentimentos. Sendo ele um jovem operoso e responsável, após empreenderem muito trabalho, construíram a casa própria e, ao fundo da residência, a pedido da esposa, o apaixonado marido construiu um galpão.

Depois de algum tempo, Elisa dava início - um pouco atrasada - à tarefa junto às crianças sem lar, de acordo com o compromisso assumido no plano espiritual. Ela conseguiu reunir nove das dez crianças que ajudava na ocasião em que foi presa. Ela, com a ajuda de outras pessoas da comunidade, se tornou benfeitora de inúmeras criaturinhas. As tuteladas tinham alimentação, orientação escolar, aprendiam a dar valor ao pouco que lhes cabia e recebiam o mais importante: carinho. Aquelas primeiras nove crianças, Elisa decidiu, juntamente com Joaquim, acolhê-las de modo diferente: elas não seriam apenas atendidas, mas seriam filhos e, apesar das dificuldades financeiras, o casal adotou as nove crianças de rua! A grande tristeza de Elisa foi que a única criança que ela não conseguiu encontrar foi justamente Marquinhos. Todas as suas buscas não deram resultado e o menino nunca mais

apareceu. Para amenizar a dor da saudade, alguns anos mais tarde, quando o casal terminou a construção de um lar para menores abandonados, ela deu-lhe o nome de “Lar de Marquinhos”.

* * *

Tive oportunidade de acompanhar o caso de Elisa, sem, no entanto, interferir. Outros amigos espirituais de nosso plano já eram responsáveis pelo caso. Ainda assim, tomei a liberdade de narrá-lo, porque a história nos convida a meditarmos a respeito do julgamento apressado que geralmente fazemos em relação à vida alheia. Na vida, não é

difícil encontrarmos aqueles que estão sempre prontos para uma palavra desestimuladora, uma crítica destrutiva, uma avaliação infeliz, pessoas que acreditam que aqueles que erraram não têm jeito e serão assim até a morte. A estes oferecemos o caso “verdadeiro” de Elisa para reflexão. Amparada por essa história é que digo aos irmãos e irmãs:

Nunca desistam das pessoas. As paisagens do coração humano se modificam com grande frequência.

Hoje, o erro; amanhã, o acerto...

Hoje, a ilusão; amanhã, a consciência desperta...

Hoje, o ódio momentâneo; amanhã, o amor eterno...

Por que não acreditar que as pessoas possam mudar?

Por que não dar uma segunda chance, se justamente aqueles que têm o coração endurecido e não perdoam o erro, precisam, quase sempre, não de uma segunda chance, mas de centenas?

Nunca desconsiderem ou desmereçam ninguém e, se alguém perto de vocês, disser que se tornará uma pessoa melhor, por pior que ela seja, no presente momento, não duvidem, não critiquem, nem julguem ser impossível, apenas estendam a mão para ajudá-la.

Elisa deixou de realizar muitos trabalhos já programados, graças à sua distração inicial, porém consideremos de bom tamanho o resultado, já que, além de corrigir muitos débitos do passado, ainda conseguiu, pela primeira vez, numa encarnação, vencer uma grande parte de suas mazelas.

Quem poderia acreditar que ela conseguiria?

Jovem, distante dos pais, tendência ao luxo, uma profissional do sexo, com certeza, pouquíssimos acreditariam numa transformação moral. É nessas horas que observamos quanto Jesus é magnânimo, pois, mesmo que todos acreditassem que ela não iria conseguir, Ele acreditou. A confiança que Jesus deposita em nós é tão grande, que, apesar de tanta violência, descrença, maldade que reinam no mundo, Ele ainda acredita na humanidade.

Sempre haverá tempo para recomeçar e, quanto mais cedo começarmos a construção de um novo homem, mais rapidamente seremos felizes.

Meu irmão, minha irmã, pensem no que vocês mais precisam mudar em sua vida e mudem. E, se por acaso sentem o peso do remorso, a consciência culpada dos erros cometidos, se vocês chegam a sentir a presença espiritual daqueles a quem prejudicaram e se vocês, ainda, já atingiram idade física avançada e estejam lamentando o tempo perdido, posso aconselhar, queridos irmãos: não lamentem, não chorem, não baixem a frente, não se sintam as piores das criaturas, não lastimem..., Apenas corram atrás do tempo perdido, porque, se ainda estão no corpo é porque **ainda há tempo para serem úteis.**

Capítulo 9 Os Tesouros da Alma

Auxiliar os espíritos que deixam o corpo pela desencarnação torna-se, por muitas vezes, frustrante para nós. Ocorrem situações de tanta dor, tanta lamentação, desespero e principalmente decepção daqueles que fizeram uma idéia fantasiosa do que seria “morrer”, que pouco podemos fazer. Lembro-me de que, logo no início de minhas atividades após minha desencarnação, houve uma reunião em nosso plano onde o orientador do grupo, dotado de grande experiência nesses casos, alertou-nos:

— Por mais que as situações pareçam desesperadoras, permaneçam calmos e serenos. Façam o que estiver ao seu alcance. O resto é com Deus. Lembrem-se de que nada está fora de ordem. Apenas amparem na medida do possível e confiem na Providência Divina.”

A orientação do benfeitor foi de suma importância, já que muitos espíritos desencarnados têm condição de ajudar - por exemplo - na desencarnação de entes queridos, mas nem sempre esses entes queridos têm condições e méritos para serem amparados, criando, por esse motivo, situações embaraçosas.

Certa feita, fui convidada por um de nossos coordenadores a auxiliar na recepção de uma senhora que estava desencarnando. Na verdade, minha função naquela ocasião era apenas dar um “apoio moral”, já que a desencarnante havia sido uma grande amiga de quando eu ainda estava no corpo e minha presença, na hora da “passagem”, talvez pudesse suavizar o trauma da constatação de que a vida espiritual é uma realidade - trauma no caso dela, é claro.

Tratava-se da Sra. Sueli, mulher de muitas qualidades, boa mãe, pessoa honesta. Viúva muito cedo, criou sozinha os três filhos. Era portadora de mediunidade e tinha compromissos a serem desenvolvidos na seara espírita, mas não aceitava essa realidade. Eu mesma, por muitas oportunidades, a recebi em casa, aplicando-lhe passes e aconselhando-a a procurar a casa espírita. Ela, porém, acreditava que não fazer o mal já era suficiente; quanto a Deus, a oração três vezes ao dia bastava. Com essa postura perante a vida e a presença constante de espíritos inferiores, se tornara uma pessoa deprimida e amarga.

Com o passar dos anos, seus padecimentos foram se agravando, começando a desenvolver sérios problemas de saúde, que acho importante ressaltar: **doenças que nasceram da presença espiritual negativa e de seus pensamentos pessimistas.**

Muitas enfermidades nascem dessa maneira, quando a mente enferma adoce o corpo.

Nos últimos anos de sua vida física, permaneceu de hospital em hospital, com uma série de problemas de saúde e principalmente com problemas de ordem emocional e espiritual. Agora, ela deixava o corpo em situação delicada; apesar do caráter exemplar e de uma vida correta, havia desperdiçado oportunidades de servir.

Na hora aprazada, num leito de hospital, com infecção generalizada, a Sra. Sueli deixou o corpo. Os espíritos amigos auxiliavam no desligamento, enquanto ela, aos poucos, tomava consciência de si mesma. Amparada por dois enfermeiros de nosso plano, Sueli espírito foi levada até um pequeno jardim, ali mesmo no hospital, enquanto que Sueli corpo agora estava inerte, sem vida.

Aí, a irmã, com certa dificuldade, começou a perceber a presença dos amigos espirituais. Foi quando nosso orientador pediu que me aproximasse. Ao me ver, ela deu um grito e exclamou:

— Bendita! Então, é verdade! A vida prossegue.

— Sim, filha! Estou viva como você também está.

Nesse momento, talvez pelo impacto da notícia, ela desfaleceu. Colocamo-la em

confortável maca e conduzimo-la até a colônia, para o devido tratamento.

Cada caso de desencarnação é sempre de ordem pessoal. As desencarnações são semelhantes, porém cada uma guarda sua própria particularidade, tais como: o espírito ficar consciente ou inconsciente, permanecer ligado ao corpo por um tempo ou ser imediatamente socorrido - enfim, as situações são as mais variadas. No caso de Sueli, algo incomum ainda iria acontecer. Após algumas horas hospitalizada, ela despertou e pediu para ir até a seu velório. Há muitos espíritos que, mesmo não desejando, acabam por ser constrangidos, graças ao tipo de vida que tiveram, a assistir aos seus velórios e demais atos.

O caso de Sueli era diferente, mas, como nosso orientador acreditou que isso ajudaria na sua situação, me autorizou a acompanhá-la até o local onde estava sendo velado seu corpo.

Ao chegarmos, nos deparamos com as tradicionais e infelizes situações do “evento” denominado *velório*. Ali, uma piada; acolá, um encontro entusiástico de parentes que há muito não se viam e, perto do ataúde, o choro descontrolado daqueles que não se preparam para essa realidade.

Mantive-me à distância, permitindo que ela se aproximasse dos filhos, que choravam muito. Ela os abraçou, sem que eles pudessem perceber; depois, parou ante o seu próprio corpo inerte, fixou o olhar no “vaso” físico e, por um tempo relativamente grande, assim permaneceu; a impressão que eu tinha é que ela repassava toda a sua existência. Depois desse tempo em silêncio, com o olhar ainda fixo no féretro, ela desabafou como se estivesse falando consigo mesma:

— *Sua estúpida! Tantos conselhos Joram oferecidos a você, mas sua teimosia e sua preguiça impediram que enxergasse a realidade. Como você pôde acreditar que meia-dúzia de preces por dia fosse capaz de suprir a necessidade do trabalho? Olhe seus filhos, bem amparados financeiramente pelo dinheiro que você deixou, mas e o ensinamento religioso? Você nunca falou de Jesus aos seus filhos e nunca incentivou que tivessem uma religião!*

Notando que Sueli começara a se desequilibrar, aproximei-me e a afastei do local, ao mesmo tempo em que já se providenciava o sepultamento dos restos mortais. O cemitério era próximo, apenas a algumas quadras. Sueli desejava acompanhar todo o trajeto, mas ela estava muito atordoada... Ao mesmo tempo em que desabafou diante do próprio corpo, admitindo seus erros, agora era o remorso que começa a tomar conta do seu coração. A todo momento, ela dizia: - Por que... por que... não aproveitei melhor minha vida? Por que não fiz mais?

Dois enfermeiros de nosso plano vieram socorrê-la, conduzindo-a novamente - agora por um tempo longo - ao hospital para ser iniciada devida recuperação.

Confesso que toda aquela cena melancólica me havia entristecido. Enquanto observava as últimas homenagens dos amigos de Sueli, recordava-me também, com certa melancolia, de minha própria desencarnação e do quanto eu poderia ter feito mais em benefício do próximo, enquanto encarnada.

Surpreendida em minhas divagações, nosso orientador amigo aproximou-se, abraçou-me e disse: — O que há, Benedita?

— É que, às vezes as dores humanas são tão intensas, que acabam por nos deixar um pouco tristes (E peço a nossos irmãos encarnados que não estranhem meu sincero depoimento: nós, espíritos sem corpo, não somos “de ferro”; temos nossas horas de fragilidade).

Nosso amigo e orientador ponderou:

— Você tem razão. Principalmente quando aqueles que estão sofrendo são nossos entes queridos ou pessoas caras ao nosso coração. Em nossa equipe de trabalho - por exemplo

- há muitos seareiros de grande valor que se dedicam a diversas atividades junto àqueles que sofrem. Espíritos que já compreenderam a necessidade do trabalho para o próprio reequilíbrio. E, não raras vezes, esses dedicados seareiros têm pais que estão sofrendo ainda encarnados, à beira do suicídio; famílias que

estão se destruindo por causa de heranças, e uma série de outras situações. Mas, como você sabe, nas Leis Divinas não existem favorecimentos; cabe, em primeiro lugar, que aqueles que estão sofrendo estendam as mãos e desejem sinceramente ser ajudados, para que, então, seus entes queridos que já tenham méritos adquiridos possam intervir para ajudá-los.

Concordando plenamente com o amigo, redargüi:

— Ainda a meu ver, tais fatos tornam esses abnegados servidores ainda mais dignos, pois, mesmo não podendo fazer nada pelos parentes que estão sofrendo, não se sentem desestimulados, mas continuam a ajudar da mesma maneira.

— É verdade - após refletir um pouco, finalizou: — Coisa que nossos irmãos encarnados raramente fazem. É muito difícil encontrar irmãos encarnados que, mesmo com dificuldades pessoais continuem a servir sem se abaterem. Em geral, acabam se concentrando em seus próprios problemas e se esquecem de que sempre haverá quem sofre mais. Isto se chama egoísmo.

— E quanto à nossa irmã Sueli? -indaguei.

— Não se preocupe. Sua desencarnação foi melhor do que esperávamos. Ela ainda terá muitos problemas de consciência, porém pelo menos seus obsessores já não a aguardavam depois da morte; muitos haviam se cansado; outros haviam sido encaminhados para tratamento. Afinal, Benedita, em tempos atuais, desencarnar e ter uma cama de hospital para recuperação já é mérito para poucos.

* * *

Pelo menos uma vez na vida, caminhe descalço sobre a grama molhada, sentindo a natureza em contato com o próprio corpo.

Pelo menos uma vez na vida, contemple a beleza de um jardim, sinta o perfume de uma rosa, chore junto de alguém que sofre, sorria junto de alguém que está feliz.

Pelo menos uma vez na vida, levante-se mais cedo e observe o espetáculo do nascer do Sol.

Pelo menos uma vez na vida, cancele todos os seus compromissos, por mais importantes que sejam, sente-se no chão e brinque com seu filho.

Pelo menos uma vez na vida, admita seus erros e procure melhorar.

E que não só por uma, mas por muitas vezes na vida, faça a caridade, pronuncie a frase: “Eu te amo.” Perdoe, releve...

Acumule os tesouros da alma em seu coração.

Imagine-se numa cama de hospital, com uma doença em fase terminal; não há mais esperança; pela saúde frágil, você começa perceber a presença dos espíritos amigos e dos entes queridos já desencarnados. Com dificuldade se levanta, olha para o leito e vê o corpo que agora “expulsa” você,

pela incapacidade de manter-se vivo. Alguém aborda você com um tapa de cortesia no ombro e diz: “Seja bem-vindo! Você desencarnou”. Então, você olha para trás e refaz toda a sua existência, passo a passo: perdas, dores, alegrias, vitórias, derrotas... Então, você está diante de perguntas inevitáveis:

O que estou deixando para trás, de bom e de ruim?

O que eu tenho como bagagem espiritual?

Qual será o meu destino agora?

Quantas pessoas eu amei de verdade?
De quantas pessoas eu cheguei a sentir ódio?
Quantas vezes eu agradeci a Deus pela dádiva da vida?

O nosso convite é para que você possa acumular muitos bens espirituais. Afinal, sem querer ser dramática, você poderá ter que responder as questões acima daqui a várias dezenas de anos, que desejo sejam realmente propícios ao seu progresso espiritual.

Comentário da autora espiritual: Na atualidade, Sueli trabalha em colônia à qual se vinculou. Tem se mostrado muito grata, mas não deixa de estar deprimida pelo tempo perdido.

Capítulo 10 A Fonte da Discórdia

A situação naquela instituição espírita havia se tornado insustentável. Os desentendimentos entre o dirigente encarnado, Sr. Carlos, e o Coordenador de Atividades Doutrinárias, Sr. Mário, eram cada vez mais frequentes.

A disciplina rígida imposta pelo Sr. Carlos não permitia que o Sr. Mário realizasse um sonho pessoal: o de colocar uma fonte na entrada do Centro onde os movimentos de subir e descer das águas pudesse ser um convite natural aos frequentadores da casa à reflexão.

Toda aquela discussão em torno do assunto começava a perturbar o ambiente, especialmente nas reuniões de desobsessão. O problema maior é que os outros componentes do grupo começavam a tomar partido, alguns contra, outros a favor da instalação da fonte.

Na verdade, ambos estavam se equivocando. O Sr. Carlos era homem de grande valor, por mais de trinta anos conduzindo grupos espíritas, mas agora extrapolava na condição de Presidente. Seu desejo com a proibição da instalação da fonte não tinha nenhuma base doutrinária: apenas desejava mostrar “quem mandava”, enquanto que o Sr. Mário, apesar de sua dedicação admirável à seara espírita, extrapolava porque a tão desejada fonte era apenas um capricho pessoal.

As trevas, que não perdem tempo, haviam encontrado na briga dos dois militantes espíritas uma brecha para se infiltrarem na casa espírita. O clima de fraternidade começava a ceder espaço a intrigas e furtivas.

Em uma das reuniões mediúnicas, aproveitando a presença de um médium coerente, que não havia tomado partido no problema (sim, porque, caso isso houvesse ocorrido, com certeza esse médium iria alterar a comunicação), o dirigente espiritual da casa trouxe uma mensagem de alerta. Naquela ocasião, minha tarefa junto àquela casa espírita não era me envolver nesse problema: apenas, eu auxiliava num caso de obsessão no qual a pessoa encarnada, que eu tinha recebido a incumbência de ajudar, frequentava aquele centro. Daí a justificativa de minha presença no local. Mas, como se trata de assunto de mais elevada importância, pedi para acompanhar o caso, com objetivo de adquirir aprendizado.

Entre outros apontamentos, pude registrar os dizeres do benfeitor, que se assim expressou:

— Sejam mais fraternos e ponderados. A desunião nos enfraquece, enquanto que a união

de pensamentos, nos deixa mais resistentes, frente às investidas das trevas. Rispidez, agressões verbais, discussões estereis não condizem com os postulados espíritas. Deixemos o autoritarismo e o personalismo de lado e sejamos humildes. Disciplina sem fraternidade “mata” o calor humano, necessário em qualquer setor da vida. Não vamos deter a marcha em situações que nada constroem. Lutemos para aprender a conviver pacificamente sem atritos

que nos distanciem do verdadeiro espírito do Cristianismo...

A orientação do dirigente durou cerca de vinte minutos. Ao término da reunião, o grupo resolveu fazer uma outra reunião, para decidir o problema da fonte. Assim sendo, como ocorre por diversas vezes, em muitas reuniões de tal natureza, a palavra do benfeitor não foi assimilada pela maioria dos que ali estavam.

O Sr. Carlos, fazendo prevalecer a autoridade, iniciou a reunião, dizendo em tom de aspereza:

— Não permito! É uma idéia absurda! Não há a mínima necessidade!

Imediatamente, o Sr. Mário reagiu:

— Tornará a casa espírita mais bela; as pessoas irão gostar. Eu já decidi. O senhor não é dono deste lugar! A fonte já foi comprada e eu mesmo vou instalá-la amanhã bem cedo!

Diante da discussão acalorada, nenhum dos trabalhadores ousava interromper. O Sr. Carlos, sentindo-se acuado, levantou-se e afirmou:

— Deste jeito, não há como ter reunião. Eu o aviso, Mário: se levar adiante essa idéia, usarei minha autoridade de Presidente para expulsá-lo!

Após a ameaça, o Presidente saiu da sala resmungando e os demais componentes da reunião, aos poucos, também foram tomando o caminho de suas casas, inclusive o Sr. Mário.

Quando o centro teve sua última porta fechada e o silêncio se fez, o dirigente espiritual, Irmão Justino, reuniu o grupo responsável por aquela casa e o tranqüilizou, dizendo:

— Amigos, não se preocupem! Amanhã, pelo que estou informado, ocorrerão fatos gravíssimos que alterarão toda essa deplorável situação que foi criada pelos nossos irmãos.

Um dos participantes da reunião indagou:

— Mas a previsão é que amanhã ocorra uma verdadeira tragédia. Tanto o Sr. Carlos como o Sr. Mário estão decididos a fazer prevalecer seus pontos de vista. O que acontecerá quando essa fonte chegar amanhã cedo?

O benfeitor, deixando transparecer que sabia de algo que nós desconhecíamos, sem revelar o que era, afirmou:

— O amanhã é sempre um ponto de interrogação. A maioria das pessoas não se dá conta disso. Em se tratando de futuro, ninguém pode ter certeza de nada. Vejam, aqueles que, hoje, estão encarnados, amanhã, poderão estar desencarnados; os que, hoje, estão saudáveis, amanhã, poderão adoecer; os que, hoje, estão

doentes, amanhã, poderão recuperar a saúde; os que, hoje, são ricos, amanhã, poderão estar pobres... Entenderam? Uso a palavra *amanhã* no sentido de futuro.

Vamos continuar nossas atividades normalmente e, amanhã, estejam em alerta para acontecimentos muito mais graves que essa “bendita” fonte.

No outro dia, enquanto eu encaminhava mais um irmão equivocado para tratamento em hospital próximo à Crosta, observava que nenhum deles, nem o Sr. Mário, nem o Sr. Carlos haviam aparecido no Centro. Logo o mistério foi esclarecido: de manhã, quando o Sr. Mário colocava a fonte no veículo para transportá-la, um tropeço, um tombo e o seu objeto de desejo espatifou-se com a queda! Foi ele rapidamente socorrido e se encontrava num hospital. A ausência do Sr. Carlos tinha um motivo bem mais grave: em plena madrugada, uma parada cardíaca havia provocado a sua desencarnação.

Alguns dias depois, o Sr. Mário, com a ajuda de uma bengala, retornava ao Centro. Cabisbaixo e abatido, em seus pensamentos, martelava-lhe a mente a frase de **Jesus**: “Reconciliai-vos o mais depressa com o vosso adversário, enquanto estais com ele no caminho”...

Ele não havia seguido a recomendação cristã. Agora, o Sr. Carlos já não estava no corpo e ele, por causa de injustificável capricho, havia cultivado rancor e antipatia. Um amigo mais provocador, ao vê-lo de retorno, foi logo dizendo:

— E então, Mário, agora que você está melhor e que toda a tristeza pelo “perda” de Carlos está passando, pode voltar a pensar novamente na fonte a ser instalada na entrada do Centro.

Com lágrimas nos olhos, Mário respondeu:

— Realmente, precisamos colocar algo na entrada do Centro, mas, com certeza, não será uma fonte. Já que você tocou no assunto, por favor, procure nos arquivos da casa uma foto de Carlos. Coloque-a em uma moldura, pendure-a naquela parede que fica na entrada da Instituição e não se esqueça de mandar escrever abaixo da foto: **Nossa gratidão ao homem que conduziu este grupo por trinta anos.**

A situação do Sr. Carlos, ao despertar em nosso plano, era bem pior. Ele se assemelhava aos muitos dirigentes que deixam que a palavra **Presidente** contamine a alma, se tornando pessoas vaidosas e convencidas. Como nosso objetivo não é concentrar nossas atenções no que é negativo, ao mesmo tempo que muitos dirigentes “desembarcam” na vida espiritual frustrados e desesperados pelos erros cometidos, também é preciso ressaltar um número grande de dirigentes que estiveram cumprindo com humildade sua função e que aqui chegam como verdadeiros vitoriosos.

Mas, sem dúvida, não era a realidade do Sr. Carlos. Por várias vezes, havia extrapolado nos seus delírios de poder. Claro que tais equívocos não tiravam seus méritos. Nessa matemática de adição dos acertos e subtração dos equívocos, o resultado final era um Sr. Carlos amargurado consigo mesmo. Uma das últimas vezes que o visitei em um hospital onde se recuperava, ouvi de seus próprios lábios:

— Como eu pude, depois de tantos anos de Doutrina, perder um amigo, causar tanta confusão por causa de uma fonte?

As atividades da casa voltaram ao normal e, aos poucos, o assunto foi esquecido, menos no coração de Carlos e Mário, que agora aguardavam a oportunidade para os pedidos de desculpa.

* * *

Meus irmãos, não percam tempo com “futilidades” que não levam a nada, não percam tempo com inutilidades. Com fonte ou sem fonte, o tempo é impiedoso, e não aproveitá-lo de maneira correta é correr risco de sofrimento.

Dirigentes ou trabalhadores, não importa, em qualquer posição, usemos da fraternidade e do carinho para com aqueles que nos cercam.

Nos centros espíritas, todas as terapias são válidas e com resultados indiscutíveis. Existe o momento da terapia do passe, o momento da terapia da prece, o momento da terapia da palestra..., mas os dirigentes poderiam - é uma sugestão - criar também **a terapia da fraternidade.**

Um momento qualquer, antes ou depois de cada atividade, em que os membros do grupo pudessem se abraçar e se confraternizar, dizendo

uma palavra de estímulo ou ressaltando uma qualidade do amigo ou da companheira, fortalecendo os laços da amizade. Amizades que acabam por um ventilador que foi desligado quando você não desejava, amizades que se acabam por uma palavra mais invigilante e até amizades que se acabam por causa de uma fonte...

*

É fácil sermos fraternos quando entendemos que tudo se encadeia na evolução: temos

de ser pacientes com aqueles menos evoluídos que nós, uma vez que existem espíritos encarnados e desencarnados que são mais evoluídos que nós e nem por isso perdem a paciência conosco. Ao contrário, procuram sempre nos amparar pacientemente. Daí, ser paciente, compreensivo, fraterno com os outros nada mais é que um dever.

Capítulo 11 Resistência Moral do Tarefeiro

A astúcia e a audácia daquele espírito eram de impressionar. Sua razão de viver era não permitir que o Sr. Leo cumprisse suas tarefas dignificantes.

Agia sempre sozinho e sua técnica variava de acordo com a situação. Não poucas vezes, aproveitava-se da mediunidade desequilibrada e dos problemas mentais da esposa do abnegado médium (Leo) para assustá-la. Possuidora da mediunidade de clarividência, ela o via; às vezes, ele tomava a forma de uma grande cobra e deitava-se em sua cama, causando grandes transtornos para a família. Outras vezes, surgia à frente da mulher com aparências assustadoras, fazendo com que ela fugisse para o cafezal. Leo, sempre calmo e sabedor do que ocorria, trazia a esposa para casa, quase sempre depois de procurá-la até de madrugada. Tratava-se de um espírito culto que se autodenominava: o Lutador. Enquanto o Sr. Leo, se mantinha fervoroso em sua fé, seu inimigo traçava planos de ataque para destruí-lo.

O Sr. Leo era dedicado médium que atendia em sua residência, na zona rural. Seu guia espiritual, através de sua mediunidade psicofônica, dava orientação, remédios com base de ervas, aplicava passes, apaziguava corações, amenizava dores. Atendia até altas horas da madrugada, pois as filas eram intermináveis. Sempre que tínhamos tempo disponível, auxiliávamos as atividades juntamente com a equipe de trabalhadores de nosso plano que prestava o atendimento diário. Para que nossas palavras não causem nenhum tipo de discussão inútil, lembro-lhes que estou narrando fatos que ocorreram - a maioria - há algumas décadas, em que tais atendimentos, digamos, sem muita disciplina e sem local adequado, eram normais, mesmo porque aprendi com o Dr. Bezerra que, quando nos demoramos em fazer avaliações disciplinares, acabamos por perder a oportunidade de fazer caridade. De minha parte, tenho a preocupação de ser útil. A questão da disciplina é um caso de consciência de cada um; não me cabe julgar, mas apenas procurar ajudar.

Eu testemunhei pessoas chegando àquela casa simples, sendo atendidas, também, por um homem muito simples e saírem dali aliviadas, não curadas, porque isso está ligado ao mérito de cada um.

Uma vez, uma senhora foi trazida em uma maca, com fortes dores na coluna; já havia consultado vários médicos, sem resultado satisfatório; ela já não conseguia andar. E evidente que os encarnados não podiam ver, mas nós víamos um espírito vestido de *cowboy* montado em suas costas, como se estivesse cavalgando um animal. Batia os pés com força na sua barriga e dizia: - “Vamos! Me carregue, minha escrava!”

Dotado de moral elevada, o médium impôs as mãos e orou... Ao mesmo tempo em que benfeitores espirituais levaram o espírito que causava o sofrimento, a mulher conseguiu ficar ereta, de pé. Ao tentar agradecer-lhe, ele não o permitiu; disse que deveria agradecer a Jesus e alertou que ela deveria procurar uma religião séria e orar muito, porque havia melhorado, mas não estava liberta de seu mal.

Assim era a vida do Sr. Leo, dividido entre o trabalho pesado da roça, os cuidados com a esposa doente, a educação dos dois filhos e sua tarefa com a mediunidade. Como se não bastasse tudo isso, ele ainda sofria a perseguição implacável do Lutador, um pseudônimo que o espírito resolveu assumir, porque, segundo ele, definia sua personalidade.

O Lutador sempre tentava preparar uma armadilha para seu desafeto. Certa madrugada, quando os atendimentos estavam terminando, ele se serviu de uma jovem desequilibrada na área da sexualidade e, praticamente “incorporado”, levou a moça a uma proposta infeliz. Com gestos sedutores, aproveitando-se que a esposa repousava, graças a grande dose de calmantes e também pelo fato

de a sala já estar praticamente vazia, ela tentou, ou melhor, eles tentaram corromper sua moral, porém, consciente de seus deveres, respondeu calmamente à jovem:

— Eu amo minha família. Você busca as sensações da carne e o que eu ofereço aqui é apenas amor, que não emana de mim, mas sim do Criador. **Me deixem em paz!**

Usando o verbo no plural, o Sr. Leo deixava claro a seu inimigo que ele sabia de sua presença, apesar de não ter a clarividência.

Em outra oportunidade, mais uma vez se servindo de uma mente invigilante, o perseguidor induziu o esposo de uma mulher, que fazia tratamento com o médium, a acreditar que eles tinham um caso. O marido, descontrolado, certo dia apareceu no cafezal, onde o Sr. Leo trabalhava honestamente, dizendo absurdos e afirmando que iria matá-lo. O médium, sempre muito calmo, após ouvir várias acusações, lhe disse:

— Meu amigo, sua esposa o ama! Ela apenas vem aqui com a intenção de receber tratamento para sua alma. Por falar nisso (nesse momento, os amigos espirituais lhe mostravam uma cena), sua esposa sofre porque o senhor persiste em ter um caso fora do casamento. Cuidado, meu irmão! A família é algo sagrado. Deixe essas aventuras e volte-se para o seu lar.

O homem ficou desconcertado, pediu desculpas e partiu.

Em outras oportunidades, o Lutador tentava minar a fé do Sr. Leo, dizendo frases que estimulavam a descrença:

— Por que Deus não cura sua esposa?

— Se realmente você tivesse poder, sua esposa não estaria daquele jeito.

— Deus abandonou você!

Mas Leo sempre reagia a esses pensamentos que eram sugeridos, formulando uma prece de agradecimento a Deus.

Quando a comida escasseava e ele, a esposa e os filhos tinham que se alimentar apenas de peixes, que ele mesmo pescava num riacho do sítio, ele reunia a todos e dizia:

— Jesus matou a fome de uma multidão apenas com pães e peixe. Temos o peixe, por isso nos consideremos felizes por termos o que comer.

Algumas vezes, para não atrapalhar o atendimento, o Lutador era mantido à distância pelos guardas espirituais, mas o curioso era que, na maioria das vezes, ele tinha acesso livre na casa e não era barrado pelos benfeitores espirituais. Uma das poucas vezes em que ele foi barrado e, por isso, permaneceu sentado em um toco no meio do pasto, assustando os animais, com a devida permissão, tentei um diálogo com aquele irmão, que me parecia muito inteligente. O diálogo foi rápido, mas digno de ser registrado, pela capacidade que tinha de rebater qualquer idéia nobre com argumentos aparentemente coerentes. Foi assim: aproximei-me e disse:

— Boa noite, meu irmão!

— Senhora, não vejo nada de bom. Não a conheço, mas já percebi sua intenção... Para que eu e a senhora não percamos o nosso precioso tempo, a minha resposta é não. Até logo!

— Mas você nem sabe o que vou dizer...

— Já faço uma idéia... A senhora está atrasada... Outros já vieram. Desista. Não há argumentos que me façam mudar! A senhora sabe que meu nome é O Lutador?

— Sim, eu sei e, de certa forma, admiraria a sua perseverança, se sua determinação fosse canalizada para o bem...

— A senhora está sendo falsa... Quer me comprar com elogios mentirosos.

— Eu não faria isso.

Notando que eu estava sendo sincera, ele ordenou-me:

— Saia daqui, agora! Senão, irá se arrepender!

Eu me afastei alguns metros e pus-me a orar com grande fervor. Ver aquele irmão perdendo tanto tempo com uma vingança era muito triste!

Lutador entendeu a minha prece como uma afronta e, talvez pelo fato de eu conservar a mesma aparência de quando desencarnei, uma mulher e - pior - baixinha, ele, que conhecia as técnicas de “moldar” o perispírito, cresceu uns dois metros diante de mim e, com garras e dentes afiados,

ameaçou-me. Como eu continuasse a orar, ele ficou ainda mais furioso e investiu contra pessoas que aguardavam na fila o atendimento. Desta vez, ele foi detido pelo Antônio⁽¹⁾.

O tempo passava... O Sr. Leo continuava vencendo as dificuldades que se multiplicavam, sempre fiel ao seu compromisso de servir, e o Lutador sempre fiel ao “seu compromisso de vingança”.

Numa oportunidade, inquiri ao guia espiritual do médium a razão pela qual não impediam a presença do espírito perseguidor, uma vez que o Sr. Leo, no decorrer dos anos, havia acumulado muitos méritos, graças à sua dedicação. E ele - o benfeitor que acompanhava o médium - foi claro na explicação:

— Na vida, nós nos ligamos uns aos outros por laços fluídicos que, dependendo do sentimento, se tornam fortes. É preciso lembrar, porém, que as pessoas não se ligam apenas pelos laços do amor e da simpatia, mas também pelos laços do ódio, da traição, da calúnia... Quero dizer que nossos inimigos nos perseguem por um motivo e é justamente esse **motivo** que nos prende a eles. Nesse sentido, ninguém simplesmente se livra do

obsessor, mas o objetivo é transformá-lo de inimigo em amigo.

Hoje, o nosso Sr. Leo é, de fato, um grande trabalhador do Cristo, mas, num passado não muito distante, sob outra roupagem física, tinha um irmão - um homem culto, de posses, que via na família sua maior riqueza, entretanto, movido por ambição, desejou ter a família do irmão e conseguiu. Num plano bem arquitetado, o nosso Lutador de hoje, ou seja, o Esveraldo, seu verdadeiro nome, perdeu não só seu patrimônio, mas também a esposa a quem amava. O resto é desnecessário eu narrar... Trata-se de uma vingança do passado, como tantas outras que vimos acontecer. Portanto, Esveraldo, este ser desequilibrado, vingativo e violento, é, na verdade, o resultado de atitudes infelizes do nosso Sr. Leo e da sua atual esposa. A mesma que foi o pivô de tudo isso, no passado. Hoje, ela é uma mulher enferma e encontra no atual marido o apoio de que necessita, para não enlouquecer de vez.

A decisão de manter o Lutador por perto foi minha. É preciso, até para que o médium não se iluda a seu próprio respeito.

Acreditamos que, com o passar do tempo, o espírito obsessor irá ceder e, então, estará parcialmente resolvido.

Apesar das explicações terem sido claras, arrisquei questionar:

— Mas não há aí um risco? E se acontecer ao contrário? Digo, e se, ao invés de o Lutador ceder, for o médium?

— É um risco que temos de correr. Isso pode acontecer, já que ninguém é perfeito; à exceção de Jesus, todos que reencarnam e reencarnaram podem fraquejar e cair. Ainda assim,

a responsabilidade é do Sr. Leo. Ele criou essa situação e deverá arcar com as conseqüências, mesmo porque todo esse processo doloroso se torna um teste para o médium, demonstrando se realmente ele melhorou. E o seu passado em combate com o seu presente.

Continuamos, nos anos que se seguiram, acompanhando as atividades do médium, até que, um dia, ele adoeceu. Havia se tornado uma verdadeira “rocha moral”, mas a saúde estava fragilizada. Parou de atender o povo, permanecendo, nos últimos anos de vida física, preso a um leito de hospital, sempre acompanhado pelo Lutador.

Numa bela tarde ensolarada de domingo, ele desencarnou. Quando o espírito deixou o corpo, consciente de sua situação, pôde ver o quarto com os olhos da alma, identificando dezenas de espíritos amigos. Havia uma alegria geral, uma satisfação dos espíritos que desenvolveram em parceria com ele tão nobre tarefa. Aplausos, choro, emoção!

Eu faço questão de citar como foi a desencar-nação do Sr. Leo, para lembrar aos irmãos que muitos que deixam o corpo são aguardados do outro lado pelos inimigos desencarnados, mas, para os justos, para aqueles que conseguiram vencer as mazelas, para aqueles que não sucumbiram em meio à invigilância, a situação depois da morte

é bem diferente. Há principalmente alegria e a sensação do dever cumprido.

No final do corredor do hospital, lá estava ele, de pé, olhando fixamente seu antigo algóz. Após os cumprimentos, ele, que tinha o conhecimento da perseguição do irmão de outras épocas, pediu que os amigos aguardassem um pouco e foi até ele. Agora, depois de tantos anos, eles estavam frente a frente. Então, quando o Sr. Leo ia dizer algo, foi interrompido pelo Lutador, que lhe falou:

— Não diga nada. Um bom combatente tem que saber admitir quando perde uma batalha. Há muito tempo não sinto mais ódio de você, mas era uma questão de honra continuar minha perseguição. E, agora, sei que não poderei mais acompanhá-lo: no lugar para onde você vai, eu não posso entrar. Você venceu!

É nessas horas que descobrimos quanto as almas nobres são humildes. Ali mesmo, diante de todos nós, o Sr. Leo. que acabara de ser recebido como um vitorioso, ajoelhou-se, segurou os pés do Lutador e disse:

— Perdoe-me, meu irmão! Eu preciso do seu perdão.

A atitude havia surpreendido a todos, principalmente o Lutador, que se abaixou, ergueu-o e respondeu:

— Ambos, eu e você erramos. Não consigo perdoar-lhe, mas não se preocupe: por tudo que você fez em favor dos sofredores, Deus já lhe perdoou e é isso que importa. Devo partir... Adeus!...

— Deixe-me ajudá-lo! Venha comigo.

— Não! Quem sabe, num futuro... O que eu consigo fazer por ora é retirar a máscara deste personagem, “O Lutador”, e voltar a ser eu mesmo. Adeus.

Esveraldo partiu para um destino ignorado e todos nós acompanhamos o Sr. Leo até seu destino, ao passo que sua esposa doente e os filhos haviam ficado amparados por amigos.

* * *

Vários apontamentos poderíamos fazer, analisando os fatos acabados de narrar. Como exemplo, alertar os médiuns sobre a determinação que muitos inimigos do bem e do próprio médium possuem. Quantos que se achavam imunes à influência negativa não acabaram terminando seus dias em lamentáveis obsessões? Mas, não fugindo ao propósito deste trabalho, chamo a atenção dos irmãos para a perseverança que o servo do Cristo deverá ter, durante toda a sua vida. Que o tarefeiro não se iluda: os desafios são permanentes. E se você realiza algo de útil na atualidade, não se esqueça de que seu passado não pode

simplesmente ser apagado. Se hoje semeia o bem, há muito pouco tempo, semeava a discórdia. Não tenha pressa de colher os frutos das sementes que acaba de plantar.

Quanto aos inimigos desencarnados, agradeça a eles, já que a presença deles nos torna mais vigilantes, mais atentos às nossas ações. A vida do tarefeiro sem a presença desses irmãos seria um risco. Se, por um lado, os espíritos inferiores podem levar o trabalhador ao fracasso espiritual, a ausência, da mesma forma, pode fazer o mesmo, uma vez que facilidades para o trabalhador cristão também são fatores de risco...

A vida do Sr. Leo é a prova irrefutável de que, se formos determinados, construindo dentro de nós mesmos uma fé inabalável, ninguém nem nada poderá nos prejudicar.

As condições para sair da vida física como vitorioso são simples:

- Não preste tanta atenção nos próprios problemas.

- Seja humilde.

- Resolva seus problemas pessoais sem suspender a caridade diária.

- Ore.

- E, principalmente, não se esqueça: quando você reencarnou, Deus lhe deu todas as condições necessárias para a vitória. A derrota, portanto, torna-se apenas uma opção daquele que não quer esforçar-se.

Nota do Médiun: Quando a autora espiritual cita o nome Antônio, ela se refere ao estimado Antonio Pimentel, que militou por vários anos à frente do centro espírita na cidade onde residia. Antônio foi esposo de Benedita, na última romagem física.

Capítulo 12 Amor Incondicional

Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance por Lupércio. As preces sinceras que eram endereçadas à Divindade, por sua esposa, nunca ficavam sem resposta, mas não foi possível evitarmos a atitude impensada daquele irmão. O álcool e a obsessão são dois componentes que, juntos, geram tragédias imprevisíveis. Tudo foi muito rápido. O bar estava lotado. Lupércio, já embriagado e sob a influência negativa de um antigo rival do passado, jogava cartas com amigos. De repente, uma grave discussão: alguém havia roubado no jogo. Luís, precipitadamente, acusou Lupércio de estar sendo desonesto. A afirmação desencadeou uma briga entre os jogadores. Lupércio, que era um homem agressivo e sempre portava uma arma, num momento de desequilíbrio, totalmente descontrolado, em meio à briga generalizada, saca a arma e puxa o gatilho por duas vezes, atingindo o peito de Luís, que já caía ao chão, sem vida.

Infelizmente, fatos como este se tornam corriqueiros. Notícias de que vidas foram ceifadas pela violência não criam mais nenhum impacto em quem assiste ao noticiário. Por mais que se façam campanhas para o desarmamento, desarmar o coração é o único meio para alcançarmos a verdadeira paz no Planeta Terra.

Em menos de cinco ou seis segundos, Lupércio comprometia de vez sua reencarnação. Espírito rebelde, portador do vício do alcoolismo, ele nunca registrou os conselhos que lhe eram oferecidos por amigos espirituais e pela própria esposa, uma mulher de grande fé.

O autor do crime fugiu, desesperado e decidido a dar fim à sua vida de misérias. Enquanto fugia, pensava: “o suicídio será a única alternativa que me resta”.

Joaninho, que cuidava do caso, pediu que eu o acompanhasse, para tentarmos evitar segunda tragédia.

Quando o localizamos, ele estava sentado no chão, próximo a um riacho, com o revólver colocado contra o peito, dando-nos a entender que tomava “coragem” para o ato de fuga. Ao seu lado, permanecia o espírito inimigo, inspirando-lhe a idéia da fuga covarde, através do suicídio. Dizia-lhe, como se estivesse ordenando: - Vamos, se mate! Agora é tarde... Se viver, será só para sofrer... Vamos, puxe o gatilho!...

Antônio, um espírito que sempre foi, desde a época de encarnado, muito sério e rígido nas

disciplinas, veio nos auxiliar. Tomou a nossa frente e, com poucas palavras, arrancou o espírito de perto de Lupércio e o levou. A palavra *arrancou* parece um pouco estranha, mas foi exatamente o que ele fez, porque há situações tão drásticas (e aquela era uma dessas situações) que não há tempo para doutrinações. Era preciso agir com rapidez.

Eu e Joaquinho nos aproximamos. Enquanto eu orava, o benfeitor agora lhe inspirava outras idéias: “Não faça isso! Já errou demais... Nem tudo está perdido...”

Lupércio registrava algumas palavras de Joaquinho.

Quando o irmão em desequilíbrio parecia ceder às palavras benfazejas e tudo indicava que havíamos conseguido, ouvimos gritos. Lupércio levantou-se rapidamente e se viu frente a frente com dois policiais devidamente armados, que lhe deram voz de prisão. Ele reagiu, apontando sua arma para os policiais.

Pela primeira vez, eu me vi numa situação de extrema violência. Este acontecimento foi um fato isolado, que ocorreu em minhas atividades junto aos encarnados, mas os irmãos poderão fazer uma pálida idéia da dificuldade dos benfeitores espirituais para conseguirem tutelar seus protegidos, nas grandes favelas das grandes metrópoles, onde os confrontos de policiais e traficantes são constantes. Por muitas vezes, quando os irmãos assistem nos telejornais às verdadeiras guerras que acontecem nesses lugares, quase nunca se perguntam o que

acontece deste outro lado, nestes ambientes. Podem ter certeza de que as cenas são bem mais tristes do que aquelas que os olhos físicos conseguem captar.

Lupércio estava trêmulo. Os dois policiais, sem experiência alguma, também estavam tensos. Tudo poderia acontecer. Nessa hora, o espírito de uma senhora, aparentando uns sessenta anos, tomou a nossa frente, parou diante do irmão em desequilíbrio e gritou com toda a força que possuía:

— Não, meu filho! Largue a arma!

Realmente, o amor tem uma força que a maioria de nós desconhece. As vibrações daquela mulher foram tão intensas, ela colocou tanto sentimento no seu apelo, que Lupércio sentiu como se tivesse recebido uma descarga elétrica. Assim me expressei, por não encontrar palavras que exprimam com exatidão o que aconteceu.

Ele baixou a arma e, imediatamente, foi detido pelos policiais.

Após o infeliz ser colocado no carro que o conduziria até a prisão, a senhora se dirigiu até nós e educadamente, disse:

— Desculpem-me ter agido sem a permissão de vocês, mas espero que me entendam: sou mãe que sofre... Infelizmente, eu pouco posso fazer por meu filho e, se ele se matasse, aí, sim, eu nada conseguiria.

Enquanto falava, começou a chorar. Eu me aproximei e pedi que se acalmasse. Joaquinho, para tentar aliviar o pranto daquela mãe, considerou:

— É preciso confiar em Deus. Recorde-se de Maria de Nazaré, que, na condição de mãe, sofreu mais do que todos no episódio lamentável da crucificação. E mesmo sabendo que o filho amado era inocente de todas as acusações, se mostrou resignada diante dele, que

agonizava na cruz. Seu filho tem livre-arbítrio; a senhora, por mais que o ame, não poderia decidir por ele; nem a senhora, nem nós. O que nos cabe agora é tentarmos amenizar todo o ocorrido, está bem?

A senhora, já um pouco mais calma, respondeu:

— Está bem. O senhor está com a razão e eu lhe agradeço pela ajuda.

— Apenas cumprimos com o nosso dever - respondeu Joaninho.

Lupércio estava arrependido. Em geral, é sempre assim: não conseguimos conter impulsos de agressividade e agredimos, atacamos, ofendemos, para nos arrependermos cinco minutos depois, mas aí já é tarde...

O autor do crime foi condenado a dezesseis anos de prisão. Eu não tinha uma ligação direta com aquele caso, que estava sob a responsabilidade de outros companheiros de jornada de nossa colônia. Porém, talvez por uma questão de afinidade, alguns meses depois da condenação do filho, a mãe pediu que a acompanhássemos até a penitenciária, lugar a que, até o momento, ela não tivera coragem de ir, para ver o filho.

Na data e no horário previamente definidos, juntamente com uma equipe que já realizava “excursões” a esses lugares, eu acompanhei D. Juvelina em visita materna ao filho.

E claro que o clima não era dos mais favoráveis, mas também não era - espiritualmente - um inferno sem esperança. Meu principal objetivo em narrar esta minha experiência é dizer aos irmãos - entre outras coisas -, que os presidiários, apesar de crimes nefandos, não estão esquecidos por Deus. Pude ver, é verdade, cenas que me entristeceram, como espíritos desencarnados que permaneciam nas celas, sem saber que haviam morrido; pude ver detentos morrendo aos poucos, esquecidos pelos guardas, num canto imundo de uma cela; cheguei até a testemunhar um suicídio dentro de uma das celas, sem nada poder fazer, já que o suicida contava com três obsessores que o dominavam totalmente. As demais cenas de dor que vi, não vou narrá-las, porque acredito ser desnecessário. Mas eu também pude observar detentos verdadeiramente arrependidos que tinham a companhia espiritual de entes queridos, especialmente as mães, benfeitoras nobres que se dedicavam a cuidar, claro, com muitas limitações, dos detentos, que também são filhos de Deus. Passes espirituais eram aplicados, doutrinações eram feitas, tratamentos eram realizados, numa prova de que Deus sempre irá socorrer-nos, independentemente do grau de maldade que cultivamos no coração. A mãe desencarnada, encorajada por aquela primeira visita, passou a ir ver o filho todos os dias, durante os nove anos em que ficou preso, pois ele deixou a prisão, depois desse tempo, por bom comportamento.

Quando cumpriu a pena, sua esposa já havia reconstruído a família com outra pessoa. Marcado perante a sociedade, por ser um ex-presidiário, viveu o resto da vida perambulando de um lado para outro, por vezes fazendo pequenos serviços e outras recebendo doações de pessoas caridosas. Não posso deixar de dizer que, apesar de tudo, ele nunca mais colocou uma gota de álcool na boca e se tornou uma pessoa ordeira.

* * *

Não se pode dizer que a reencarnação de Lupércio tenha sido bem aproveitada. Ao contrário, ele se enquadra entre aqueles - pode-se dizer, a maioria - que, de uma reencarnação para outra, dobram ou até triplicam as dívidas perante as Leis Divinas, ao invés de liquidá-las ou, pelo menos, diminuí-las.

O ensinamento que fica é que o “Amai-vos uns aos outros” apregoado por Jesus não faz qualquer restrição quanto à cor, nacionalidade, sexo e principalmente quanto à condição moral.

Sentimos dificuldade muito grande em amar pessoas que despertam em nós repulsa e

revolta com seus crimes hediondos. É muito mais fácil amar aqueles que nos amam, amar as crianças que nos parecem seres “angelicais”, amar os idosos que em muitas circunstâncias inspiram piedade. Quanto aos criminosos, nossa sentença é a punição máxima: Deve morrer! Tem que sofrer... Lembremos, porém, que Jesus, certa feita, referiu-se ao Pai como sendo aquele que faz nascer o Sol para os bons e os maus e vir a chuva para os justos e os injustos.

Deus não ama mais a um e menos a outro, ama-nos a todos com a mesma intensidade; para ele, não existe filho melhor ou filho pior. Simplesmente Ele é Pai. Ele ama, e só!

Para conseguirmos vencer a repulsa, a antipatia, a revolta a pessoas que venham a cometer crimes que abalam, tenhamos como exemplo o amor incondicional de Deus por todos nós. Recordemos ainda que aqueles que hoje se mostram frios, capazes de crueldade terrível, não são diferentes de nós, há alguns séculos atrás. Quando somos tomados pela cólera, quando gritamos, quando ofendemos ou quando perdemos o controle, estamos deixando transparecer os resquícios de uma violência que possuímos e de que só agora estamos conseguindo nos libertar.

Numa comparação: é como se fôssemos condenados a dez anos de prisão por um crime e, ao mesmo tempo, um amigo fosse condenado a doze anos por um crime semelhante ao nosso. Após cumprirmos nossa pena de dez anos, saímos da prisão e condenamos o amigo, afirmando que ele merece ser condenado, esquecendo-nos de que, até pouco tempo, estávamos trancafiados na mesma cela.

Na verdade, esta é nossa realidade: como condenarmos alguém pelos seus crimes, se, há pouquíssimo tempo atrás, estávamos no mesmo grau evolutivo?

Sejamos, meus irmãos, como um bela árvore produtiva, que oferta seus frutos e sua sombra a todos, sem questionar quem merece ou quem não merece. Procuremos ofertar nosso amor, sem fazermos julgamentos ou avaliações que não nos são pertinentes. Você pode estar pensando: “Mas, irmã, é um criminoso!” E eu lhe responderei: “Quem mais erra, mais necessita de amor”.

Todo aquele que “brinca” com a vida alheia, terá que arcar com as conseqüências, mas não cabe a nós o julgamento e, sim, à Lei Divina, já que não temos condições morais e intelectuais para analisar a vida de ninguém.

Se alguém que lê este livro é uma mãe que chora a morte do filho assassino, tenha a certeza de que a mãe do assassinado sofre mais. E se alguém chora por ter um filho assassino, lembre-se de que a maldade é sempre temporária, só o bem é eterno, e seu filho, um dia, se tornará uma pessoa de bem. Isto é uma **verdade indiscutível!**

Ftiii mãe, quando encarnada, e me considero mãe, mesmo depois de “morta” e sei que é muito difícil que uma mãe ou um pai perdoe o assassino de um filho. Todavia, neste sentido, o perdão tem como objetivo principal aliviar o coração de quem perdoa. Aquele que recebe perdão não se exime da responsabilidade do ato praticado. Aquele que consegue perdoar revela a demonstração de compreensão das Leis de Deus, segundo as quais, nada acontece por acaso, e ainda não se liga ao criminoso pelos laços da vingança.

Assim como Jesus, em momento de extrema compaixão pela humanidade, pediu ao Pai que perdoasse àqueles que o condenavam, porque não sabiam o que faziam... procure fazer algo semelhante, considerando que o agressor, por desconhecer as Leis de Amor, não sabe o que faz.

Capítulo 13 Um Depoimento Espontâneo

O fato aconteceu recentemente. Significa que ocorreu há alguns anos, em relação à

data em que esta obra está sendo escrita. Estávamos em um encontro do qual participavam vários espíritos que tinham tarefas definidas junto aos encarnados, principalmente aqueles que se dedicavam à produção de obras literárias. O objetivo daquele encontro era traçar novas diretrizes de trabalho junto aos médiuns. O espírita da atualidade necessita sair da postura da “acomodação” das limitadas atividades de aplicar um passe ou ouvir uma palestra, para passar à “ação”, ou seja, quebrar barreiras, levar a palavra consoladora a qualquer lugar e a qualquer hora. A filosofia adotada por muitos irmãos de dizer “Eu já faço o suficiente” tem neutralizado muitas possibilidades de trabalho. Os espíritos - pelo menos os que participaram da reunião - assumiram um compromisso de orientar seus tutelados encarnados para essa realidade.

Quando eu deixava o salão onde havia sido realizado o encontro de tarefeiros desencarnados, fui abordada por Tarciso, um colaborador de grande dedicação, que atualmente se ocupa em dialogar com os irmãos hospitalizados em nossa colônia, levando-lhes sempre uma palavra confortadora. Depois dos cumprimentos, falou-me:

— Benedita, soube que está realizando um trabalho literário junto aos encarnados. É verdade?

— Não, meu irmão, seria pretensão de minha parte dizer que se trata de um “trabalho literário”! Trata-se apenas de alguns apontamentos, algumas reminiscências e algumas experiências vividas por mim, que tomei a liberdade de enviar aos encarnados. Não se trata de um trabalho mais complexo ou de um trabalho permanente.

— Gostaria de contribuir com seu trabalho, narrando minha experiência na última encarnação. Poderia talvez?

Após pensar um pouco no pedido, respondi sinceramente:

— Não sei se seria uma boa idéia... Tenho procurado relatar fatos - verídicos - que possam dar ânimo aos nossos irmãos, com abordagem apenas do aspecto positivo, entende?

— Sim, eu entendo, mas minha história, apesar de não ser das mais bem sucedidas, traz uma mensagem confortadora, além de ser um alerta para muitos servidores do Cristo que porventura

possam estar vivendo uma experiência semelhante à minha.

Os argumentos de Tarciso eram coerentes; então, pedi a ele que resumisse ao máximo sua história, narrando apenas o essencial. Ele concordou. Sentamo-nos em um banco que fazia parte de lindo jardim, localizado ao lado direito do anfiteatro onde geralmente nos reunimos para estudos e outros eventos. Tarciso narrou sua experiência, que aqui transcrevemos:

Aos vinte cinco anos, eu era um jovem empresário com um futuro promissor. À época, já estava casado, já tinha minha própria casa, meu carro, meu luxo. Na condição de filho único, dirigia uma das empresas de meu pai. Foi nessa época também que conheci o Espiritismo. A fé raciocinada da Doutrina dos Espíritos havia me cativado. Frequentava assiduamente as atividades de uma grande instituição espírita próxima ao bairro em que residíamos.

Mas Deus esperava mais de mim do que ser apenas um espectador de palestras. Depois de alguns anos estudando a doutrina codificada por Kardec, passei a sentir coisas estranhas. Visões, sensações desagradáveis, pressentimentos, enfim, uma verdadeira avalanche de percepções que eu não sabia explicar.

Quando vi minha mãe, já “morta”, em meu quarto, numa noite de Natal, fiquei aflito e decidi buscar ajuda. O dirigente do Centro me disse que era mediunidade e que eu deveria me dedicar a ela.

Foi o que fiz. A princípio, até gostei. Fui informado por um benfeitor, em uma de nossas reuniões, que eu tinha uma tarefa de relevância para realizar. Eu me entusiasmei e, com o grupo da casa espírita criamos novos grupos de estudos, ampliamos as atividades junto aos atendidos pela casa e, por fim, um espírito que se definia apenas como um amigo passou a dar orientações ao grupo através de minha mediunidade.

É, meus irmãos, servindo-me de uma frase bem popular: “No começo, tudo é festa”... Depois de um tempo, me deparei com a necessidade de me dedicar mais, de estar mais presente nos trabalhos da Instituição. Percebi que seria necessário abrir mão de muitos caprichos, que seria necessário sacrificar alguns horas de lazer e de descanso. Mas o pior de tudo é que eu era muito ambicioso, daquelas pessoas que nunca estão satisfeitas com o que têm e sempre desejam mais e mais...

Dei início a um conflito íntimo: de um lado, o ganhar dinheiro, as festas, as futilidades, as viagens e, do outro, a necessidade de maior humildade, dedicação e serenidade.

No íntimo, o que eu tinha materialmente era suficiente para uma vida confortável, mas a ambição, ou seja, aquelas necessidades que inventamos para fugirmos dos compromissos espirituais, falou mais alto. Aos poucos, fui me desligando das atividades. Afinal, pensava: “Já faço doações volumosas a esta instituição, por isso já cumpro com minha obrigação.”

O espírito amigo que havia apenas iniciado seu trabalho através de minha mediunidade se afastou e, aos poucos, fui abandonando o Espiritismo. Nas mentes mais fracas como a minha, o poder e o dinheiro fazem um verdadeiro “estrago”, porque acreditamos que a posição social que ocupamos, o dinheiro que temos e as doações que fazemos nos eximem da responsabilidade dos trabalhos espirituais. Boa parte dos que possuem bens materiais prefere oferecer o dinheiro e não o suor do trabalho. Permaneci por dez anos afastado das lides espíritas. Apesar disso, era bem visto por todos, graças às muitas doações que havia feito, especialmente àquele grupo. Depois desse tempo, uma grave crise nas minhas empresas me fez perder quase tudo que eu tinha. Somando-se a isso, minha esposa chegou à beira da loucura, vitimada por terrível obsessão.

Só nesse momento de minha vida é que me dei conta do tempo perdido. Nunca a frase de Jesus “*Buscai primeiramente o reino dos céus, e todo o resto vos será dado por acréscimo*” teve um sentido tão profundo como naquela hora.

Decidi voltar às lides espíritas, mas, agora, que não mais era homem de posses, o tratamento, era bem diferente, até indiferente por parte de alguns que eu acreditava serem amigos. O recomeço é muito mais difícil, mas eu precisava recomeçar, recuperar o tempo perdido, realizar a tarefa da mediunidade. Ainda consegui servir a seara espírita por oito anos consecutivos, sempre nos trabalhos

mais simples. Aliás, se os espíritas da atualidade se dessem conta da realidade que os cerca, desceriam das tribunas e iriam para o meio das favelas. É apenas a minha opinião.

Um grave problema de saúde me levou a um quarto de hospital imundo, com outras seis pessoas no mesmo espaço, - logo eu que, quando me internava para os *check-ups*, tinha um quarto exclusivo com ar condicionado e TV. Mas tudo aquilo que me aconteceu foi justo: eu precisava “pagar” pela minha prepotência.

Após alguns meses de internação, deixei o corpo, consciente de meus erros. Eu estava preparado para o pior. No íntimo, eu até desejava estagiar por um tempo no “Umbral”. Afinal, eu merecia. Seria uma maneira de eu me redimir de meus erros. O remorso do tempo perdido corroía minha alma. Para meu desespero, fui amparado, assim que desencarnei.

Encaminharam-me a um hospital e trataram-me com grande carinho.

Ninguém me acusou, ninguém me julgou, ninguém me chamou a atenção, e isso, sinceramente, piorou o meu estado. Eu digo a vocês: experimentar, como eu experimentei, o peso de consciência pelos erros cometidos é pior que qualquer umbral.

Neste momento da narrativa, Tarciso se conteve por alguns instantes e concluiu sua história:

Depois de recuperar-me, procurei um dos coordenadores do hospital e lhe perguntei por que eu havia recebido tanta ajuda se tinha consciência

de que não a merecia. E ele me deu uma explicação que me deixou ainda mais envergonhado. Com calma, colocou a mão direita no meu ombro e disse-me:

— *Porque Deus é bom. Claro que você poderia estar numa condição bem melhor, se não tivesse alterado tanto seu programa reencarnatório, mas entenda que o Pai, que é sempre misericordioso com seus filhos, levou em consideração suas atitudes de caridade no decorrer de sua vida. O essencial, Tarciso, são a reforma interior, a doação do amor, a fraternidade sincera... Mas a caridade material também é necessária. É verdade que você a usava como subterfúgio para não fazer a outra caridade, a moral, bem mais difícil. Entretanto é inegável que muitos se beneficiaram com suas doações e isso pesou a seu favor.*

— Mas foi tão pouco o que eu fiz, diante daquilo que eu podia ter feito...

— Para você ver como a nossa condição é de seres pequeninos, diante do Universo.

Fazemos o mínimo e Deus nos dá o máximo...

Amamos pouco e Deus nos ama ao extremo...

Tomamos atitudes condenáveis de nos consideramos os melhores e Deus compreende nossa infantilidade...

Quando alguém erra conosco, somos implacáveis e logo condenamos a atitude, mas Deus, mediante nossos erros, sempre nos dá outras oportunidades.

Agora, Tarciso, pare de se culpar! Isso só vai retardar seu crescimento. Considere seus erros como experiências que não deram certo, caminhos que, pela própria dor que causou, nunca mais deverão ser trilhados por você. Por ora, vá ajudar alguém em pior estado. Já será um bom começo!

* * *

Esta é minha história, Benedita. Sei que é uma história comum, semelhante a tantas outras. Eu sucumbi na prova da riqueza, mas narrá-la, de certo modo, me alivia a consciência e o que fica como aprendizado principal para suas anotações é ressaltar que Deus é bom e misericordioso conforme revela nossa pobreza de linguagem. Não há na Terra nenhuma definição que sequer se aproxime de melhor definir esse nosso Pai. Acho que foi por isso que os espíritos que auxiliaram na codificação foram tão econômicos nas palavras, quando Kardec indagou: “O que é Deus?”. Como eles ir iam explicar a nós, criaturas tão atrasadas moral e intelectualmente, a grandiosidade de um ser como Deus? Por favor, diga isso aos encarnados, minha irmã. Peça a eles que orem todos os dias agradecendo a esse nosso Pai. Depois do pouco que fiz e do muito que recebi tenho a convicção de que, se fôssemos receber apenas aquilo a que temos direito pelos méritos adquiridos, a maioria de nós teria nada!

* * *

Tarciso se despediu, voltando às suas atividades. Ele não havia sido nenhum privilegiado. O que aconteceu com ele é o que acontece com quase todos nós, depois da desencarnação: somos compelidos a aceitar a evidência de que fizemos quase nada e, ainda assim, somos amparados pelas “gotas” de caridade que executamos. Imaginemos quando nossa caridade, ao invés de se assemelhar a “gotas”, se assemelhar a uma “catadupa d’água”.

Quanto não iremos receber de benefício?

Capítulo 14 A Hora de Servir

Ainda era madrugada, quando chegamos à residência da família M. Desde muito tempo, seus membros vinham sofrendo o assédio de espíritos vingadores que haviam estabelecido morada naquele lar. As preces sinceras e o esforço para vencer as próprias imperfeições, por parte da maioria dos membros da família, resultaram num “direito” à proteção da Divindade. Não quero dizer, com isto, que haja alguém que não tenha direito de ser amparado em suas dores. Refiro-me àqueles que não fazem jus à presença espiritual amiga, àqueles cujas orações são vazias de sentimento e a caridade vem sempre em plano secundário. São aqueles que pedem... pedem, sem desejarem fazer o mínimo esforço pessoal... Para essas pessoas, nossa presença é totalmente indiferente, porque, se estamos ausentes, elas estão à mercê de espíritos inferiores, mas, se estamos presentes, o quadro em nada se altera, já que a tendência é sintonizar-se com o que é negativo.

Naquela tarefa de socorro, além de contar com a presença de Joaquinho e D. Luísa, estimados companheiros que realizaram trabalhos relevantes junto aos encarnados, tínhamos o prazer de ter conosco, naquela ocasião, a presença de Antônio Pimentel, um irmão querido ao nosso coração, com quem tive a alegria de conviver e constituir uma família, em minha última existência física. O espírito mantinha as mesmas características de quando estava no corpo, disciplinado, enérgico, às vezes até ríspido no trato com os desencarnados, homem de grande valor moral, dinâmico. Havia sido dentista, político e, por vários anos consecutivos, presidiu as reuniões mediúnicas do único centro espírita da pequena cidade onde residíamos, num período de muitas dificuldades para aqueles que se denominavam espíritas - por volta dos anos de 1964 até meados de 1974 -, quando, em 1975, vitimado por acidente automobilístico, deixou o corpo.

Na residência da família M. havia vários espíritos de aspecto sombrio, todos com o objetivo de destruir toda a família. Antônio, que tinha um “jeito” pessoal de dialogar com esses espíritos, aproximou-se daquele que parecia ser o “líder” e indagou:

— Quem está no comando dessa desordem?

Imediatamente, um dos espíritos se adiantou e respondeu:

— Como ousa falar desse jeito conosco?

— Eu é que lhe pergunto como ousam vocês invadir este lar trazendo tanto sofrimento?

— É que...

Antes que o líder daquele grupo rebatesse as palavras de Antônio, ele interveio:

— Eu ainda não terminei, meu irmão...

O líder calou-se, ao passo que meu marido Antônio continuou:

— Há mais de dez anos que você desencarnou e, em todo este tempo, vem se dedicando a essa vingança absurda! Esqueceu-se até de seus entes queridos...

— Como sabe dessas coisas?! Não lhe dou esse direito de mencionar minha vida pessoal!

— No momento, seu direito foi “cassado”. Chame seus companheiros. Vamos deixar este lar, agora.

Um tanto surpreso pelo modo seguro de Antônio falar, o líder o olhou com indignação e questionou:

— O que faz o senhor pensar que vamos lhe obedecer? Acha que tem tanta força

assim?

Antônio tinha uma segurança admirável para falar com os espíritos, principalmente com os mais violentos. Agora, de maneira mais suave e sem perder o tom enérgico que caracterizava sua personalidade, respondeu ao irmão equivocado:

— Pobres de nós, meu irmão, se acreditássemos que o que nos sustenta de pé é nossa própria estrutura moral! Não somos nada, sem o amor do Cristo. O pouco que fazemos é graças a ele. O que possuímos de verdade são fraquezas. Eu tenho inúmeras e, se até hoje não caí de vez perante a consciência de culpa, é porque esse Cristo me dá inspiração para continuar. E, se eu digo que vocês vão comigo, não é porque tenha mais “poderes” do que vocês ou porque seja mais forte. Simplesmente, o bem é infinitamente mais forte que o mal e a saída do seu grupo daqui irá proporcionar, mesmo que momentaneamente, o bem de todos, inclusive o seu. Vamos!...

O espírito de uma mulher permaneceu na residência. De roupas rasgadas, cabelos desarrumados e olhar triste, ela mais parecia alguém necessitando de socorro do que alguém que necessitasse de disciplina.

Antônio, antes de partir, me disse:

— Dita, essa nossa irmã precisa de outro tipo de ajuda. Ela está alheia a tudo o que acontece e não consegue nos ouvir. É um caso para resolver com algum médium. Localize alguma casa espírita em que haja trabalhos dessa natureza no dia de hoje, porque não podemos esperar. Ela sofre muito!

— Farei isto imediatamente.

Como não trabalhamos necessariamente juntos, Antônio, sempre que nos encontramos, não perde oportunidade de brincar. Ele sorriu e, em tom de despedida, disse:

— Que obediência! Quando éramos casados, você era mais teimosa; sempre me desobedecia...

Sorrimos e ele partiu com o grupo para tentar ajudá-los de algum jeito.

Vale fazer uma explicação: Alguém podei l; i indagar se um espírito que tem responsabilidades no plano espiritual, poderia agir daquele jeito, digamos, meio que sem paciência - não sei se este é o termo exato para definir Antônio.

O importante é dizer que o espírito desencarnado não perde sua identidade. E errado supor, como supõem muitos, que, pelo fato de o espírito ser considerado um amigo espiritual, terá que ser sempre “educadinho”. Quero dizer, não existe uma padronização. Entre os espíritos encarregados de auxiliar os encarnados, a metodologia de auxílio sofrerá sempre uma variação de acordo com a personalidade de cada um deles.

O princípio é o mesmo, mas o método varia de um espírito para outro. Alguns têm mais cultura, outros mais bondade, alguns são mais dóceis, outros são mais objetivos e diretos, e assim por diante.

Joaninho, D. Luísa e eu fomos fazer o que a princípio parecia simples: encontrar uma sessão e um médium disposto a servir.

Como estávamos na véspera de um feriado, algumas casas espíritas haviam suspenso suas atividades naquele dia. Das três casas espíritas mais próximas que poderiam nos servir, duas estavam sem atividades; a outra, com o devido respeito, caracterizava-se por desorganização e mistificações, e decidi não arriscar. Eu tinha o conhecimento, ainda, de uma quarta casa espírita um pouco mais distante. Acomodamos Isabelle (era o nome do espírito) numa maca improvisada e fomos até nosso novo destino. Infelizmente, uma decepção: nenhum dos médiuns havia comparecido naquele dia, cada qual alegando um empecilho; cansaço, viagem de última hora, parentes que apareceram de surpresa, ou seja, o

de sempre.

Não tivemos outra saída senão conduzir a enferma a um posto de socorro do nosso plano e aguardar dois dias, quando foi possível, através de um médium, orientá-la. Com o choque anímico e a conversação bem feita com o doutrinador, foi possível conscientizá-la de sua atual situação. Após isso, bem melhor do que antes, ela foi internada.

Como o incidente havia atrasado o socorro àquela irmã, Antônio, na primeira oportunidade, veio ter conosco, para se informar do que havia acontecido.

Eu lhe expliquei a dificuldade que havíamos encontrado para o intercâmbio. Balançando a cabeça negativamente, aproveitando a presença do Joaquinho e D. Luísa, ele considerou:

— Sabem o que acho?

— Diga - adiantou-se D. Luísa.

— Digo, desde que Benedita concorde em reproduzir o que vou dizer aos nossos irmãos encarnados, sem alterar ou suavizar minhas palavras...

— Está bem, sem problemas, mas...

— Não se preocupe, Benedita. Também não sou essa pessoa sem modos. E que gosto das coisas bem claras, sem meias-palavras e também não tenho a pretensão de ser o dono da verdade. Afinal, cada um sabe de si, mas, em minha avaliação, que não deverá ter tanta importância, se comparada à avaliação de nossos superiores, em minha limitada visão, eu diria o seguinte:

— Não existem horários marcados para servirmos o próximo. A hora de servir é sempre a hora que alguém precisa. O bom servidor tem que estar sempre de plantão. Os centros espíritas deveriam se assemelhar às emergências dos hospitais que estão sempre em funcionamento, a qualquer hora do dia ou da noite.

— Muitos trabalhadores justificariam que precisam tirar férias. Férias de quê, se nós nem começamos a trabalhar ainda? É justo que o trabalhador reivindique seu salário sem cumprir com sua jornada de trabalho? Não é ser fanático, é ser dedicado. Dedicção, eis o que tem faltado para aquele que se diz cristão. Fechar as portas das instituições espíritas por causa de feriados, festas é um absurdo sem tamanho. Quem sofre tem pressa de ter alívio. O espírito necessitado, que é trazido até as reuniões de intercâmbio, quase sempre em estado deplorável, é constrangido a esperar a vontade do médium. Chega a ser uma falta de respeito. O que vejo, com raras exceções, são médiuns, com horários marcados para serem úteis. Eles até que trabalham, desde que não seja sábado ou domingo, desde que não seja muito cedo, porque, afinal, precisam dormir; ajudam, desde que não seja na hora “sagrada” do descanso.

Falo com conhecimento de causa, pois é difícil a atividade que vamos realizar junto aos trabalhadores encarnados que não encontramos problemas dessa natureza. E pensar que, séculos e séculos atrás, os cristãos davam a vida pela Boa Nova do Cristo.

— Eu sei que o alerta que faço não é novidade. Outros espíritos muito mais evoluídos que eu já falaram sobre esse problema, até com muito mais propriedade que eu. Quem sabe, se muitos espíritos falarem, através de vários médiuns diferentes, nossos irmãos encarnados não entendam que tais fatos são uma triste realidade e que precisam, o mais urgente possível, rever seus conceitos do que seja **ser cristão**. Talvez para amenizar um pouco suas palavras, ele rematou sua fala:

— Mas é assim mesmo! Vamos orar muito por todo o mundo, inclusive por nós, mesmos, que estamos deste outro lado e ainda assim, às vezes, titubeamos em nossa fé. Minhas palavras não têm outro objetivo senão tentar ajudar a evitar tantas decepções e tristezas por parte daqueles que aqui chegam, com a certeza de um céu que não fizeram por

merecer.

Pelo adiantado da hora, Antônio interrompeu suas considerações e partiu rumo às muitas atividades por que era responsável. Quanto a nós, permanecemos em orações em favor de nossos irmãos encarnados.

Capítulo 15 A Simplicidade

O trabalho na vida espiritual é incessante. Desencarnações, obsessões, grupos espíritas à beira do fracasso, seareiros que reencarnam com tarefas definidas perdendo-se pela vaidade e tantos outros dramas vividos pelos que estão no corpo e por aqueles que, apesar de desencarnados, estão nas “mediações” da Crosta, participando efetivamente da vida dos encarnados; para eles, a morte não faz a menor diferença, ou porque não se deram conta de que morreram, ou porque, graças ao apego à matéria, preferiram ignorar o fato. Somando-se a isso, não podemos deixar de considerar que, daqueles que deixam o corpo, pouquíssimos se mostram aptos ao trabalho, antes de longos estágios de recuperação do próprio equilíbrio. Mesmo entre aqueles que adquiriram um razoável conhecimento sobre a realidade da vida depois da morte, poucos conseguem, num período curto de tempo, se tornar trabalhadores ativos da Seara do Mestre. Muitos desses espíritos, quando desencarnados, necessitam de internações imediatas. Outros que até teriam condições de auxiliar os sofredores se limitam a preocupar-se apenas com os entes queridos que ficaram.

Tudo isso faz com que espíritos de alta envergadura moral trabalhem praticamente “dia e noite”. Existe deste outro lado almas tão nobres, que são capazes de trabalhar vinte ou trinta anos sem nenhum tipo de “descanso”, justamente porque são poucos os seareiros. Numa comparação, eu diria a você, meu irmão, minha irmã, que têm procurado se dedicar ao trabalho voluntário em favor dos necessitados, que toda a sua encarnação de doação seria apenas um estágio preparatório para o lado de cá.

Foi com muita dificuldade que conseguimos inspirar a irmã Lurdes a procurar uma casa espírita. O caso dela era delicado, já que a jovem vinha sendo assediada por um inimigo desencarnado e, ainda, cada vez mais a idéia de suicídio rondava sua mente.

Estávamos tentando ajudar no caso, graças às orações da mãe de Lurdes, a Sra. Francisca, mulher de muitas virtudes que, através da prece, intercedia em favor da filha.

Até aquele momento, havíamos feito o possível; sempre um amigo espiritual de nossa equipe fazia visitas ao lar de nossas irmãs e, por algumas vezes, encaminhamos o verdugo desencarnado para a devida orientação.

Entretanto, podemos ir até um certo ponto. Chega um momento em que aquele que sofre precisa dar os primeiros passos na conquista da própria paz.

Com a nossa inspiração e com a insistência da mãe, a jovem Lurdes decidiu ir ao Centro. Conhecendo o caso, eu sabia que simplesmente ir lá não adiantaria, pois ela necessitava conversar, desabafar com alguém. Ela já havia adquirido o veneno que a traria “clandestinamente” para o mundo dos “mortos”.

Naquela noite, o salão de palestras da instituição estava repleto, quase quatrocentas pessoas. A movimentação era intensa. A casa espírita estaria recebendo um orador de muito longe, considerado notável expositor.

A mãe de Lurdes, percebendo a gravidade do caso de sua filha, assim que adentrou as dependências do Centro, se dirigiu a um dos diretores, expondo em rápidas palavras o problema que a afligia e solicitando a ele algumas palavras de conforto para a filha necessitada. Assim que terminou seu pedido, ouviu do diretor, dirigente das atividades, a

seguinte resposta:

— Agora não posso. Estamos recebendo um grande orador na casa e preciso dar atenção exclusiva a ele. Amanhã, talvez possa atendê-la. Com licença.

Na ocasião, Joaquinho e Geraldinho, um irmão que estava iniciando seu trabalho junto aos encarnados, estavam me acompanhando. Continuamos, nós três, a observar o desenrolar dos fatos, sem nos intrometermos diretamente. A mãe algo frustrada, decidiu falar com o próprio tribuno. Afinal, pensou ela -, se ele realmente é um orador renomado, terá algumas palavras de conforto para minha filha. Mas, ao abordá-lo no instante em que ele se dirigia até a tribuna, antes mesmo de terminar de narrar o problema da filha, recebeu a resposta do orador:

— Perdoe-me, senhora. Preciso concentrar-me em minha palestra. Como vê, minha responsabilidade é grande: são centenas de pessoas que esperam ansiosamente pela minha fala. Procure alguém da casa que, com certeza, a ajudará.

Geraldinho, que não estava habituado a tais empecilhos que de certa forma são naturais, porque fazem parte da condição humana, num impulso, desabafou:

— É porque nossas irmãs são pobres! Se fossem ricas, duvido que seriam tratadas assim!

— Geraldinho, não estamos aqui para julgar. Controle-se - disse Joaquinho ao irmão menos transigente.

— Desculpem. Foi um pensamento que não pude evitar. Não acontecerá de novo.

As duas, mãe e filha, se sentaram na última fila de cadeiras do salão, para ouvirem a palestra. O tema a ser abordado na noite seria o aspecto científico da Doutrina Espírita. Eu acho r os irmãos observem que é uma opinião pessoal, para que as opiniões de espíritos desencarnados não se tornem regras a serem seguidas sem uma profunda análise, que o único modelo infalível é Jesus. Por isso, é fundamental que nossos irmãos encarnados analisem tudo sob a óptica da Fé Raciocinada. Existem inúmeras equipes de verdadeiros benfeitores da humanidade que de várias maneiras orientam de acordo com as determinações superiores, mas também há espíritos, que se enquadram em escalas quase que infinitas de evolução e que, quando expõem suas idéias, é preciso lembrar que, em muitas circunstâncias, são opiniões pessoais daquele espírito de acordo com a evolução que tenha alcançado. Desejosa de que minhas palavras não sejam tomadas como regras, reafirmo que é minha opinião pessoal que os expositores espíritas deveriam concentrar seus temas principalmente no Evangelho de Jesus. É certo que os aspectos científicos e filosóficos são importantes, porém o povo tem urgência de temas que falem ao coração. As pessoas não têm urgência dos temas direcionados à intelectualidade, mas, sim, de temas que venham a consolar, sem, é claro, tirar os méritos daqueles que se dedicam ao estudo de ambos aqueles aspectos da Doutrina. O mérito desses estudiosos é inquestionável. Estou apenas considerando que, se alguém se propõe realizar uma conferência a respeito - por exemplo - da vida em Júpiter, seu objetivo é louvável, mas nós, careceríamos indagar, antes de abordar a vida em Júpiter: será que o homem já aprendeu a viver no Planeta Terra? Acho que os irmãos entenderam o que quero dizer...

Lurdes, durante a palestra, devido ao seu estado emocional desequilibrado, chorou o tempo todo. Ao seu lado estava sentado um senhor de pele escura, aparentando mais ou menos sessenta anos. Ele a observou discretamente pelo tempo todo da conferência. Tratava-se de um homem bastante simples, encarregado da faxina geral daquela instituição. Ao término da solenidade, enquanto os mais eufóricos aplaudiam e destilavam elogios ao orador, Seu Zé iniciou um diálogo com Lurdes, dizendo:

— *Ocê num tá bem, né?...*

— Ah, desculpe! O senhor percebeu?

— *Sim, Jíia, eu pircibi. Ocê qué cunversá cumigo um poco? Eu num sô grande coisa, não... Meu cirviço é limpá as sujera que o povo faiz... Eu sôjaxinero!*

Lurdes, surpresa com a atenção daquele humilde senhor que ela nem conhecia, decidiu abrir seu coração, narrando-lhe suas amarguras.

Falou de sua tristeza, por ter perdido o pai muito cedo, referiu-se a algumas decepções amorosas que havia experimentado e, principalmente, à vontade de morrer que sentia. Falou ao solícito ouvinte que seu conhecimento sobre aquela doutrina era mínimo, mas acreditava no que sua mãe havia explicado sobre os inimigos desencarnados. Depois de falar tudo que desejava, silenciou, aguardando as palavras daquele homem que lhe inspirava respeito apesar de não conhecê-lo.

Notando a boa vontade do modesto serviçal, pedi que Joquinho se aproximasse e inspirasse as palavras do faxineiro. Imediatamente, ele se posicionou ao lado daquele irmão e começou a inspira-lo. Seu Zé, totalmente envolvido por ternas vibrações e muito emocionado, disse-lhe:

— Fíia, ocê num sabe o qui é sofrê... Morrê pra quê, si tudo vai continuá inguar no otro mundo?! Ocê é tão bunita! Si parece um poco cuma fíia qu'eu tive. A mia muié morreu muinto cedo e eu fiquei só com a mia fíia.

Entendendo bem o linguajar matuto do humilde Seu Zé, continuou Lourdes a ouvi-lo:

— Eu vô contá procê o qui acunteceu. Quano ela tinha quinze ano, cumeçô a tê muintas dô na cabeça. Di maneras qui eu levei ela num montão de médico... Aliais, eu paguei os mió médico, praquê eu tinha muinto dinheiro. Tudo pirdido, ela foi piorando, piorando... Os dotô falava qui era coisa qui ela tinha na cabeça, qui ia crescono, crescono e qui ia matá a mia fíia! Aí, nós lutemo muinto, mais num teve jeito! Aquela coisa na cabeça acabô levano miá fíia, que era o meu anjo.

A narrativa do simplório José era realmente emocionante. Sua vida, naquele transe penoso, havia sido de lutas ingentes. Então, com a simplicidade tão autêntica que o caracterizava, ele continuou:

— Intão, eu mi revortei cum Deus, praquê tinha perdido tudo: a mia muié, o dinheiro qu'eu pissuía e o meu anjinho! Óia, foi intão qui, um dia, a mia fíia pareceu pra mim no sonho e mi disse: - "Pai, num chora, não! A mãe tá cuidando de mim... O siô percisa vortá a tê amizade cum Deus! Sem ele, nós num é nada! Aí, daquele dia im diante, eu cumecei a vim no centro, aqui mi der o imprego e tô aqui inté hoje... Eu inda sofro, mais num perdo as isperança. Pur isso, fíia, iscuíta esse véio que podia sê seu pai: para di pensa im murrê, qui num vai resorvê nada!

Conforme José narrava sua experiência de vida, os pensamentos de Lurdes iam, aos poucos, serenando.

Realmente, o caso de José era um exemplo de vida. Muitas coisas ele ocultou na sua narração, como, por exemplo, o fato de, nos últimos meses de vida física de sua filha, ele haver passado fome, para não deixar faltar o alimento à sua menina. Em uma única existência, ele experimentou a riqueza e a miséria, sabendo agir com equilíbrio nos dois momentos. Quando rico, procurava sempre ajudar a quem precisasse; quando pobre, soube agir com resignação e humildade. Por mais de meia-hora, José conversou com Lurdes, pedindo a ela que fosse mais agradecida a Deus, exaltando a bondade de Jesus e principalmente advertindo-a da ineficiência do suicídio, que só lhe traria mais graves sofrimentos.

Os dois se tornaram grandes amigos. Então, Lurdes conseguiu o perdão de seu inimigo desencarnado e passou a trabalhar naquela mesma instituição. Quando seu Zé desencarnou, não muito tempo depois, sempre que ela se via diante de uma pessoa sem vontade de viver, dizia:

Vou lhe contar uma história. É a história do meu amigo José... Ele era um faxineiro e...

E, repetindo a narrativa de vida do amigo, ajudou muita gente.

Deus nos ampara de muitas maneiras diferentes. Os amigos espirituais nos socorrem através de uma conversa edificante, através do telefonema de um amigo, através de uma frase escrita na parede ou até mesmo através de um inimigo que nos diz certa verdade que precisávamos ouvir. Tenhamos ouvidos para ouvir e olhos para enxergar.

Vejam, caros irmãos, em meio a muitos dirigentes encarnados, em meio a uma platéia de quatrocentas pessoas e diante do orador renomado, nossa irmã foi consolada pelo zelador da instituição. Sem desmerecer o empenho daquele tribuno, ficamos a pensar. “Quem será que fez mais caridade naquela noite? O orador renomado ou o faxineiro que evitou que uma vida se perdesse?”

Sempre que me recordo dessa experiência que tive a oportunidade de acompanhar, ao mesmo tempo, me lembro de Jesus, quando afirmou a seus discípulos que a pobre viúva que havia apenas ofertado ínfima moeda no esportulário - um óbulo - havia dado mais que todos os outros, já que todos deram de sua abundância, enquanto que ela havia dado de sua indigência, tudo mesmo que tinha e que lhe poderia causar mesmo falta.

Sejamos mais simples. Existem várias maneiras de se fazer o bem. Talvez aquele que consideramos sem importância será o amigo no futuro que nos estenderá a mão, num momento de dor.

A simplicidade nos gestos, nas palavras e no coração deverá seguir nossa existência.

Capítulo 16 Nós Não Merecemos

Na vida espiritual, o espírito não deixa de estudar; ao contrário, se dedica ainda mais a tentar compreender os meandros da vida. De acordo com as afinidades e o grau de evolução, formamos equipes de trabalho. São equipes conduzidas por líderes espirituais devidamente capacitados para tal fim. Como a vida depois da morte é simplesmente uma continuidade, ninguém, depois de vencer o túmulo, receberá tarefas que não tenha condição de realizar. Assim como na Terra, cada um contribuirá com aquilo que tem, que pode.

As equipes de trabalho, sempre que possível, diminuem a intensidade de suas atividades para ocupar o tempo com outras necessidades. É uma dessas necessidades é justamente o estudo, já que quase nada sabemos de coisa alguma.

Em um desses períodos do aprendizado, acompanhei o amigo José de Moraes em uma orientação que daria em determinado grupo espírita. Disse-me ele que as orientações seriam transmitidas para alguns espíritos desencarnados que auxiliavam a instituição e, principalmente, para os trabalhadores encarnados. As orientações tinham como objetivo estimular aqueles servidores, já que quase sempre os trabalhadores do Cristo, especialmente os espíritas, se perdem em infundadas reclamações a respeito das dificuldades de exercerem a mediunidade. A pequena explanação seria por volta das duas e meia da manhã, nas dependências da própria instituição. Era necessário que a explanação ocorresse naquele horário, uma vez que os encarnados estariam presentes, graças ao afastamento temporário de seus espíritos dos respectivos corpos pelo fenômeno do sono.

Chegamos bem antes do horário previsto para o início da reunião. Aproveitando o tempo que tínhamos, perguntei ao amigo:

— O senhor, que tem se dedicado a auxiliar os médiuns aqui, na Crosta, considera os obsessores como sendo os maiores adversários dos médiuns?

— De forma alguma, Benedita! A dificuldade de enxergar o Bem é o grande problema de nossos trabalhadores espíritas. É necessário um pouco mais de fé por parte de nossos médiuns. Se eu fosse, por exemplo, citar o nome de alguns espíritos venerandos, que, vez ou outra, se comunicam através deste ou daquele médium, sem se identificarem, porém deixando mensagens lindíssimas, por certo essa obra receberia muitas críticas, já que muitos desses espíritos são conhecidos e respeitadíssimos em nosso meio.

E por serem conhecidos e respeitados, alguns espíritas mal-informados ou excessivamente cuidadosos acreditam que tais espíritos de renome só podem se comunicar através de notáveis médiuns ou em instituições que essas pessoas vão avaliar como dignas ou não de serem visitadas por essas nobres almas, como se detivessem o poder sobre os espíritos. Ingenuidade pura! O espírito é livre, por isso vai aonde quer e se comunica por quem quiser, desde que, é claro, o médium lhe dê condições para isso. Hoje, podemos constatar que, em geral, se valoriza muito mais a comunicação de um obsessor esbravejando seu ódio do que uma simples mais bela mensagem de esperança deixada por um mensageiro da vida espiritual. Não há dúvida: se, ao término da reunião, os médiuns forem comentar algo, optarão por recordar o inimigo do Bem desencarnado e não a mensagem benfazeja. É uma pena que isso aconteça!

Os participantes da reunião começavam a chegar, por isso encerramos a conversa. Pontualmente às duas e meia, um servidor do nosso plano fez a prece que iniciaria as atividades. Como os irmãos sabem, por estarem ligados ao corpo, os encarnados que participavam da reunião não tinham uma total lucidez do que aconteceu. A impressão que eu tinha é que cada um dos participantes encarnados iria absorver a mensagem do acordo com as condições íntimas, pois que, ao mesmo tempo que alguns se concentravam no ambiente para captarem a mensagem, outros permaneciam um tanto que dispersos, preocupados com outros assuntos de ordem pessoal. José de Moraes aproximou-se e, antes de iniciar a explanação, considerou:

— Essa situação é natural. Creio que nenhum deles, quando acordar amanhã, se lembrará deste encontro, mas o objetivo é deixar a mensagem do estímulo - e isso conseguiremos. Amanhã, sem dúvida, acordarão mais dispostos, com idéias construtivas na cabeça, animados - tudo fruto desta reunião. O mais preocupante é que, dos trinta médiuns convidados, temos apenas dezenove.

— E onde estão os outros? - perguntei, num impulso natural.

O benfeitor amigo sorriu e respondeu:

— Só Deus sabe...

O expositor dirigiu-se para o centro do círculo, formado - entre encarnados e desencarnados - por trinta e cinco almas dispostas a aprender e iniciou seus comentários. Registrei alguns apontamentos que considere de suma importância para todos:

— É comum ouvirmos a frase: - “Eu não mereço passar por isso”... Ou: “Eu não mereço esse problema”... De fato, a inconformação tem um sentido verdadeiro, mas gostaria de analisá-la sob outra óptica. Então, vejamos, queridos irmãos, se levarmos em consideração que, num passado distante, todos nós fomos irresponsáveis, ociosos e até criminosos... se, nesse passado, éramos violentos, mesquinhos e nos fartamos nos prazeres do mundo e, após sucessivas reencarnações, ainda não conseguimos nos desvencilhar dessas

mazelas, ao ponto de nossa existência, para os que estão encarnados, continuar conservando os vícios do passado, concordamos plenamente quando o indivíduo se utiliza da frase: “Eu não mereço!”. Mas que esta frase tenha um outro sentido. Se somarmos todos os nossos equívocos até o presente momento, a conclusão a que chegaremos será que:

Graças a uma infinidade de horas, dias, anos e séculos que jogamos fora, conservando nossa ociosidade, não mereceríamos tantas oportunidades de trabalho.

Graças aos muitos suicídios indiretos que já cometemos, através do álcool, da droga, do fumo, da irritação ou do descontrole emocional, não mereceríamos o corpo que temos; mesmo as doenças, que porventura surjam, são irrelevantes dentro dessa realidade.

Graças à nossa leviandade do passado, mercantilizando com os dons divinos, não mereceríamos, em atual existência, a oportunidade de soerguimento de nossas almas através da mediunidade, ofertada gratuitamente por Deus, para suavizar nossa difícil caminhada.

Graças ao nosso egoísmo de outrora, pois que simplesmente fomos indiferentes ao sofrimento alheio, não mereceríamos tanta ajuda de amigos encarnados ou desencarnados.

Por tudo isso, meus irmãos, quando disserem: “Eu não mereço!”, não se esqueçam de acrescentar:

— Não mereço... tanta misericórdia por parte de Deus.

— Não mereço... tantas coisas boas que acontecem em minha vida.

— Não mereço... a oportunidade de ajudar as pessoas enfermas, se Deus sabe quanto ainda sou enfermo.

— Não mereço... a família maravilhosa que tenho.

A cada reclamação nossa, acabamos sendo ingratos a tudo que Deus nos doou, até o presente momento.

Uma das senhoras - encarnadas - que ouvia a sábia exposição interrompeu o interlocutor e questionou:

— O que o senhor acha que tem nos faltado?

O bondoso amigo respondeu:

— Tem faltado uma maior convicção acerca do amor de Deus em relação a nós. Deus nos ama, e isso é um fato incontestável. A sua vida, minha filha, assim como a vida de cada ser humano, não tem a mínima possibilidade de dar errado, porque somos filhos da Divindade.

E como se - em comparação - Deus fosse uma imensa luz e nós fossemos pontos luminosos espalhados pelo Universo, já que, em essência, também somos luzes, assim como o próprio Jesus afirmou... Em nossa simbólica comparação, imaginemos que esses pontos luminosos não pudessem se afastar da grande luz, a força geradora de toda aquela luminosidade, pois, caso isso ocorresse, os pontos luminosos se apagariam. Entende o que quero dizer? Quando nos afastamos do amor que emana de Deus, deixamos de brilhar.

— Mas eu sou uma pobre coitada! Mal dou conta de meus afazeres e das atividades na casa espírita.

— Não, minha irmã, você não é uma pobre coitada! É filha de Deus e, nessa condição, pode fazer muito mais do que supõe. O que mais prejudica o ser humano nesta jornada evolutiva é ter uma visão quase sempre restrita de tudo e de todos. Quando, por exemplo, fazemos a afirmação: “Fulano não tem mais jeito”, no íntimo, estamos dizendo uma grande verdade. Todos nós temos “jeito”, quero dizer, a evolução é para todos, sem exceção.

Um outro irmão, também daqueles que faziam parte do grupo de encarnados, reclamou:

— Mas as críticas sobre minha pessoa são caluniosas, só porque desejo ser útil...

— Se o seu desejo de ser útil é sincero, não preste tanta atenção naquilo que os outros dizem. Concentre-se apenas em si mesmo, em suas necessidades íntimas. Não valorizar a calúnia é anulá-la por completo.

Após responder ao irmão, José baixou a fronte por alguns instantes, fechou os olhos por alguns momentos e retomou a palavra e, agora parecendo-me que recebia a inspiração de regiões superiores (lembrem-se os encarnados de que no plano espiritual também existe mediunidade) falou:

— Esvaziem seus corações de qualquer sentimento negativo e completem-no com amor divino. Façam uma opção pela felicidade, pela alegria, pelo bem comum de todos. Para tudo, para tudo mesmo, há sempre uma solução...

José permaneceu por mais trinta minutos expondo considerações de grande valor. Era como se houvesse uma espécie de canal feito de luz, que se ligava à mente do benfeitor e se perdia no espaço, sem termos a possibilidade de observar a outra extremidade daquele “canal”. Quando José saiu do “transe” a que se entregara, retornando à lucidez total, todos ali presentes estavam emocionados, inclusive o próprio benfeitor, que não era capaz de conter as lágrimas que lhe escorriam abundantes pela face.

Foi mais de uma hora de explanação, esclarecimentos e orientações. No final, José de Moraes se despediu de todos, abraçando um a um, fazendo recomendações particulares, já que conhecia todos os presentes. Quando ele chegou ao último trabalhador encarnado, antes de se despedir, alertou o servidor:

— João, tenho visto você muito desanimado! Não se esqueça de que não é mais um adolescente. Por ter se demorado demais com as ilusões da mocidade, atrasou seu trabalho com a mediunidade. É preciso correr atrás do tempo perdido. Você tem estado distraído quanto a seus deveres nesta casa espírita. Esteja mais atento a suas responsabilidades. Estou lhe falando como um amigo que lhe quer bem.

— Eu sei, o senhor tem razão. É que as preocupações são tantas... filhos, netos... Eu preciso encaminhá-los na vida. O senhor entende, não?

— Não, meu irmão, para dizer a verdade, não entendo. Por acaso não sabe que cada um segue seu próprio caminho? Quanto a assegurar o futuro deles... — Nesse momento José de Moraes sorriu e completou: — Que jeito, meu irmão, se ainda nem asseguramos o nosso?

João também sorriu, demonstrando que havia subentendido as entrelinhas...

A reunião estava encerrada. Num balanço geral, José considerou que tudo havia sido muito produtivo, afirmando que o grupo daquela casa espírita, por algum tempo, estaria mais atuante, graças ao reflexo inconsciente daquelas palavras. Despedimo-nos. Eu agradeci ao amigo pela oportunidade e retornei às minhas atividades habituais.

Por algumas vezes, tive oportunidade de falar nas reuniões mediúnicas dos grupos com que temos afinidade: algumas vezes, para incentivarmos os grupos; outras, para uma breve palavra de consolo e em outras, ainda, para falar aos entes queridos, sempre desejosos de uma mensagem, como que para terem a certeza de que estou “viva.” Lembro-me de uma rápida “comunicação” que me foi possível através de determinado médium, e eu relembro minhas palavras de algumas décadas atrás para dizer-lhes:

Irmãos:

Quando as criaturas se unem para o amor, criam verdadeiras epopéias. As almas resplendentes de luz jamais vergam ao peso das responsabilidades assumidas perante o Mestre. Façam luz em suas almas e evitem os tropeços. Continuem na luta, num crescente amor, para que a redenção de suas almas seja breve. Não se deixem trair com as fantasias da

Terra, porque é tudo efêmero, pois elas se vão e vocês permanecerão sozinhos na estrada.

Capítulo 17 ...Tudo é Possível Aquele que Crê

Recordar Jesus é ter esperança. É ter esperança de que um dia a Terra se torne um lugar onde o amor seja o sentimento predominante. É consolador sabermos que o Mestre, que nos conhece a intimidade e por isso sabe de nossas deficiências, acredita em nossa capacidade de mudança interior, já que afirmou: “Sois a luz do mundo e o sal da terra”. Tais palavras nos soam como um convite ao otimismo. Uma vez que Jesus confia em nós, por que nós mesmos não confiaríamos?

Vejam a passagem anotada por Marcos, a qual narra o episódio da cura de uma obsessão. Resumidamente, escreveu o evangelista:

Um homem no meio do povo, tomando a palavra, disse: Mestre, trouxe-te meu filho, que está possesso de um espírito mudo; em todo lugar onde ele se apossa, atira-o por terra e o menino

espuma, rilha os dentes e se torna todo seco. Pedi aos seus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam.

Disse-lhes Jesus: Oh! Gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Jesus perguntou ao pai do menino:

Desde quando isso lhe sucede?

Desde pequenino - diz o pai. E o espírito o tem lançado ora ao fogo, ora à água, para fazê-lo perecer. Se alguma coisa puderes, tem compaixão de nós e socorre-nos.

Respondeu-lhe Jesus: Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê.

Senhor, eu creio. Ajuda-me na minha incredulidade.

Disse Jesus:

Espírito surdo e mudo, sai desse menino e não entres mais nele. Então o espírito, soltando grande grito e agitando o menino em grandes convulsões, saiu, ficando como morto o menino. Mas Jesus, tomando-lhe as mãos e amparando-o, fê-lo levantar-se.

Por que não pudemos expulsar esse demônio? - Perguntaram os discípulos. Ele respondeu: - “Os demônios dessa espécie não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum.”

Quem de nós seria “louco” o suficiente para duvidar das palavras de Jesus ou questioná-las? Numa única frase, Ele resumiu uma verdade soberana: **Tudo é possível àquele que crê...**

É claro: ... em aquele que crê, está incluído aquele que se esforça, que persevera, que adquire méritos, enfim, que se torna melhor.

Lembro-me de um caso que acompanhamos e que se enquadra perfeitamente naquela frase pronunciada por Jesus.

Eu e minha equipe acompanhávamos, na ocasião, uma mãe desesperada que buscava o filho que havia se perdido pelos caminhos tortuosos da vida. Ele havia tido uma existência curta, abreviando-a num confronto com policiais, enquanto praticava um furto.

Fico pensando, com grande tristeza, como muitos vulgarizam a vida! No caso do jovem assaltante, ele havia furtado um pequeno rádio e um relógio. Meu Deus! Será que a existência física vale tão pouco? Uma vida que fora ceifada por causa de um rádio e um relógio! Infelizmente, é o que vem acontecendo em nossa sociedade terrena. Quanto vale uma vida? Para muitos, vale o preço de um par de tênis ou de um toca-fitas de carro.

Após a morte trágica, sem noção alguma de Deus ou de religião, o jovem ficou à

mercê de outras inteligências desencarnadas, tornando-se um prisioneiro da própria consciência culpada.

A região era de difícil acesso, com muitas cavernas que tornaram o lugar um verdadeiro labirinto. Como tínhamos algumas informações a respeito do antro onde ele estaria, conseguimos, depois de algumas horas de caminhada, encontrá-lo.

O seu estado era deplorável: cabelos longos, barba por fazer, unhas cumpridas, roupas rasgadas e sujas. Com uma das mãos, ele segurava uma trouxa de panos, a qual mantinha sobre o peito, tentando conter o “sangue” do ferimento fatal. Como o pensamento é uma força atuante, depois da morte, através dele, o espírito irá imprimir em si e à sua volta a própria realidade íntima, fruto da consciência culpada ou não.

A mãe se aproximou do filho e disse:

— Meu querido Luisinho. A mamãe veio buscar você!

Usando o diminutivo, era como se a mãe estivesse evocando um passado que se havia perdido no tempo. Luís ergueu a fronte e respondeu:

— O seu Luisinho morreu! O que a senhora está vendo é um assaltante da pior espécie!

— Não diga isso, meu filho!

— Como não, mamãe? A senhora não está vendo que estou no Inferno? Aliás, não sabia que os anjos visitavam o Inferno...

— Eu não sou anjo e isto aqui não é o Inferno!

— Como não? Olhe para mim! A cada segundo, ouço o disparo daquela arma maldita. Sinto o impacto no peito e vejo o sangue jorrando... Sabe o que acontece depois?... A mesma coisa... E de novo... Outra vez... Tento conter o sangue, mas não posso! Que sofrimento!... Meu Deus... que sofrimento!... Sei que mereço... mas não agüento mais... Aqui não tem comida, mamãe! Veja como estou magro! Você, que é boa, peça ao chefe deste lugar para ele me dar um pedaço de pão e um copo d’água. Sinto sede... Ai, como dói meu peito!...

Pela data da sua desencarnação, Luís se encontrava naquela situação, havia pelo menos dez anos. Por falta de uma formação religiosa coerente, acreditava estar de fato no Inferno, o lugar - na sua visão -, para onde vão as almas irrecuperáveis. A mãe não suportou ver tanto sofrimento, e seu choro, que até então era de comoção, começava a se tornar um grito de desespero. Percebendo que a irmã ameaçava se descontrolar, fui até ela e a alertei:

— Fui mãe como você. Entendo a dor que está experimentando, mas o desespero irá complicar tudo. Lembre-se de que viemos até aqui para tentarmos levá-lo, mas, para isso, é necessário que esteja equilibrada...

— Sim, irmã, desesperar é ser ingrata aos nossos superiores que permitiram que eu viesse buscá-lo... É que... eu jamais poderia supor que um dia iria ver meu filho desse jeito.

Enquanto ela conversava comigo, o filho teve uma crise de desespero e gritou:

— Ele está vindo!... Saia daqui, mamãe!... Rápido!... Eu sinto o cheiro dele. É o chefe, é o “homem” de confiança do Demônio. Ele vem me torturar.

Um dos nossos servidores que estava de vigília nos alertou que, não longe dali, uma caravana de espíritos vulgares e malévolos estava

caminhando em nossa direção. Precisaríamos ser rápidos no socorro, pois não dispúnhamos, no momento, de condições para um confronto “amigável” com aqueles irmãos.

Disse então àquela mãe desesperada:

— Só temos mais alguns minutos. Sejamos breves!

— Vamos então levá-lo agora.

Muitas vezes, queremos ajudar, mas nos esquecemos de perguntar se o outro quer ser ajudado. Em verdade, na vida, ninguém resolverá o problema alheio, justamente porque pertence ao outro. No caso de Luís, não poderíamos simplesmente levá-lo: era necessário que ele, pelo menos, entendesse que aquele que erra, como ele, não terá o Inferno como morada eterna. Esta era a dificuldade: convencê-lo de que ele teria outras chances para se reerguer; do contrário, se tentássemos conduzi-lo até uma colônia para a recuperação, dentro de sua limitada visão, ele acreditaria estar no Céu. Então, sabedor de seus erros, entraria em paranóia. Expliquei à mãe a necessidade de fazer com que ele entendesse que seu sofrimento era temporário e não eterno, como ele acreditava. Ela, mais apreensiva, retornou ao diálogo, dizendo-lhe:

— Filho, eu vim buscar você! Chega de sofrimento! Deus permitiu o seu resgate.

— Mamãe, só os bons podem estar com Deus. O Inferno é para os maus como eu. Vá embora! Não há esperança para mim!

— Não, meu filho! Está enganado. Deus não condena seus filhos, porque ele sabe que o mal é temporário.

— Eu não acredito nisso.

A mãe, tendo a repentina lembrança de um acontecimento do passado, de que ela sabia que o filho iria se lembrar, ajoelhada bem perto do enfermo, recordou:

— Ah! Sabe do que eu me lembrei, filho? Daquele dia, há muito tempo atrás, quando você tinha apenas oito anos e, vivia aprontando peraltices, até que aprontou a maior de todas. Eu me lembro como se fosse hoje, de quando, brincando com alguns amiguinhos, esbarrou na TV que o seu pai e eu havíamos acabado de adquirir para pagarmos em longas prestações. A TV se espatifou no chão, não havendo a possibilidade de um conserto. Enquanto a mãe narrava o fato, Luís prestava toda a atenção, dando a impressão, pelas expressões faciais, que se recordava do acontecido. A mãe continuava a narrativa:

— Seu pai era de temperamento difícil. O nosso problema era dar a notícia a ele. Por certo, ficaria furioso. Você até me pediu para não contar que haviam sido suas peraltices o motivo que levou a TV a despencar da mesa onde estava colocada. Mas eu justifiquei que, por pior que fosse a reação de seu pai, necessitávamos contar a verdade. Você, apesar do medo, concordou. Quando contamos todo o acontecido, ele o olhou... Nesse instante, a mãe parou a narrativa e perguntou ao filho:

— Você se lembra do que ele disse, filho?

— Sim, eu me lembro. Ele me olhou nos olhos e perguntou se eu estava arrependido. Disse que sim. Ele me abraçou e consolou-me dizendo: “Então, está tudo bem”. Eu disse: “O senhor não vai me bater? Sei que a TV custou muito dinheiro”, e ele respondeu: “Sim, custou muito dinheiro, mas nem chegou perto do valor que você tem para mim, que sou seu pai. Peço apenas que não cometa mais semelhante irresponsabilidade”. Ainda trêmulo, insisti: “O senhor não vai me castigar?” E ele encerrou o assunto dizendo: “Eu amo você e um pai que ama orienta, não castiga”.

Quando Luís terminou a narrativa, a mãe o contemplou, por alguns minutos, o tempo suficiente para ele absorver a lição. E em seguida, afirmou:

— Está vendo, Luís? Se nós, que temos tantos defeitos, somos capazes de compreender os erros dos outros e se seu pai consangüíneo, que, como ser humano, também tinha inúmeras imperfeições, não o castigou, por que Deus o castigaria?

— Será, mamãe?! Essa lembrança me fez ficar com muitas dúvidas... Será mesmo que existe esperança para mim?

— Claro, meu filho. Se você crer... não só será possível sair deste lugar, como

também encontrar a sua paz interior.

— Mas, e o chefe? Eu o vi... Ele se assemelha a um monstro! Terá sido um delírio de minha parte?

— Não, ele é real, mas não é chefe de coisa alguma: é tão somente um filho de Deus que ainda não encontrou o caminho do amor. Só isso!

— A senhora me levará para o Céu?

— Filho, o Céu e o Inferno são apenas estados de alma, não locais geograficamente delimitados! Eu o levarei para um tratamento. Para isso acontecer, eu preciso ouvir de sua boca: Você crê?

Permanecendo em silêncio por um tempo, Luís levantou-se, porque até então ele permanecera o tempo todo sentado e, como se estivesse falando com Deus, disse:

— Sim, eu creio em tua misericórdia! Abençoa-me, meu Pai!

A mãe abraçou o filho. Ambos choraram copiosamente. Providenciamos o transporte para Luís e o conduzimos até a colônia.

* * *

O jovem necessitou de um longo tratamento, mas, como acontece com **todos**, ele se reergueu e hoje, entre outras atividades, dedica-se a fazer palestras para os recém-chegados das zonas inferiores, ressaltando a eles que sempre há esperança.

E que você também tenha essa certeza, pois foi o Mestre Jesus que definiu: “**Tudo é possível àquele que crê**”.

Capítulo 18 Visitando os Irmãos Convalescentes

Aqui, o labor é sempre intenso; poucas horas de repouso e muitas horas de atividades, incluindo visitas programadas ao Orbe Terrestre, excursões de socorro às regiões de sofrimento, estudos e amparo a alguns irmãos nos processos de desencarnação. Vez ou outra, tiramos algumas horas para dedicar-nos a problemas de ordem pessoal ou ocuparmos esse tempo naquilo que acharmos mais proveitoso para o nosso crescimento.

Foi em um desses “descansos”, que recebi o convite do Dr. Estefânio⁽²⁾ para uma visita ao hospital onde o irmão executava nobre tarefa de amparo.

Aceitei prontamente o convite e, à hora marcada pelo mensageiro que me trouxe o recado, lá estava eu no portão de um hospital, construído no centro da colônia, onde o Dr. Estefânio trabalha, desde a sua desencarnação.

Fui encaminhada a uma sala de espera na entrada do hospital. Conhecia o médico de longa data, mas era a primeira vez que visitava aquele local abençoado. Não era um nosocômio de grandes proporções: abrigava cerca de mil espíritos desencarnados em situação de convalescença. Os casos mais graves de desequilíbrio pós-morte eram encaminhados a outros hospitais devidamente preparados para tais casos.

Não se passaram mais que alguns minutos, o Dr. Estefânio adentrou a sala, abraçou-me e disse:

— Que prazer em revê-la, Benedita!

— O prazer é todo meu, Doutor! Agradeço o gentil convite.

O médico sorriu e respondeu:

— Na verdade, foi o irmão Antônio que passou por aqui, trazendo-me alguns necessitados de internação e me sugeriu que lhe fizesse o convite. Na verdade, o que a aguarda é trabalho...

— Mas em que sentido?

— Hoje é dia de minhas habituais visitas aos irmãos convalescentes. É quando fazem pedidos, reclamações e outros desabafam... Gostaria de que você me acompanhasse em algumas dessas visitas na Ala F, com o objetivo de enviar algumas informações aos nossos irmãos encarnados.

— Seria útil? - questionei o amigo, sem perder de vista o objetivo do trabalho de anotações, que é ressaltar o lado positivo e otimista.

Com a seriedade necessária dos homens de grande responsabilidade, ele caminhou até a janela de onde podíamos contemplar um bellissimo jardim, passou as mãos pelos cabelos e redargüiu-me:

— Irmã, os nossos superiores estão preocupados com a ilusão sobre a vida espiritual que inúmeros servidores do Cristo estão alimentando, especialmente os espíritas. Salvo algumas exceções, a maioria tem uma visão tacanha e limitadíssima do que é viver fora do corpo. É do seu conhecimento que interesse pessoal, intransigências, ditaduras disfarçadas de disciplina têm, de certo modo, criado embaraços para nós, que desejamos informar e alertar e, geralmente, somos “barrados” pela mente do médium, que já se programou para receber mensagens “comuns”. Há grandes espíritas no Movimento, grandes no sentido de serem atuantes e determinados, mas que são demasiadamente conservadores, não aceitando nada que não seja a Codificação. Sem dúvida, que as obras básicas são o fundamento para o espírita, porém inúmeros assuntos, o Codificador abordou-os dentro do contexto da época em que vivia, portanto muita coisa ainda há para ser falada e até revelada aos nossos irmãos. Por causa dessa realidade, segundo a qual nossos irmãos no corpo rejeitam boa parte das informações verídicas que enviamos com a intenção de alertar, é que, sempre que uma obra literária vai ser editada, havendo a possibilidade, caso o espírito e o médium permitam, procuramos enviar algumas informações, com I maiúsculo, se é que me entende...

— Sim, meu irmão, entendi a intenção dos nobres irmãos que se dedicam a esse mister, porém esse trabalho que pretendo é demasiadamente simples: enquanto encarnada, nunca fui uma espírita de “influência” no meio. Quero dizer que o espírito de Benedita Pimentel é quase que totalmente desconhecido no meio espírita e, ao que me consta, a médium também, já que é um espírito em recuperação de suas quedas morais.

— Você tem razão, porém a intenção dos benfeitores responsáveis por essa área de trabalho é fazer com que tais informações cheguem aos encarnados pelas vias mediúnicas, através dos mais variados espíritos e médiuns. Quem sabe, assim, muitos dos “iludidos” a respeito de si mesmos possam rever seus conceitos, claro, sem desrespeitarmos o livre-arbítrio de ninguém.

— Além do quê, gostaria apenas que anotasse um ou outro caso, nada de muita profundidade. Suas anotações falam do que deu “certo” do lado de cá, mas algumas considerações sobre o que “não deu certo” não comprometem a sua intenção, concorda?

— Sim, vamos às visitas. Quem são os convalescentes da Ala F?

— Todos os espíritos que fracassaram total ou parcialmente na última reencarnação. Após estagiarem por tempo - alguns mais, outros menos - nas regiões de dor, permanecem neste hospital até a total recuperação. Entenda total recuperação como recomeçar conscientemente a própria evolução que se estagnou no período de desequilíbrios e vícios. Vamos ao quarto de Margarida. Ela foi espírita e médium ostensiva enquanto estava na Terra. Ainda alimenta algumas ilusões, mas creio que se conscientizará da sua situação em breve.

Entramos no quarto. A senhora estava deitada no leito, pensativa. O Doutor, com intenção de retirá-la daquele estado de “espírito”, disse-lhe:

— Como vai, Margarida? Sente-se melhor hoje?
— Ah!, Doutor! Que bom que o senhor veio! Fiz um pedido aos enfermeiros, mas eles me disseram que só o senhor poderia autorizar.

— De que se trata?

— De meus filhos, que ficaram reencarnados. Necessito enviar-lhes uma mensagem através de um médium.

— Mas o que você tem de tão importante para dizer a eles?

— Dizer que é verdade, que a morte não existe! Eles precisam de uma confirmação minha e, então, com certeza, mudarão de comportamento. Não será difícil. Como o senhor sabe, eu fui médium, conheço os mecanismos. O que o senhor acha?

O Doutor coçou a cabeça e permaneceu em silêncio. Então, Margarida questionou:

— O que foi Doutor? O que está pensando?

— Eu recordava a parábola do Rico e Lázaro, no trecho em que o rico pede a Abraão: ... “Eu te rogo, então, que os mande à casa de meu pai - pois tenho cinco irmãos - para os avisar a fim de não suceder virem eles também para este lugar de tormentos”.

Demonstrando uma certa contrariedade. Margarida voltou a questionar:

— E qual a sua resposta?

— Você se lembra da resposta do Pai Abraão, na parábola?

— Sim, eu me lembro.

— Então, você poderia repetir a resposta dele em voz alta para eu e nossa irmã Benedita ouvirmos:

— Ao que estou lembrada, Abraão disse: “Eles têm Moisés e os profetas, ouçam-nos...” Mas, Doutor, isso os ajudaria tanto! É uma questão de caridade, o senhor não acha?

— Você se esqueceu de um trecho, quando o rico, redargüiu: “Pai Abraão, mas se alguém for ter com eles dentre os mortos, hão de se arrepender. Replicou-lhe Abraão: "... Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.

Margarida, ainda mais contrariada, reclamou:

— Que injustiça, Doutor! Eu, que consolei tantos pais, através de minha mediunidade de psicografia, agora que necessito, sou impedida!

Naquele momento, o médico percebeu que seria a hora de ajudar Margarida a assumir seus erros e deixar de se enganar. Com um tom de carinho, esclareceu:

— Quando recebemos pagamentos pelo bem que fazemos, o anulamos perante Deus.

— O que o senhor está dizendo é um absurdo! Jamais recebi dinheiro para atender os que me procuravam.

— Margarida, minha irmã, é hora de tirar a máscara. O confronto com a realidade é inevitável. De fato, nunca recebeu dinheiro, mas...

Notei que o interlocutor desejava que ela falasse, por isso aguardou que ela mesma terminasse o que iria dizer. Margarida, por fim, disse:

— Não diga mais nada. É verdade, eu trocava a caridade por favores. Consegui empregar quase toda a minha família, permitindo que entes queridos de pessoas de posse se comunicassem através de mim; depois, pedia o favor. Que vergonha!... Meu Deus... Que vergonha!...

— Assumir os erros não é vergonhoso, Margarida! É sinal de recuperação de grave doença moral. Mas continue... que mais?

— Eu deixava de atender os mais pobres, porque sabia que eles não poderiam me

fazer nenhum tipo de favor. Mas, Doutor, me alivie a consciência: pelo menos, eu ajudava alguém! Eu sei que havia meu interesse pessoal, mas e os corações que consolei das mães e pais aflitos que

me procuravam? Isso não conta? Será que eu merecia ter ficado por tanto tempo sofrendo, sem receber amparo?

— Minha querida, será que realmente os espíritos que se comunicavam através de você eram realmente quem diziam ser?

— O senhor está querendo dizer que fui enganada?

— Não sei, pense... Semelhante atrai semelhante e, talvez, ao mesmo tempo em que você enganava, também era enganada.

— Seria isso possível?

— E por que não?

Margarida começou a chorar. Então, o Dr. Estefânio pediu que lhe aplicasse uma medicação e que, mais tarde, um enfermeiro hábil em diálogos dessa natureza fosse conversar com a enferma.

Sáímos e fomos para um outro quarto, onde estava em recuperação um homem de nome Geraldo, que havia desencarnado em profundo estado de depressão.

Nota da autora espiritual: Dr. Estefânio é um pseudônimo de que nos servimos, uma vez que se trata de renomado cirurgião que, no plano espiritual, é responsável diretamente pelo tratamento de centenas de sofredores. O médico citado viveu quase toda a sua vida na cidade do Rio de Janeiro, estando desencarnado há cerca de vinte anos.

Capítulo 19 Conversando Francamente

O estado moral de Geraldo não era muito animador: permanecia desalentado, cabisbaixo. O Doutor perguntou-lhe:

— Então, Geraldo, sente-se melhor?

— Não, Doutor.

— Mas por que não? Você realizou seu sonho, vivia dizendo que queria morrer; pois é, está morto. Deveria estar feliz.

— O senhor está de brincadeira, não é?

— Estou, sim, Geraldo. Gostaria apenas de alegrá-lo um pouco.

— Como, Doutor, se nem depois de morto esta depressão me larga.

— Não inverta os papéis, Geraldo! Quem não larga a ela é você. Já conversamos a respeito. As causas da depressão são as mais variadas, mas, no seu caso específico, ela é fruto de sua ociosidade. Seja honesto consigo mesmo: sempre fugiu das responsabilidades.

— Não é bem assim, Doutor! Eu era empresário, o senhor sabe; necessitava sempre de fazer viagens de descanso para me restabelecer. O senhor não acha que quem trabalha tem todo o direito ao descanso?

— Eu acho que você descansou demais. Infelizmente, você não é o único: muitos pensam apenas em se divertir lá “embaixo”, confundindo a Terra com um parque de diversões e, se não despertarem, vão acabar como você, numa cama de hospital.

— Suas palavras são duras, Doutor!

— Pois bem, não direi mais nada! Advirto-lhe, porém, que eu esgotei todos os recursos ao meu alcance com você.

— O que o senhor quer dizer?

— Que está de alta.
— Estou doente, Doutor!
— Sinceramente, acho que está com preguiça de sair daí, porque sabe que neste lugar quem não está doente e quer ficar por aqui tem que trabalhar! Além do quê, há outros doentes necessitando do quarto que você ocupa.

— Mas o que farei?
— Encontre algo que goste de fazer. Trabalho é o que não falta.
— Vou pensar, Doutor...
— Não pense muito. Eu preciso do quarto desocupado até amanhã. Fique com Deus e não se esqueça de orar.

— Não esquecerei. Obrigado pela bronca. Doutor.
— Não é bronca, Geraldo. Quero fazer você enxergar que é capaz de vencer essa tristeza. Basta que dê o primeiro passo... Os outros serão mais fáceis.

Retiramo-nos enquanto Geraldo permanecia pensativo.

— O senhor acha que ele consegue? -Perguntei um tanto curiosa.
— É difícil afirmar. Minha intenção foi pressioná-lo um pouco, mas a decisão é dele, até porque a depressão é uma doença de difícil tratamento.

A terceira visita se daria no quarto de número 3, mas a paciente nos surpreendeu no corredor do hospital e, jogando-se aos pés do médico, disse-lhe em tom de desespero:

— Ajude meu marido, Doutor! Eu estive lá... Ele vai matar-se! Socorra-o!
— Dirce... Dirce... Você saiu sem permissão novamente! Não sabe do nosso regulamento?

— Foi desespero, Doutor! Ele descobriu o que fiz.

— Quem lhe contou?

— Ele achou a carta e...

Quando a paciente se deu conta da minha presença, calou-se imediatamente. Então, o médico lhe disse:

— Não se preocupe! Essa nossa irmã é minha amiga, é de confiança.

Ela, então, fixou os olhos em mim e disse:

— Desculpe-me, senhora. É que meu remorso é muito grande. Às vezes, parece que vai sufocar-me. Eu traí... Fui invigilante, mas me arrependi... Entende... não é, Doutor?

Ela parecia confusa, aflita. As palavras se misturavam. O Doutor interveio e acalmou-a dizendo:

— Dirce, não entremos em detalhes. Virando-se para mim, resumiu:

— Dirce foi “sugada” pelo vício do sexo descontrolado. Cedendo aos impulsos do passado, enganou o companheiro por alguns anos, mas hoje está sendo sincera, quando diz que se arrependeu. Aliás, seu arrependimento se deu ainda quando encarnada, mas uma parada cardíaca a impediu de confessar os erros ao esposo e, agora, três anos depois da desencarnação, o marido apaixonado encontrou em seus pertences uma carta de amor enviada a ela por seu amante. O esposo, que não havia se recuperado da perda do grande amor de sua vida, em conhecendo o conteúdo da carta, desequilibrou-se de vez e, agora, alimenta a idéia de suicídio.

Enquanto dois enfermeiros conduziam Dirce de volta ao quarto, o Dr. Estefânio disse:

— Está vendo, irmã?... É por isso que há um desejo por parte dos benfeitores da humanidade de que os encarnados se conscientizem enquanto ainda estão no corpo. A desencarnação não nos liberta da maneira como muitos imaginam. A quem pense que basta

desencarnar para se tornar o benfeitor da

família que ficou, acontece o contrário: os dramas se avolumam de tal maneira, que a visita aos entes queridos em algumas situações ficam “proibidas”, para que não aconteça coisa pior. Veja o caso de Dirce. Inspiração dos benfeitores não lhe faltou, mas ela preferiu ignorá-la e agora desespera-se! Quer “salvar” o esposo, mas como poderia fazer isso, se ainda se encontra em desequilíbrio? Basta ver como nos abordou no corredor do hospital!

— Devo crer que a ajuda ao esposo encarnado já foi providenciada?

— Sem dúvida... Diz o provérbio que a justiça divina tarda, mas não falha. Eu diria que ela nem tarda: sempre age na hora propícia, ou seja, quando há fé e merecimento. Em verdade, nossos irmãos, via de regra, assumem a seguinte postura:

- o dever, deixam para amanhã;

- o amparo, desejam que seja para ontem.

Assim, é impossível.

Visitamos mais alguns convalescentes, cada qual com seus dramas íntimos. Vale ressaltar, para um melhor entendimento, que havia sentimentos e dramas comuns em quase todos eles, como remorso pelo tempo perdido, a desilusão - no caso de alguns religiosos que esperavam o Céu (os católicos) e outros que esperavam ir para Nosso Lar (espíritas), tristezas, inconformação e, em alguns casos, até revolta por não aceitarem a realidade.

O que consola é saber que todo aquele sofrimento é passageiro. Desejando compartilhar o aprendizado o qual me era permitido, solicitei ao Doutor se não me responderia algumas questões concernentes ao que havíamos visto. O amigo, sempre prestimoso, concordou, desde que não houvesse nenhuma formalidade e que ficasse claro que seriam opiniões, considerações, que vinham de um espírito em evolução, portanto próprias a serem contestadas.

Sentamo-nos de frente um para o outro e, como dois velhos amigos que somos, indaguei-lhe:

— Como o senhor vê a mediunidade em dias atuais?

— A mediunidade... como um canal maravilhoso de comunicação entre os dois planos da vida. A comunicabilidade com os “mortos” cada vez é mais aceita pela mídia, pelos que se diziam materialistas. E não falta muito tempo para a própria Ciência admitir publicamente essa realidade. Pena que não se possam fazer elogios aos médiuns, quase sempre limitadíssimos neste aspecto, sem terem noção mais completa sobre o assunto.

— Todavia, com o tempo, haverá uma conscientização, não é?

— E quanto tempo mais será que precisam os militantes da fé espírita? E difícil reencarnar; são poucas “vagas” para muitos candidatos. Não se pode deixar a encarnação passar em “branco”.

— E sobre este hospital, o que o senhor poderia dizer?

— É apenas um pronto-socorro. São muitos deste outro lado, assim como na Terra, cada qual com seu objetivo, é claro. Nosso trabalho chega a ser irrisório, se comparado com a luta de irmãos que labutam em situações bem mais precárias, tendo contato com espíritos portadores de maldade até assustadora.

— Não só os espíritas, mas os religiosos, de maneira geral, precisam refletir sobre a mensagem cristã. Concorda?

— Concordo plenamente. Igreja, centro, terreiro... são opções humanas, não divinas. O amor acima de tudo. Preferências religiosas podem ficar em plano secundário, a não ser, é óbvio, que haja necessidade evolutiva de o indivíduo pertencer a este ou àquele segmento religioso. Ainda assim, a vivência do amor é definitiva para a felicidade.

- O senhor, que foi médico na Terra e espírita, como vê o avanço da Ciência?
- Por mais que a Ciência avance, enquanto o homem não aprender a amar, continuará doente.
- E quanto às doenças incuráveis? A Ciência conseguirá erradicá-las?
- Se ainda não o fez, talvez seja porque a humanidade ainda necessite delas.
- E quanto à fé?
- Erágil, muito frágil... - na maioria dos encarnados.
- Mas o otimismo...?
- O otimismo sempre. Não há por que nos sentirmos derrotados ou em desânimo.

Estes

assuntos delicados que estamos abordando e os casos que você viu servem para que os encarnados pensem e repensem suas existências no corpo. Este é o intuito... Às vezes, um livro, uma linha, uma colocação de um amigo espiritual podem fazer com que a criatura tenha um “lampejo de luz” e passe a comportar-se de maneira diferente. Um dos “segredos” é fazer o que nos compete e confiar na Providência Divina. Já que Deus sabe o que é o melhor para nós, deveremos receber as provas da vida, por pior que sejam, com alegria e resignação, sem questionamentos infelizes.

Confiar em Deus... isso é importante.

* * *

Despedi-me do amigo e retornei às minhas tarefas.

Capítulo 20 Últimas Palavras

Como as polêmicas não trazem nada de bom aos nossos núcleos espíritas e levando-se em consideração que serão os espíritas - provavelmente a maioria - que tomarão contato com esta obra, sinto-me no dever de explicar, para que minhas palavras não dêem a impressão de que, após a desencarnação, nossos irmãos serão todos conduzidos imediatamente a colônias e que serão todos parabenizados pelo que fizeram na seara espírita; advirto que os casos narrados por mim, retratando - a maioria - a alegria, o equilíbrio, a paz íntima, a consciência de si mesmo... são situações que não acontecem a todo momento; ao contrário disso, o que se vê deste outro lado, na maioria das vezes, são desequilíbrio e desespero, principalmente por parte dos religiosos que, em geral, tentaram mudar os outros, mas esquecendo-se da própria mudança interior.

Não é simples nem fácil enfrentar a realidade dos fatos depois da desencarnação, principalmente quando criamos ilusões a nosso próprio respeito. Se não narrei desencarnações dignas de piedade nem detalhei as regiões de extremo sofrimento onde estagiam alguns irmãos desencarnados, foi porque este não era o objetivo da obra, mas acreditar que elas não existam é acreditar nas fantasias desapropriadas de bom senso.

Sem sinceridade no desejo de combater nossos vícios milenares, por mais que sirvamos pratos de sopa e façamos discursos empolgados sobre as tribunas, não teremos diminuído nosso vazio existencial depois da morte.

Prestes a concluir este trabalho, o sentimento que me invade é de profunda gratidão aos “nossos superiores” que me permitiram, apesar de minhas incontáveis limitações e de minha inexperiência na área da literatura, trazer a lume palavras de estímulo, que não têm outro objetivo, senão consolar corações aflitos. Considero-me uma mãe do coração do médium que me serve, por isso me sinto à vontade para dizer que, depois de séculos de equívocos e de estágios sucessivos em regiões inferiores da vida espiritual, hoje ensaia os

primeiros passos na rota segura do amor. Como se encontra no início de uma longa caminhada, peço a Deus que o abençoe e que não permita que se perca novamente nos atalhos da ilusão, como outrora. Estendo o meu humilde pedido a todos os médiuns, especialmente àqueles que têm a tarefa da produção literária em grande escala. Médiuns que trazem luz através do livro espírita, a duras penas, perseguições espirituais, críticas, questionamentos infundados e assim por diante. Que todos eles tenham a perseverança necessária para vencerem os obstáculos e vencerem a si mesmos.

Como últimas palavras, gostaria de perguntar ao irmão ou irmã:

Quantas vezes já se deparou com problemas aparentemente intransponíveis?

Quantos desafios diferentes surgiram em seu caminho, na atual existência?

Quantas vezes a máquina física falhou e teve a sensação de que iria morrer?

Quantas vezes sofreu o assédio daquele inimigo do passado que veio lhe cobrar dívidas antigas, levando você quase à loucura?

Quantas vezes sofreu a calúnia que lhe feriu profundamente a alma?

No momento em que você lê essas singelas anotações, pense:

Onde estão hoje: os desafios, os problemas, a doença, o inimigo, o caluniador?

Você, sem perceber, venceu todos eles...

Os problemas foram transpostos...

Os desafios foram vencidos...

O corpo recuperou o equilíbrio...

O adversário desencarnado tornou-se o amigo...

Os caluniadores foram vencidos por sua persistência...

Vê como foi possível? Conseguiu superar com heroísmo todas as dificuldades. Por certo, outros caluniadores surgirão em sua vida, para lhe oferecer a lição do aprendizado. E, mais uma vez, você poderá vencer. Afinal, **tudo é possível àquele que crê!**

